



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
LÍNGUA E CULTURA**

**LAYZ MARQUES DA CRUZ**

**EXPRESSÃO/OMISSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL  
NO ESPANHOL DE CUBA E ESPANHA:  
ANÁLISE E COMPARAÇÃO DE DADOS  
ENTRE HAVANA E MADRI**

Salvador - Bahia  
2018

**LAYZ MARQUES DA CRUZ**

**Expressão/omissão do sujeito pronominal  
no espanhol de Cuba e Espanha: análise e comparação de dados  
entre Havana e Madri**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Língua e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Felipe da Conceição Pinto.

Salvador  
2018

Esta Dissertação foi financiada integralmente com uma bolsa de Mestrado da **Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb)**, pedido nº 5985/2016, no período de 01/08/2016 a 31/07/2018.

## AGRADECIMENTOS

Uma vez percorrida toda trajetória do mestrado, trago comigo o sentimento de gratidão por algumas pessoas que estiveram por perto durante esses dois anos, acrescentando conhecimento, amizade, zelo e amor. Então, aqui vão meus sinceros agradecimentos:

A toda e qualquer força superior que possa ter atuado e me permitido escalar essa montanha que é o mestrado;

À minha avó Julieta, pelas palavras de toda a vida: "Não largue seus estudos. Não pare, minha filha, não pare";

À minha mãe pela compreensão, amor, carinho e orações;

À meu esposo Abrahão, por mais uma etapa cumprida do nosso plano de vida juntos;

Ao meu orientador Prof. Dr. Carlos Felipe Pinto, pela oportunidade e por ter me acolhido como aprendiz;

Aos amigos Carolina Trindade, Jéssica Gleizer e Albert Ribeiro, com quem tive a oportunidade de dialogar, não apenas sobre teorias, mas também sobre as dificuldades, lamentos e realidades que vêm com a construção de uma pesquisa acadêmica;

Aos professores Dr. Rerisson Cavalcante e Dr<sup>a</sup> Samara Ruas, por participarem da banca de defesa desta Dissertação, dando importantes colaborações ao trabalho.

## RESUMO

A presente dissertação tem como proposta apresentar e analisar o fenômeno da expressão/omissão do sujeito pronominal no espanhol falado em Cuba e Madri. Na seção 1, introduzimos nosso tema, apresentamos os objetivos geral e específico, bem como nossas hipóteses para esta análise. Na seção 2, discutimos a diversidade do espanhol atual a partir das reflexões de Henríquez Ureña (1921), Rona (1964), Lope Blanch (1989), Fontanella de Weinberg (1993), Moreno Fernández (2000), Alkmim (2001), Fanjul (2004), Irala (2004), Pinto (2009), dentre outros autores, trazendo também algumas propostas de divisão dialetal da língua espanhola. Na seção 3, associamos a Teoria Gerativa, a partir da Teoria de Princípios e Parâmetros reformulada por (CHOMSKY, 1981, 1993, 1995) e a Sociolinguística Variacionista, com bases em Tarallo (1987), Tarallo e Kato (1989), Ramos (1992,1999) e outros, a fim de explicar como será observado o nosso objeto de estudo. Na seção 4, apresentamos como se dá a organização dos pronomes no espanhol e também como são classificados os pronomes pessoais neste idioma. Através da Teoria de P&P explicamos o funcionamento do fenômeno da omissão e/ou expressão do sujeito pronominal. Na seção 5, apresentamos os dados da variável dependente expressão ou omissão do sujeito pronominal nas capitais Madri e Havana através das variáveis independentes de tipo de oração, tipo de pessoa e referência, deixando com sugestão para um estudo mais aprofundado a variável independente de valor discursivo, separando os sujeitos expressos que se apresentam como tópico ou foco na sentença. Observamos o fenômeno na fala de quatro informantes, dois de cada cidade, um jovem e um idoso de cada cidade, sendo todos de baixa escolaridade, de acordo com a disponibilidade encontrada no *corpus* PRESEEA. As conclusões gerais do trabalho mostram que o sujeito nulo prevaleceu em todas as idades, inclusive em ambas as cidades, o que não confirma a hipótese de que Cuba teria um comportamento diferente do espanhol de Madri, mesmo considerando suas influências indígenas e africanas que viriam a interferir na locução do falante atual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua Espanhola. Teoria Gerativa. Sociolinguística. Espanhol Caribenho. Sujeito Pronominal.

## RESUMEN

La presente disertación tiene como propuesta presentar y analizar el fenómeno de la expresión /omisión del sujeto pronominal en el español hablado en Cuba y Madrid. En la sección 1, introducimos nuestro tema, presentamos los objetivos general y específico, así como nuestras hipótesis para este análisis. En la sección 2, se discute la diversidad del español actual desde las reflexiones de Henríquez Ureña (1921), Rona (1964), Lope Blanch (1989) Fontanella de Weinberg (1993), Fernández Moreno (2000), Alkmim (2001), Fanjul (2004), Irala (2004), Pinto (2009), entre otros autores, trayendo también algunas propuestas de la división dialectal de la lengua española. En la sección 3, asociamos la Teoría Generativa, desde la Teoría de los Principios y Parámetros reformulada por (CHOMSKY, 1981, 1993, 1995) con la Sociolingüística Variacionista, apoyándonos en Tarallo (1987) Tarallo y Kato (1989), Ramos (1992, 1999) y otros, a fin de explicar cómo se observará nuestro objeto de estudio. En la sección 4, presentamos como se da la organización de los pronombres en el español y también como se clasifican los pronombres personales en este idioma. A través de la Teoría de P&P explicamos el funcionamiento del fenómeno de la omisión y/o expresión del sujeto pronominal. En la sección 5, presentamos los datos de la variable dependiente expresión u omisión del pronombre sujeto en las capitales Madrid y La Habana por las variables independientes del tipo de oración, tipo de persona y de referencia, dejando como sugerencias para estudiar más a fondo la variable independiente de valor discursivo, separando los sujetos expresos que se presentan como tópico o foco en la sentencia. Observamos el fenómeno en el habla de cuatro informantes, dos de cada ciudad, jóvenes y adultos de las dos ciudades, todos con bajo nivel de educación, de acuerdo a la disponibilidad encontrada en el *corpus* PRESEEA. Las conclusiones generales del estudio muestran que el sujeto nulo se impuso en todos los grupos de edad, en ambas ciudades, lo que no confirma la hipótesis de que Cuba tendría un comportamiento diferente del español de Madrid, incluso teniendo en cuenta sus influencias indígenas y africanas, que podrían interferir en el hablante actual.

**PALABRAS CLAVES:** Lengua Española. Teoría Generativa. Sociolingüística. Español Caribeño. Sujeto Pronominal.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1.</b> Pronomes Pessoais do Espanhol	72
<b>Tabela 2.</b> Sujeitos Pronominais	73
<b>Tabela 3.</b> Tipologia das Categorias Vazias	87
<b>Tabela 4.</b> Cômputo geral as orações	100
<b>Tabela 5.</b> Visão geral da realização do sujeito	101
<b>Tabela 6.</b> Resumo do resultado nas orações matrizes	102
<b>Tabela 7.</b> Resumo do resultado nas orações subordinadas	103
<b>Tabela 8.</b> Resumo do resultado nas orações coordenadas	105
<b>Tabela 9.</b> Comparativo Expressão/Omissão do Sujeito entre os Tipos de Orações	105
<b>Tabela 10.</b> Comparativo Expressão/Omissão do Sujeito Pronominal entre os Tipos de Pessoas	106
<b>Tabela 11.</b> Comparativo de 1ª pessoa entre singular e plural	107
<b>Tabela 12.</b> Comparativo de 3ª pessoa classificados em [+/-Humano]	108

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**Agr:** Concordância

**C-comando:** comando categorial

**ec:** categoria vazia (empty category)

**EPP:** Princípio de projeção estendida (Extended Projection Principle)

**GT:** Gramática Tradicional

**GU:** Gramática Universal

**RAE:** Real Academia Española

**Spec-TP:** Posição de especificador do sintagma de tempo TP – Núcleo da categoria funcional TP

**t:** Vestígio (trace)

**T°:** Núcleo do sintagma de tempo



<b>1. INTRODUÇÃO</b>	10
1.1 ÁREAS DA PESQUISA	13
1.2 OBJETIVOS	17
1.3 HIPÓTESES	17
1.4 DIVISÃO DA DISSERTAÇÃO	17
<b>2 O ESPANHOL ATUAL: UNIDADE NA DIVERSIDADE</b>	19
2.1 EXTENSÃO TERRITORIAL	19
<b>2.1.1 <i>Español</i> ou <i>Castellano</i>?</b>	19
<b>2.1.2 Onde se fala espanhol</b>	20
<b>2.1.3 Espanhol como primeira e segunda língua</b>	22
2.2 ESPANHOL: UMA LÍNGUA HETEROGÊNEA	23
2.3 DOMÍNIO HISPÂNICO: ESPANHOL DA AMÉRICA E	26
ESPANHOL DA ESPANHA	
2.4 ZONAS DIALETAIS DO ESPANHOL	29
2.5 ESPANHOL CARIBENHO	33
<b>2.5.1 Africanismos no Espanhol Caribenho</b>	36
<b>2.5.1.1 O Espanhol Cubano</b>	37
<b>2.5.1.1.1. Características sintáticas do Espanhol Cubano</b>	39
2.6 CONCLUINDO A SEÇÃO	40
<b>3 A GRAMÁTICA GERATIVA E A SOCIOLINGÜÍSTICA</b>	42
<b>VARIACIONISTA</b>	
3.1 A GRAMÁTICA GERATIVA	44
<b>3.1.1 A Faculdade da Linguagem</b>	49
<b>3.1.2 A Teoria de Princípios e Parâmetros</b>	51
3.2 A SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA	56
<b>3.2.1 Língua e sociedade</b>	57
<b>3.2.2 Variedade, variável e variantes e linguísticas</b>	58
<b>3.2.3 Critérios linguísticos e extralinguísticos</b>	59
<b>3.2.4 Variedade Padrão</b>	63
<b>3.2.5 Teoria da Variação e da Mudança Linguística</b>	64
3.3 VARIAÇÃO PARAMÉTRICA OU SOCIOLINGÜÍSTICA	66
PARAMÉTRICA	

<b>3.3.1 Discussões sobre Variação</b>	68
3.4 CONCLUINDO A SEÇÃO	69
<b>4 O PRONOME PESSOAL E O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO NO ESPANHOL</b>	71
4.1 OS PRONOMES PESSOAIS NO ESPANHOL	71
<b>4.1.2 Contraste, ênfase e ambiguidade</b>	74
<b>4.1.3 Redundância</b>	75
4.2 O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO	76
<b>4.2.1 Parâmetro do Sujeito Nulo</b>	76
<b>4.2.2 Teoria da Ligação</b>	80
<b>4.2.3 Classes de Categorias Vazias</b>	83
<b>4.2.4 Estruturas Pragmaticamente Marcadas</b>	87
<b>4.2.5 Concordância e sujeito nulo</b>	89
<b>4.2.6 O sujeito nulo no Espanhol do Caribe</b>	89
4.3 CONCLUINDO A SEÇÃO	91
<b>5 COMPARANDO O SUJEITO NULO ENTRE MADRI E HAVANA</b>	92
5.1 A VARIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA	92
<b>5.1.2 A seleção da variável</b>	93
5.2 SOBRE O <i>CORPUS</i> PRESEEA	97
5.3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	98
<b>5.3.1 Metodologia</b>	98
<b>5.3.2 Apresentação dos dados</b>	99
5.4 CONCLUINDO A SEÇÃO	108
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	110
<b>REFERÊNCIAS</b>	114

## 1. INTRODUÇÃO

Em sintaxe, o sujeito é uma classe de argumentos verbais ou sintagma requerido por verbos finitos, em línguas nominativo-acusativas, sendo um dos elementos destacados da maioria das orações nessas línguas. Em muitas línguas do mundo, toda oração completa requer a presença de um sujeito explícito, em outras, ao contrário, se aceita a possibilidade de que não exista um elemento realizado foneticamente que pode ser interpretado como sujeito, como no caso do sujeito elíptico.

Nas línguas humanas o sujeito pode ser de dois tipos: referencial e expletivo. No exemplo abaixo, o sujeito referencial carrega consigo um valor semântico, que é retomado depois, como na resposta de (1):

- (1) - Onde vocês foram?  
- Fomos à praia.

Embora o sujeito “nós” não esteja explícito na resposta, ele está implicitamente marcado pela terminação verbal “fomos”. De acordo com Castilho (2010), um sujeito referencial é aquele que destaca determinado referente dentre o conjunto dos referentes possíveis que compartilham as propriedades indicadas pelo sintagma nominal-sujeito.

Em algumas línguas, por outro lado, não existe sujeito semântico nas orações genuinamente impessoais (as relacionadas, por exemplo, com verbos meteorológicos: *llueve, nieva...*). Entretanto, nas línguas de sujeito explícito obrigatório costuma aparecer um pronome expletivo no lugar do sujeito, como acontece em francês e inglês, exemplificados em (2a) e (3a).

- |                 |               |
|-----------------|---------------|
| (2a) It rains   | (2b) * rains  |
| (3a) Il pleut   | (3b) * pleut  |
| (4a) *él llueve | (4b) Ø llueve |

Em (2a) e (3a) aparecem os "pronomes expletivos" *it* e *il* que não possuem referente real, são semanticamente vazios. Ao passo que as formas de (2b) e (3b) são agramaticais sem os respectivos expletivos. No caso de (4b) o sujeito é

obrigatoriamente vazio para verbos meteorológicos no espanhol, o que culmina na agramaticalidade de (4a) se aparece um sujeito com valor semântico. No contexto dos verbos meteorológicos, ou realizam sempre o sujeito foneticamente, ou ele pode ser vazio, não havendo uma terceira opção.

Em relação à realização do sujeito, as línguas podem ser [+ *pro-drop*], como o espanhol e o italiano, que admitem o sujeito nulo, ou [-*pro-drop*], como o inglês e o francês, em que, de maneira geral, o sujeito nulo é agramatical. Observem-se os exemplos em (5) e (6) a seguir, do espanhol e do inglês respectivamente:

- (5) a. Juan dijo que Pedro come manzanas.  
 b. Juan dijo que él come manzanas.  
 c. Juan dijo que \_\_\_ come manzanas.
- (6) a. John said that Peter eats apples.  
 b. John said that he eats apples.  
 c. \*John said that \_\_ eats apples.

Pronomes na função de sujeito em (5a) e (6a) apresentam diferentes valores discursivos ao passo que em (5b) e (6b) apresentam contraste na estrutura. O sujeito pronominal pode estar oculto em línguas como o espanhol. De acordo com Luján (1999), a expressão do sujeito é uma opção marcada, funcional, usada em situações de ênfase e contraste ou para desfazer ambiguidade. Já em línguas como o inglês é obrigatório o sujeito pronominal na sentença. Chomsky (1981) condensa uma gama de propriedades identificadas nas línguas de sujeito nulo que não se revelam em línguas de realização obrigatória do sujeito: a) sujeito referencial nulo; b) ausência de sujeito expletivo; c) ausência de efeito *that-trace*; d) movimento longo de sujeito-wh; e) inversão livre do sujeito com o verbo.

Segundo Rizzi (1988, 1997) a fixação positiva do valor do Parâmetro do Sujeito Nulo por uma língua cuja posição pré-verbal do sujeito pode ser ocupada, sempre que possível, por pronomes referenciais foneticamente nulo está relacionada com a morfologia de flexão verbal rica no que concerne às especificações gramaticais fornecidas pelos morfemas a cada pessoa do paradigma flexional nessa língua. De acordo com Alarcos Llorach (1994), a relação de dependência entre o segmento que funciona como sujeito explícito e o sujeito gramatical (a flexão de pessoa do verbo)

se faz notória a partir da concordância, que iguala os morfemas de pessoa e número entre ambos os sujeitos.

As línguas de sujeito nulo apresentam uma morfologia formalmente rica, composta por seis marcas verbais distintivas, possibilitando a omissão do sujeito pronominal, a exemplo da variedade de Madri. Já a variedade do Caribe tende a uma morfologia simplificada ao sofrer a perda do fone [s] em final de sílaba, que afeta a morfologia da segunda pessoa do singular. A ausência de *vosotros* em todo o espanhol americano também é um fato que influencia no paradigma verbal da variedade caribenha.

Toríbio (2000), contrasta propiedades do sujeito pronominal entre o espanhol dominicano e o espanhol geral. Observem-se os exemplos de (8) a seguir:

(7) a. *Yo no lo vi, él/ estaba en Massachusetts, acababa de llegar, pero muy probable para el domingo pasado, que fue Día de las Madres allá, él/ esperaba en Nueva York...El/ estaba donde Eugenia, y yo creo que él/ se va a quedar allá...*

b. *Ello* llegan guaguas hasta allá.

c. Ellos querían renovar el centro para el turismo y *ello* hay mucha gente que lo opone.

d. Papi ¿qué *ese letrado* dice?

e. Ven acá para *nosotros* verte.

f. A la cisterna mía ya no le falta agua. *Ella* tiene agua.

(TORIBIO, 2000, p. 319-321)

Entre as variações que aparecem no espanhol da região do Caribe, na República Dominicana, estão: (7a) uso excessivo de pronomes; (7b) e (7c) pronome *ello* como expletivo; (7d) posicionamento pré-verbal do sujeito nas interrogativas; (7e) orações não finitas com sujeito pronominal nominativo pré-verbal; (7f) uso de pronome sujeito com referência não humana.

A variação da língua espanhola é afirmada por Lope Blanch (1989, p. 29):

“La lengua española sigue siendo el sistema lingüístico de comunicación común a veinte naciones, no obstante las particulares diferencias –léxicas, fonéticas y, en menor grado, morfosintácticas- que esmaltan el uso en unas y otras. Diferencias que se producen entre todos esos veinte países, sin permitirnos establecer dos grandes modalidades bien contrastadas – española y americana- por cuanto que, además, existe mayor afinidad entre

algunas modalidades americanas y españolas que entre ciertas modalidades hispanoamericanas entre sí.”

O Caribe insular tem sido tratado como uma zona linguística única (cf. HENRIQUEZ UREÑA, 1921; MORENO FERNÁNDEZ, 2000). Considerando a afirmação de Lope Blanch (1989) acima, levantamos o questionamento de se a realização do sujeito pronominal se dá de maneira homogênea entre diferentes faixas etárias, dentro de um mesmo nível de escolaridade e mesmo gênero/sexo com as mesmas características em Havana e se opondo a Madri.

### 1.1 ÁREAS DA PESQUISA

A pesquisa estará situada entre duas grandes áreas: a Teoria Gerativa, que será o ponto de partida para analisar a estrutura linguística do sujeito nulo, e a Teoria Sociolinguística, que auxiliará a perceber como se dá a implementação do fenômeno na sociedade.

De acordo com a teoria gerativista, a mente humana é organizada em faculdades, cada uma contendo princípios específicos. A faculdade da linguagem, ou seja, a capacidade para adquirir uma língua, é comum aos membros da espécie humana. Dentro desta teoria, o ser humano tem a capacidade inata para adquirir uma língua, partindo do conceito de que a mente do indivíduo não se compara a um recipiente para ser preenchido com coisas, mas sim para ser estimulada e incitada, o que favorece o crescimento do conhecimento. (RALPH CUDWORTH *apud* CHOMSKY 1986).

A representação mental do conhecimento de uma língua por parte de um indivíduo, a língua-I - língua interna e individual do sujeito – é o objeto de estudo da gramática gerativa (CHOMSKY, 1986). Em oposição a esta, está a língua –E, língua externa e comum a todas as línguas naturais.

O interesse deste trabalho, bem como o da Gramática Gerativa, é a língua-I. Sendo a linguagem um dos componentes cognitivos existente na mente, consideramos que a língua-I é somente um módulo mental da inteligência humana. E por sua vez, a linguagem também possui uma modularidade, composta por seus *sub-módulos*: módulo fonológico, módulo morfológico, módulo sintático, módulo semântico e módulo pragmático. De acordo com Kenedy (2013), tal conceito explica que a língua-I do indivíduo vem a ser um grupo de conhecimentos especializados e relativamente independentes entre si.

Aqui, apenas o módulo sintático nos interessa, uma vez que a sintaxe ocupa lugar de destaque nas propostas da Linguística Gerativa, pois o caráter gerativo das línguas é evidenciado no componente sintático da gramática. Dessa maneira, não nos aprofundaremos em nenhum dos outros *sub-módulos*.

O módulo sintático é um dos mais complexos e dinâmicos da linguagem. Prova disso é que o número de palavras no âmbito lexical e o número de morfemas possíveis no âmbito morfológico são imensos, porém sempre finitos. Ao passo que o número de sintagmas e frases possíveis de construir com o conhecimento sintático é infinito. Daí o aspecto criativo deste módulo da linguagem ser uma das propriedades mais importantes da fala humana.

A Gramática Universal é um conjunto de princípios linguísticos comuns a toda a espécie humana, uma vez que é determinada geneticamente. Ela contém princípios invariáveis, a exemplo, do fato de toda oração projetar uma categoria sujeito (mesmo que essa posição não contenha carga fônica) ou a obrigatoriedade de todos os papéis temáticos projetados por um predicador serem realizados (pelo menos na forma lógica). Tais princípios abstratos são rígidos e valem para todas as gramáticas, de qualquer língua humana. Uma versão da Teoria de Princípios e Parâmetros (P&P) da Gramática Gerativa assume que a realização concreta dos princípios depende dos parâmetros, que são variáveis, podendo assumir dois valores distintos, a depender da gramática de cada língua: podem estar marcados negativa ou positivamente, sendo essa a distinção entre as diversas línguas humanas.

Pesquisas realizadas nas últimas décadas sobre o marco da Sociolinguística Variacional verificaram que há frequente variação do uso do pronome dentro do domínio hispânico, destacando-se o espanhol da América e, com maior ênfase, no espanhol do Caribe. De acordo com Lope Blanch (1992), verdades inquestionáveis são repetidas sobre as marcas definidoras do espanhol da América, sendo uma delas a surpreendente uniformidade. No entanto, revela-se um aspecto característico na sintaxe do espanhol caribenho atual, o uso quase obrigatório de pronomes pessoais em função de sujeito, o que poderia levar esta variante regional a perder o padrão de língua [*pro-drop*] da tradição gerativista (GUTIÉRREZ MATÉ, 2013).

A referida perda pode ser influência da *margilanidad* nas Antilhas espanholas durante o período colonial, que culminou no despovoamento parcial das ilhas e na

incorporação da mão-de-obra escrava africana (AMPARO MORALES *apud* GUTIÉRREZ MATÉ, 2013). Essa hipótese foi utilizada frequentemente para explicar a mudança linguística no sujeito nulo do espanhol caribenho, bem como verificado em Ortiz *apud* Gutiérrez Maté ao estudar os restos da fala boçal afro cubana, percebendo que a redundância de pronomes de sujeito ultrapassa a fronteira do elemento afro-hispânico:

no descartamos que el contacto afrohispanico haya sido uno de los factores que impulsó la obligatoriedad de los pronombres entre la población cubana y caribeña en general, pues, es sin duda en zonas bastante africanizadas, como muestra ser esta región, en donde este fenómeno manifiesta las frecuencias más altas, no sólo en el caso de la forma pronominal *tú*, interpretada por muchos investigadores por la ausencia de la marca de la segunda persona singular, sino en todos los pronombres. Esta hipótesis aún no se ha puesto a prueba. Estudios dialectales y sociolingüísticos futuros sobre este determinado fenómeno podrán ofrecer validez o rechazo a tal hipótesis.

Um estudo sobre a gramática poderá esclarecer e apresentar novas conclusões sobre a unidade e a diversidade do espanhol atual. Do contrário, vigorará a observação de José P. Rona citada por Lope Blanch ,1992:

Esta llamada homogeneidad del español americano se ha convertido ya en lugar común y, como tal, no suele ser examinada en cuanto a su veracidad o falsedad. Se trata de uno de los numerosos mitos que circulan en este terreno, y que creemos poder atribuir al hecho de que se empazara a hablar y escribir del español americano antes de conocerse el español americano.

Espanha e América desfrutam de uma mesma língua e se compreendem perfeitamente, o que não se pode aceitar é a afirmação de que em um território tão grande quanto a América se conserva uma língua homogênea. Em meio às variações do espanhol da América, o espanhol caribenho apresenta uma oposição ao chamado espanhol geral, como o uso do expletivo *ello* em (8), o uso de *ellos* para fazer referência a indivíduos não citados antes em (9) e também a anteposição nas interrogativas do tipo de (10):

(8) Ello llueve

(9) En el trabajo ellos se maquillan.

(10) ¿Qué tú quieres?



De acordo com o linguista dominicano Orlando Alba (2009), na República Dominicana, o uso do pronome sujeito é um fenômeno bastante generalizado e considerado como uma característica normal da língua culta. Para muitos dominicanos não há duas opções de uso, a única opção disponível seria a expressão do sujeito pronominal.

Segundo Gutierrez Maté (2013), os falantes da região são conscientes de que o espanhol caribenho carrega consigo algumas características singulares, gerando inclusive a reprodução de estereótipos da fala caribenha entre hispanofalantes quanto à distinção do acento caribenho em relação a outras zonas da América ou Espanha.

Em meio às propostas de constituir zonas dialetais da língua espanhola na América, está a de Henriquez Ureña (1921), que estabelece cinco zonas a partir de critérios de proximidade geográfica, de relações políticas e culturais mantidas com a Espanha no decorrer da época colonial e de contato com uma língua indígena.

Uma dessas zonas dialetais sugeridas também por outros autores (RONA, 1964; RESNICK, 1975; ZAMORA MUNNÉ Y GUITART, 1982) é a zona do espanhol do Caribe, que em geral, abraça regiões como as Antilhas, Venezuela (excluindo a Cordilheira), parte da Colômbia e da América Central.

O cômputo de pesquisas apresentado por autores ditos “caribistas”, como Henríquez Ureña e Navarro Tomás revela um interesse pela variedade local. O espanhol caribenho apresenta oposições ao chamado espanhol peninsular, a exemplo de algumas que elencou Moreno Fernández (2000) nos vieses da fonética, gramática e léxico: alargamento vocálico (República Dominicana); uso expresso de pronome pessoal sujeito: *¿Tú te quedas o tú te vas?*; uso de *ustedes* com valor de segunda pessoa do plural; posposição de possessivos: *el hijo mío, la casa de nosotros*; diminutivo afetivo em advérbios, gerúndios, etc: *ahorita, corriendito*; Diminutivo com -ic-: *gatico, ahoritica* (Cuba); tuteo; uso de pronome diante do verbo em interrogativas: *¿Qué tú quieres?*

No âmbito da sintaxe, os estudos dos “caribistas” trazem consigo um interesse maior em duas características peculiares da região, a saber, o uso frequente do pronome sujeito em relação a outras variedades do idioma e a tendência a antepor o sujeito ao verbo.

## 1.2 OBJETIVOS

Nesse sentido, esse trabalho tem o objetivo de analisar falas de informantes das capitais Havana e Madri, com o intuito de verificar e comparar as incidências em ambas variedades. Pretende-se descrever os contextos de omissão e realização dos sujeitos pronominais, a fim de elencar quais fatores favorecem mais cada opção. Planeja-se ampliar e auxiliar os estudos sobre o espanhol caribenho, objeto de estudo científico com conteúdo escasso, apesar de trabalhos produzidos pelos já citados “caribistas”.

## 1.3 HIPÓTESE

No que tange à amostra de Madri, esperamos encontrar um comportamento típico de línguas de sujeito nulo, uma vez que esta apresenta uma morfologia formalmente rica, ou seja, possui seis marcas verbais distintivas, que possibilitam omitir o sujeito pronominal. Então, esperamos ver mais sujeito nulo em Madri. Em contrapartida, esperamos encontrar menos sujeito nulo em Havana, devido a sua morfologia mais simplificada devido à perda do fone [s] em final de sílaba, que afeta a morfologia da segunda pessoa do singular, além da ausência de *vosotros* em todo o espanhol americano, simplificando o paradigma verbal dessa variedade.

## 1.4 DIVISÃO DA DISSERTAÇÃO

Essa pesquisa se divide em seis seções, a contar da introdução.

Na seção 2, tratamos sobre a variação da língua espanhola, abordando o espanhol atual e discutindo a sua unidade dentro de uma diversidade.

Na seção 3, esclarecemos sobre as bases teóricas que adotamos para esta análise: a Teoria Gerativa, a partir da Teoria de Princípios e Parâmetros reformulada por Chomsky (1981, 1993, 1995) e a Sociolinguística Variacionista. A associação entre ambas teorias já foi adotada por Tarallo (1987), Tarallo e Kato (1989), Ramos (1992,1999) e outros, que a denominam de Sociolinguística Paramétrica. Na gramática gerativa buscamos as hipóteses gramaticais que orientaram a seleção de quais aspectos sintáticos observar, com o objetivo de delinear um perfil mais detalhado da expressão/omissão do sujeito pronominal em variantes distintas do espanhol, neste caso as variantes de Cuba e Madri. E com a Sociolinguística, buscamos verificar como o nosso objeto de estudo, o sujeito pronominal, se dá na

sociedade, a fim de descrever causas que favoreçam ou não o apagamento/presença do mesmo.

Na seção 4, apresentamos como se dá a organização dos pronomes no espanhol e também como são classificados os pronomes pessoais neste idioma. A partir da Teoria de P&P explicamos o funcionamento do fenômeno da omissão e/ou expressão do sujeito pronominal. Pontuamos a possibilidade de o espanhol não expressar o sujeito pronominal ter sido associada ao seu paradigma flexional, que permite identificar as marcas de pessoa e número, motivo pelo qual alguns autores consideram que a flexão verbal tem características pronominais e contém em si o sujeito, dispensando a presença do pronome sujeito em determinados casos, conforme Fernández Soriano (1999). Nesse sentido, a teoria gerativa postula a existência de pronomes foneticamente nulos, denominados de *pro*, que é uma das categorias vazias existentes nas línguas (CHOMSKY, 1981) e a que observamos nesta análise. Apesar de a língua espanhola ser considerada uma língua que atende às propriedades de língua *prodrop*, partimos da hipótese de que a variedade caribenha se mostra diferente podendo vir a perder as características que compõem uma língua de sujeito nulo. Dessa maneira verificamos a expressão/omissão do sujeito pronominal analisando amostras de fala referentes a dois países hispanofalantes: Cuba e Madri.

A seção 5 traz os dados que coletamos e o resumo percentual de nossas conclusões até aqui. Verificamos a variável dependente expressão ou omissão do sujeito pronominal nas capitais Madri e Havana a partir das variáveis independentes de tipo de oração, tipo de pessoa e referência, deixando como sugestão para um estudo mais aprofundado a variável independente de valor discursivo, separando os sujeitos expressos que se apresentam como tópico ou foco na sentença. Observamos o fenômeno na fala de quatro informantes, dois de cada cidade, um jovem e um idoso de cada cidade, sendo todos de baixa escolaridade, de acordo com a disponibilidade que encontramos no *corpus* PRESEEA.

E na seção 6 trazemos nossas considerações finais quanto ao que desenvolvido aqui, que não encerram as propostas de estudos.

## 2 ESPANHOL ATUAL: UNIDADE NA DIVERSIDADE

### 2.1 EXTENSÃO TERRITORIAL

Quanto à geografia do espanhol, Moreno Fernández (2000) expõe que o domínio hispânico é umas das áreas linguísticas mais extensas do mundo, a considerar pela proximidade territorial dos países hispanofalantes. Os dados de Andión Herrero (2008) ilustram essa dimensão ao apresentar que a superfície geográfica da língua espanhola alcança 11.990.000 km<sup>2</sup>, o equivalente a 8,9% da superfície terrestre exposta. Além de ser a língua românica com maior extensão, também é a segunda língua com mais falantes nativos mundialmente, antecedida apenas pelo chinês.

A extensão e implementação do espanhol pela Península Ibérica é uma história linguística que envolve vários povos, desde os que viviam na região antes da chegada dos romanos. Dito isso, já se percebe a grande quantidade de influências linguísticas que a língua carrega consigo. Com a chegada dos romanos, houve um processo de expansão para a imposição do latim. Em seguida, os povos germânicos foram se alojando pela Península, até que chegaram os visigodos. Tempo depois um grupo heterogêneo de árabes também se fez presente e brigou entre si pelo direito de governo da região<sup>1</sup>. E foi nesse meio linguístico diverso que nasceu o *castellano*, um dos tantos dialetos da Hispânia Romana, que ao norte, resistiram às invasões árabes.

Séculos mais tarde, em 1492, quando Cristóvão Colombo chegou à América, o espanhol já se encontrava consolidado na Península, uma vez que durante os séculos XIV e XV ocorreram fatos históricos e linguísticos contribuintes para a rápida consolidação sólida do dialeto castelhano em relação aos outros dialetos falados na Espanha. A partir daí iniciou-se o processo de hispanização, consolidando o espanhol para o Novo Mundo<sup>2</sup>.

#### 2.1.1 *Español* ou *Castellano*?

Segundo Moreno Fernández (2000), o tema sobre o nome da língua pode ser abordado em dois níveis: um uso genérico e outro específico. No primeiro, cada

<sup>1</sup> Para uma discussão da situação da península ibérica durante os séculos XI e XIII, ver Valverde (1997).

<sup>2</sup> Essa é a visão tradicional (cf. LAPESA, 1981; CANO AGUILAR, 1997). Porém, há autores, como Fernández Ordóñez (2009), que começam a questionar essa perspectiva propondo que as demais línguas peninsulares tiveram um papel fundamental na constituição do que se conhece hoje como espanhol.

território hispânico corresponde a tradições que oscilam entre os termos *español* e *castellano*, de acordo com as razões históricas e geográficas de cada área. Dessa maneira, *Castilla* prefere *castellano* devido ao nome da terra; em Andaluzia optam por *español* por considerar que o idioma falado não soa igual ao produzido em *Castilla*; México e Porto Rico preferem *español*, talvez para melhor distinção do inglês; Argentina opta por *castellano argentino* por saber que sua pronúncia não se iguala ao espanhol da Espanha, muito mais por um posicionamento político e identitário. No âmbito político, as constituições hispano americanas se inclinam ao uso de *español*, ainda que Espanha tenha oficializado *castellano*. Em termos práticos, *español* e *castellano* são a mesma língua, porém a nomenclatura varia por razões políticas<sup>3</sup>.

No segundo nível, o uso específico dos nomes tem a ver com a língua falada em cada região. Nos últimos anos, os linguistas têm oscilado tranquilamente entre os termos “espanhol de” e “espanhol em”, de maneira que vemos estudos sobre espanhol do México, espanhol de Porto Rico ou, como apresenta este trabalho, espanhol do Caribe, dentre outros.

Os tratados de dialetologia indicam também denominações como andaluz, mexicano ou caribenho, e assim o fazem a fim de analisar e explicar a diferença entre cada uma das variedades. Moreno Fernández (2000) esclarece que no contexto da linguística há o costume de usar *español* e o de reservar *castellano* para uma de suas manifestações sociolinguísticas, a de *Castilla*, e históricas, a medieval. O autor elucida também que na comunicação internacional, assim como no âmbito do ensino de língua estrangeira, os termos universalizados, de fato, foram *español* e *lengua española*.

### 2.1.2 Onde se fala espanhol

O espanhol é língua oficial em muitos países, além da Espanha e suas dependências. No continente americano, entre América do Sul e América Central, 20 países entram na conta, sendo eles: Colômbia, Argentina, Peru, Venezuela, Chile, Equador, Bolívia, Paraguai, Uruguai, Guatemala, Honduras, El Salvador, Nicarágua, Costa Rica, Panamá, Guiné Equatorial, Cuba, República Dominicana, Porto Rico, e

---

<sup>3</sup> Amado Alonso (1979) apresenta uma discussão que analisa as diferentes denominações recebidas pela língua espanhola em suas origens como sistema linguístico diferenciado do latim até a atualidade: romance castelhano, língua castelhana, romance de *Castilla*, castelhano, espanhol, idioma nacional.

México. Além disso, é língua não oficial em territórios como Belize, Gibraltar, Marrocos e Filipinas. Segundo Zagona (2002), o idioma é primeira ou segunda língua em muitas regiões do sudeste dos Estados Unidos, bem como em outras regiões agrícolas deste país e em áreas urbanas como Miami e Nova Iorque.

No panorama do espanhol no mundo, Moreno Fernández e Otero (1998) resumem seis pontos que sugerem considerar o espanhol como sistema linguístico e veículo de comunicação de uma ampla comunidade. A saber: 1. El español es un idioma homogéneo; 2. El español es una lengua de cultura de primer orden; 3. El español es una lengua internacional; 4. El español es una lengua geográficamente compacta; 5. El español es una lengua en expansión; 6. El dominio hispanohablante presenta un índice de comunicatividad muy alto y un índice de diversidad mínimo o bajo<sup>4</sup>.

Aqui chamamos a atenção para o ponto 3, “ser uma língua internacional”, e posteriormente, em outra seção, retomaremos o ponto 1, que nos desperta interesse. Ser considerada uma língua internacional se justifica não apenas pela gama de países que a utilizam como língua oficial ou cooficial, mas também por ser língua oficial na ONU e em outros órgãos vinculados às Nações Unidas. Moreno Fernández (2000) ressalta que o espanhol também é oficial em outras organizações internacionais, como a União Europeia (EU), a Organização de Estados Americanos (OEA) e o Mercado Comum do Sul (Mercosul), além dos fóruns internacionais, como as Conferências Ibero-americanas de Chefes de Estado e de Governo.

Na América Latina está a maior população hispanofalante e nela se fala a maioria dos dialetos do espanhol surgidos principalmente do contato entre povos habitantes de línguas indígenas e africanas com os falantes do espanhol do sul da Espanha, em especial nas modalidades de Andaluzia e Estremadura, e provavelmente do dialeto canário (para uma apresentação da constituição do espanhol americano, ver FONTANELLA DE WEINBERG, 1993).

De acordo com o anuário *El español en el mundo 2017*<sup>5</sup> apresentado pelo Instituto Cervantes em novembro de 2017, a língua espanhola possui mais de 572 milhões de falantes espalhados pelo mundo. Os dados revelam que um total de 7,8% da população mundial fala espanhol em diferentes graus de domínio do

<sup>4</sup> Pinto (2016) analisa e critica alguns desses pontos, especialmente 1, 4 e 6.

<sup>5</sup> *El Español en el Mundo* é o título geral dos anuários publicados pelo Instituto Cervantes desde 1998. Seus volumes apresentam informações parciais sobre a realidade atual da língua espanhola em suas diversas manifestações.

idioma. Com tal referência numérica, o espanhol continua sendo a segunda língua materna por número de usuários, estando atrás do chinês mandarim, com seus 950 milhões. Ainda com base no mesmo anuário, a cifra total de 572,6 milhões de hispano falantes está dividida em três grupos de usuários: os falantes nativos (477 milhões), os falantes de domínio limitado (73,7 milhões), e os que estudam o idioma como língua estrangeira (21,2 milhões). Os maiores grupos de falantes nativos se espalham pelo Reino Unido (28,6% da população local), Estados Unidos (43 milhões), México (quase 120 milhões), Colômbia (48,8 milhões) e Argentina (43 milhões). Além disso, a pesquisa também aponta o espanhol como a língua mais falada no *Facebook* e *Twitter*, as principais redes sociais.

### **2.1.3 Espanhol como primeira e segunda língua**

Evidentemente, uma língua com tamanha extensão territorial, exibe um quadro vasto de diversidade linguística. Segundo Zagona (2006), em muitos países onde o espanhol é língua oficial ou principal é comum o bilinguismo: ao norte da Espanha, as línguas mais importantes incluem o vasco (ou euskera), o catalão e o galego.

Já na América Latina, muitas línguas indígenas são faladas paralelas ao espanhol. Na Bolívia, por exemplo, ao menos metade da população fala quéchua ou aimará, e estima-se que parte destes falantes não domina o espanhol. No Paraguai, o guarani é língua oficial junto com o espanhol, desde 1992. Uma das instituições linguísticas do Paraguai é *La Academia de la Lengua Guaraní*, criada em 2010. Estima-se que a maioria dos sete milhões de paraguaios se expressa em guarani. Os grupos de línguas indígenas também são numerosos em outros países, como no Peru (quéchua de Ayacucho e quéchua de Cuzco), na Guatemala (línguas maias) e no Equador (quíchua).

Em Honduras, Nicarágua, Costa Rica, República Dominicana e Panamá há grupos consideravelmente pequenos que falam línguas crioulas. O inglês se expande como segunda língua em algumas regiões do Caribe. Apesar de ser chamado de espanhol em todos os espaços, não há um só modelo, manifestação ou uso dessa língua. Na seção seguinte, seguindo o objetivo deste trabalho, apresentamos posicionamentos de autores que discorrem sobre a questão da variação da língua espanhola.

## 2.2 ESPANHOL: UMA LÍNGUA HETEROGÊNEA

Toda língua se revela uma instituição social por retratar a diversidade dos grupos sociais que a utilizam. Da mesma maneira, a língua pode ser considerada uma realidade heterogênea, uma vez que está exposta a variações no decorrer do tempo, podendo sofrer mudanças ou conservar características à medida que as influências de ordem externas (sociais) ou internas (estruturais) atuam. De acordo com Ferreira e Cardoso (1994), falar de qualquer língua é operar uma abstração e uma generalização consideráveis, visto que sob a denominação de língua há uma cadeia de variações, consequência direta da diversidade de seus usuários. Os dialetos, ao serem distribuídos geograficamente, permitem que os estudos dialetais garantam espaço identificando, descrevendo, interpretando e analisando os fatores linguísticos documentados em determinada área. Os estudos dialetais também atentam para as diferenças regionais (diatópicas) e sociais, sejam numa variedade de sexo (diassexuais), idade (diageracionais), nível sociocultural (diastráticas) ou outras, pois, como afirma Cardoso (2016, p. 15):

Não existe uma língua unificada, porque nenhuma língua é um monobloco indivisível, costuma-se associar ao conceito de língua a ideia de abstração uma vez que, nos atos de fala, ela já se apresenta diversificada, com usos diferenciados conforme o momento, as circunstâncias da elocução, as características sociais do falante. Essa diversidade de usos concretizada, harmonicamente, em grupos de falantes, configura os diferentes dialetos de que se reveste uma determinada língua.

Não seria diferente dentro do domínio hispânico, cada dialeto do espanhol da América também apresenta suas particularidades, ainda que todas brotem de uma base em comum.

A realidade do espanhol para Andión Herrero (2008) é que o idioma desfruta de uma louvável homogeneidade. Com tal afirmação, a autora pretende dizer que, no nível abstrato, uma língua homogênea é um sistema de sistemas, possuindo um código linguístico básico para outros subsistemas mais concretos que se realizam em variedades geográficas, os dialetos; é um organismo subjetivo ao que se adicionam variedades dialetais. Ao considerar o espanhol como idioma comum aos hispanosfalantes, que atua como uma koiné ou código de entendimento entre as normas cultas do mundo hispânico, Andión Herrero (2008) traz outros argumentos, que julga mais concretos para sustentar o argumento da homogeneidade do idioma: o sistema alfabético fonético próprio e relativamente simples que o espanhol possui



(5 vogais e 17 consoantes), o que possibilita a ideia de facilidade na leitura; o léxico compartilhado e a sintaxe de variação moderada no uso da língua culta<sup>6</sup>.

Na mesma perspectiva, retomamos Moreno Fernández e Otero (1998) com as seis características que consideram o espanhol como sistema linguístico e veículo de comunicação de uma ampla comunidade, já citados na seção anterior. No primeiro ponto os autores apresentam que o espanhol é um idioma homogêneo. O que ainda se sustenta, dois anos mais tarde, por um dos autores: *“una lengua relativamente homogénea, con carácter de coiné, con un importante grado de nivelación y con un riesgo débil o moderado de fragmentación”* (MORENO FERNÁNDEZ, 2000, p. 15). Na última obra o autor faz referência ao sistema vocálico e consonantal, léxico em geral e variação sintática moderada nos usos cultos. Além disso, coloca que tal homogeneidade não é incompatível como a existência das variedades internas da língua nas diferentes áreas geográficas e nos grupos sociais.

Entretanto, contrastando a afirmação de Andión Herrero (2008) e de Moreno Fernández e Otero (1998) sobre a dita homogeneidade do espanhol, Rona (1964), muito tempo antes, observa que isto foi adotado por quase todos os autores que escreveram sobre o tema e que se basearam apenas no contato de falantes cultos de regiões distintas, não foi algo observado entre os falantes da norma popular hispânica. Rona (1964) considera esta homogeneidade como um dos maiores mitos sobre o espanhol na América, um lugar comum, e talvez, seja o motivo pelo qual começamos a falar e escrever sobre o espanhol americano antes mesmo de conhecer sobre o espanhol americano. Ainda sobre o tema, Rona (1964) acrescenta:

En otro plano, este verdadero lugar común pudo conservarse debido al hecho de que el contacto entre hispanoamericanos se realiza casi siempre en un nivel cultural elevado o semielevado, nunca en un nivel cultural bajo, sobre todo cuando las distancias entre los dos hablantes que se comparan son relativamente grandes. Finalmente, los estudios lingüísticos han sido al principio meras relaciones locales, después meros estudios filológicos y sólo en los últimos pocos años se ha comenzado con estudios que realmente podemos llamar dialectológicos, en el sentido cabal de la palabra y con aplicación de todos los requisitos y medios metodológicos de esta ciencia. Para entonces ya se habría repetido demasiadas veces que el español americano era “sorprendentemente homogéneo”.

En posesión de los datos recopilados en las últimas décadas, no podemos ya aceptar esta afirmación. Basta con la comparación de textos americanos procedentes del nivel vulgar y transcritos en notación fonética para percibir

---

<sup>6</sup> Como pontuado por Pinto (2009; 2016), essa visão é muito simplista e reducionista.

las grandes diferencias existentes, no solamente entre casos extremos como Chile y Cuba, sino aun entre zonas relativamente cercanas como Perú y Venezuela.

Então, não podemos cair no lugar comum de dizer que todo o domínio hispânico desfruta de uma mesma língua e que seus falantes se compreendem perfeitamente. Não se pode confundir diversidade linguística com comunicabilidade linguística. Como bem destaca Pinto (2009), ainda que caribenhos e os demais hispânicos se compreendam bem, não é o mesmo dizer “¿qué quieres tú?” e “¿qué quieres?”, “tú, ¿qué quieres?” ou “¿qué quieres tú?”. Neste caso, estudos mais profundos sobre a gramática do espanhol ampliariam o leque de compreensões sobre a unidade e a diversidade do idioma, para além das distinções políticas e econômicas que difundem o espanhol mundo a fora.

A diversidade da língua espanhola também é reconhecida por Lope Blanch (1989, p. 29):

La lengua española sigue siendo el sistema lingüístico de comunicación común a veinte naciones, no obstante las particulares diferencias –léxicas, fonéticas y, en menor grado, morfosintácticas- que esmaltan el uso en unas y otras. Diferencias que se producen entre todos esos veinte países, sin permitirnos establecer dos grandes modalidades bien contrastadas – española y americana- por cuanto que, además, existe mayor afinidad entre algunas modalidades americanas y españolas que entre ciertas modalidades hispanoamericanas entre sí.

Outro argumento que faz cair por terra a ideia de unidade da língua espanhola está na constatação de que essa unidade não se fundamenta na comunicação real, mas no caráter impositivo da normativa com seus conceitos de certo e errado. A garantia de unidade da língua se encontra aí, da tentativa das Academias de Língua de tornar o espanhol uma língua única, igualada. Ou seja, uma vez percebendo o idioma usado por seus nativos, além dos olhos que buscam formas certas ou erradas através de um estudo baseado apenas na norma culta, já se nota que há uma diversidade no espanhol que não passa despercebida. Sobre esta normativa, Irala (2004, p.103-104) resume que:

Embora a ciência linguística tenha evoluído e hoje haja crescido o número de estudos sobre o funcionamento variável das línguas, tanto o pedagogo, o professor de língua materna e estrangeiras e os meios de comunicação agem ainda sob a força de um imaginário gerado no senso comum que começou a ganhar forma na época do Renascimento, quando as gramáticas

normativas tiveram seu papel unificador assegurado, dando a impressão de unidade e homogeneidade à língua, desconsiderando aquilo que estiver fora da norma institucionalizada, inclusive alimentando preconceitos sobre as variantes ausentes ou pouco presente nos meios reguladores (materiais didáticos, gramáticas, dicionários, etc.).

E com essa construção do imaginário no senso comum, o ideal unitário e homogêneo da língua é reforçado pela normativa, rejeitando as variantes através de uma atitude impositiva, sempre olhando a língua culta e deixando de lado a popular.

Se buscamos argumento na noção de língua discutida por Chomsky (1986), poderíamos considerar que existe apenas uma língua espanhola, mas que carrega consigo algumas gramáticas distintas. A base para tal argumento se encontra nos conceitos de Língua-E e Língua-I, sendo esta a representação mental que o indivíduo tem de sua língua e aquela, as formas gerais a todas as línguas naturais. A ideia de gramáticas distintas para um mesmo idioma se debruça sobre a representação mental do indivíduo, a que cada um possui consigo diante das regras gerais de sua língua materna. Sobre esses conceitos de língua, explicamos mais detalhadamente na seção seguinte, trazendo todo seu aporte teórico.

Falamos do espanhol como uma língua, ainda que existam vários dialetos do espanhol que se diferenciem entre si. Da mesma maneira que falamos do chinês, português ou inglês como línguas de maneira geral, embora os vários dialetos de cada uma dessas línguas sejam tão diferentes como as várias línguas românicas.

### 2.3 DOMÍNIO HISPÂNICO: ESPANHOL DA AMÉRICA E ESPANHOL DA ESPANHA

A denominação dada por muitos autores de espanhol da América e espanhol da Espanha refere-se a razões históricas, geográficas e culturais, sobretudo, a partir da independência da América em relação à Espanha e da proclamação dos Estados soberanos americanos.

Segundo Lipski (1994), na Espanha há a crença de que o espanhol da América é homogêneo, bem como os hispanoamericanos mantêm uma opinião formada sobre como falam os espanhóis, sugerindo que é uma fala baseada em sacerdotes e monjas que vivem ali e imigrantes da Galícia e Canárias. Fato que, na opinião do autor, acontece pela ausência de conhecimento em relação ao dialeto do espanhol americano. Como se pode ver em Lipski:

En España existe la creencia popular de que el español de América es bastante homogéneo, pese a los miles de kilómetros que cubren sus dialectos. Algunas de esas creencias populares son correctas, pero otras responden a estereotipos. Al otro lado del Atlántico, los hispanoamericanos también tienen su opinión sobre cómo hablan los “españoles”, opinión que se basa en el habla de los sacerdotes y monjas peninsulares que viven allí y de inmigrantes que proceden fundamentalmente de Galicia y de Canarias. En ambos los casos existen estereotipos, pues se ignoran los detalles de la variación social y regional de modo que cuando a alguien le presenta a un hablante del “otro lado”, se queda asombrado de no poder reconocer su origen. El examen objetivo de la enorme variación del español de América hace que uno se maraville de que los del otro continente encuentren más similitudes que diferencias, o de que se valoren mucho rasgos aparentemente menores como la ausencia de *zeta*. Estos problemas de percepción subrayan la necesidad de aprender más sobre las etapas de formación de los dialectos del español de América. (LIPSKI, 1994, p. 48)

A questão da homogeneidade do espanhol americano é um dos temas mais discutidos dentro da linguística histórica do espanhol desde o século XIX até os dias atuais, um problema que vem da percepção generalizada da dicotomia “espanhol da Espanha/ espanhol da América”. Grandes pesquisas sobre as variedades do espanhol da América, como a de Fontanella de Weinberg (1993) nos mostraram que não é possível estabelecer a referida dicotomia, considerando cada lado como blocos linguísticos opostos e homogêneos, uma vez que eles não constituem duas modalidades determinadas e bem contrastadas. Fontanella de Weinberg (1993) afirma que esta divisão não deve ser feita, já que as variedades não são opostas entre si:

Lo que acabamos de considerar nos lleva a plantearnos a qué llamamos español americano, si — tal como hemos visto — no podemos hablar legítimamente de que se trate de una entidad dialectal que se oponga en bloque al español europeo.es que entendemos por español americano una entidad que se puede definir geográfica e históricamente. Es decir, es el conjunto de variedades dialectales del español habladas en América, que comparten una historia común, por tratarse de una lengua trasplantada a partir del proceso de conquista y colonización del territorio americano. Esto no implica desconocer el carácter complejo y variado de este proceso y sus repercusiones lingüísticas, dado que debemos diferenciar las regiones de poblamiento temprano (las Antillas, Panamá y México, por ejemplo) de otras de poblamiento más tardío (Río de la Plata en general y Uruguay, en particular); las regiones de poblamiento directo a partir de España, de las de expansión americana; los distintos tipos de relación con la metrópoli, etc. (FONTANELLA DE WEINBERG, 1993, p. 15)

O que culmina no chamado espanhol da América e da Espanha nada mais é do que um conjunto de variedades, não blocos opostos, e ambos apresentam

heterogeneidade internas, uma vez que possuem tantos milhões de falantes de regiões diversificadas que sofreram muitas e diferentes influências.

Em relação ao espanhol americano, o problema de considerá-lo homogêneo pode estar sustentado na dificuldade de definição da origem e classificação de suas variedades. Um desconhecimento ressaltado por Fontanella de Weinberg (1993), que sugere que deveríamos saber o que é o espanhol americano antes de falar sobre ele:

La realización de un libro sobre «El español de América» plantea en primer lugar el problema de su definición: ¿qué es el español americano? ¿Existe un español americano? ¿Se trata de una modalidad dentro del objeto más amplio de la lengua española? ¿Cuáles son sus rasgos constitutivos?

Las respuestas explícitas o implícitas que se han dado a estos interrogantes son múltiples y en muchos casos contradictorias. En efecto, en muchos casos se habla de un español de América frente a un español peninsular, sin mayores aclaraciones, y dando por sentada la existencia de dos entidades diferentes, cuyos rasgos por lo general no se definen. Esta posición tiene antecedentes académicos en distintos autores que han sostenido la existencia de una «gran unidad y homogeneidad» del español americano, tal como afirma Max L. Wagner en su libro *Lengua y dialectos de la América Española*, idea que retoma Alonso Zamora Vicente en su *Dialectología Española*, al señalar que «las diferencias dentro del enorme territorio americano son mínimas dentro de la estructura del habla». (FONTANELLA DE WEINBERG 1993, p. 13)

Anteriormente, pesquisadores como Pedro Henríquez Ureña (nos anos de 1930), José Pedro Rona (nos anos de 1960) e Juan Miguel Lope Blanch (nos anos de 1980) já escreviam sobre isso e afirmavam, inclusive, que o fato de se começar a falar do espanhol americano antes mesmo de o conhecerem levou a uma sucessão de opiniões inadequadas sobre a suposta homogeneidade do espanhol na América. Informações sobre as modalidades linguísticas hispanoamericanas que, nas palavras de Lope Blanch (1992, p. 313), se concretizam “en la caracterización general que suele hacerse del español americano presenta una imagen un tanto distorsionada, que debe ser corregida o, al menos, mejor delineada”.

Fontanella de Weinberg (1993) também levanta algumas hipóteses que explicam a origem do espanhol americano: a) influência indígena; b) influência andaluza; c) a origem poligenética, ou seja, desenvolvimento independente. A autora também acrescenta a *koineização* e a *standardização* no espanhol americano, aspectos característicos de línguas transplantadas que tiveram influência de colonizadores de diferentes procedências e variedades linguísticas.

Para além da suposta grande divisão entre espanhol de Espanha e espanhol da América, dentro do domínio hispanoamericano há hipóteses de zonas linguísticas do espanhol atual. Na próxima seção, vamos conhecer algumas das importantes propostas existentes na história do espanhol americano, bem como suas críticas e aprovações.

#### 2.4 ZONAS DIALETAIS DO ESPANHOL

Em meio às propostas de constituir zonas dialetais da língua espanhola na América, está a primeira proposta de divisão dialetal de Henríquez Ureña (1921), que estabelece cinco zonas a partir de critérios de proximidade geográfica, de relações políticas e culturais mantidas com a Espanha no decorrer da época colonial e de contato com uma língua indígena principal, uma língua substrato:

Provisionalmente me arriesgo a distinguir en la América española cinco zonas principales: primera, la que comprende las regiones bilingües del Sur y del Sudoeste de los Estados Unidos, México y las Repúblicas de la América Central; segunda, las tres Antillas españolas (Cuba, Puerto Rico y la República Dominicana, la antigua parte española de Santo Domingo), la costa y los llanos de Venezuela y probablemente la porción septentrional de Colombia; tercera, la región andina de Venezuela, el interior y la costa occidental de Colombia, el Ecuador, el Perú, la mayor parte de Bolivia y tal vez el Norte de Chile; cuarta, la mayor parte de Chile; quinta, la Argentina, el Uruguay, el Paraguay y tal vez parte del Sudeste de Bolivia. (HENRÍQUEZ UREÑA, 1921, P. 41)

Henríquez Ureña (1921) aponta que o elemento distintivo entre as zonas citadas é o vocabulário, esclarecendo não reconhecer nenhuma das zonas como totalmente uniforme em relação ao aspecto fonético. As línguas indígenas consideradas principais para cada zona são, respectivamente: náhuatl, lucayo, quéchua, araucano e guarani.

Somadas a estas cinco zonas na América, Moreno Fernández (2000) rememora Henríquez Ureña ao mostrar representações de usos linguísticos nas cidades e territórios mais influentes que compõem outras três zonas dialetais do espanhol dentro do continente Europeu, a saber: zona castelhana, representada pelos usos de Madri e Burgos; zona andaluza, justificando-se com os usos de Sevilla, Málaga e Granada; e zona canária, abarcando Las Palmas e Santa Cruz de Tenerife. Sobre o total de oito zonas, Moreno Fernández (2000), comenta que todas compartilham de abundantes elementos em comum, principalmente nos níveis

cultos, mas que, suas características distintivas formam uma realidade linguística, que foi absorvida pelas crenças dos falantes.

Vale ressaltar aqui dois pontos: o fato de a divisão apresentada foi provisória e o fato de a observação ter focado o aspecto léxico, dado como fator distintivo entre as variedades. Pesquisadores que se debruçaram sobre estudos do espanhol americano tendem a rejeitar esta análise e divisão que dá mais importância às línguas indígenas de substrato, principalmente ao observar com relevância o aspecto lexical. Desde o ponto de vista oposto à divisão, Fontanella de Weinberg (1993) observa que a maioria dos termos indígenas utilizados na variedade do Río de la Plata estão também presentes no espanhol geral, e que a influência do guarani na região Rioplatense não se sustenta. No Paraguai, alguns autores reconhecem a influência do guarani, considerando também o bilinguismo que existe na região há séculos. De todas as formas, Fontanella de Weinberg (1993) defende que, para além da influência de língua indígena de substrato, outros fatores que intervieram na formação do espanhol, como os de origem sócio-histórica, somados aos contatos entre dialetos e línguas, deveriam ser considerados. Além disso, Rona (1964, p. 65) destaca que:

B. Malmberg, tras haber estudiado exhaustiva y adecuadamente el español hablado en Paraguay y en la Argentina, llega a la conclusión de que estos dos dialectos no pueden ser considerados dentro de una sola zona dialectal, ya que sus enormes diferencias resultan evidentes. Por lo tanto, desglosa una sexta zona dialectal que comprende el Paraguay y la región “guaranítica” de la República Argentina, con lo cual el resto de la “quinta zona” de Henríquez Ureña pierde su pretendido fundamento de sustrato guaraní.

Logo, a divisão de Henríquez Ureña (1921) só se apresenta mais fragilizada e passível a intervenções e questionamentos por unir Argentina e Paraguai em um mesmo bloco que comparte homogeneidade sem considerar os contextos sócio-históricos de cada uma e o grau de influência que o guarani possui sobre as regiões<sup>7</sup>. Apesar de ser criticada por alguns autores, por uniformizar territórios que historicamente estão locados em zonas diferentes, parece que a proposta de divisão dialetal de Ureña permaneceu no inconsciente coletivo, devido às reproduções que

---

<sup>7</sup> Stanley (2016) faz uma discussão da quinta zona de Henríquez Ureña (1921) e argumenta contra a proposta do autor. O que é curioso é que, mesmo depois de muito tempo e diversos estudos, Moreno Fernández (2000) reproduz o modelo de Henríquez Ureña (1921) completamente e sem críticas ou observações.

ela recebeu no decorrer dos tempos (LIPSKI, 1994; MORENO FERNANDEZ, 2000; ANDIÓN HERRERO, 2008).

Além de outras classificações dialetais para o espanhol (RESNICK, 1975; ZAMORA MUNNÉ E GUITART, 1982) que não trataremos aqui, a “classificação tentativa” proposta por Rona (1964) foi baseada em quatro fenômenos, a saber: um fenômeno fonético, o *žeísmo*; um fenômeno fonológico, o *yeísmo*; um sintático, a ocorrência do *voseo*; e um morfológico, as formas verbais utilizadas com o pronome *vos*. Um estudo que abrange quatro fenômenos sistemáticos, com completa omissão de isoglossas lexicais, e que apresenta a opinião de outros estudiosos, a fim de contrastar os dados do levantamento. Rona (1964) identifica dezesseis zonas castelhanas e sete zonas não puramente castelhanas, que são zonas onde competem o inglês, dialetos crioulos e dialetos misturados com o português. Esta divisão apresenta um total de vinte e seis zonas dialetais para o espanhol americano.

Ao mesmo tempo em que faz a nova proposta, Rona (1964) também critica a divisão de Henríquez Ureña (1921) e opina sobre como devem ser feitos os estudos e delimitações de dialetos que, para ele, são fatos linguísticos e objetivos, devendo ser observados através de critérios do mesmo tipo, linguísticos e objetivos, e não por critérios extralinguísticos e subjetivos. Em suas palavras:

Puesto que los dialectos son hechos lingüísticos y objetivos, su determinación debe basarse en criterios objetivos también y en la observación de hechos de lenguaje, no de hechos extralingüísticos. Ahora bien, el criterio empleado por Henríquez Ureña evidentemente no es un criterio objetivo, ya que se basa en un presupuesto subjetivo: la mezcla del español con lenguas indígenas. No es un criterio lingüístico, ya que se basa en un hecho extralingüístico, aunque esto ya no resulte tan evidente. Efectivamente, cuando hablamos de la mezcla del español con lenguas indígenas, superficialmente parece que se trata de un hecho de lenguaje, puesto que sus términos son la lengua española y las lenguas indígenas. Pero si profundizamos un poco el problema, debemos percibir que lo que es un hecho en esta afirmación, no es el lenguaje, y lo que es lingüístico no es un hecho. En efecto, es un hecho el que haya habido mezcla de población en *algunas* zonas, pero este hecho es etnológico o sociológico, no lingüístico. Afirmar lo mismo de la mezcla de lenguas ya no es un hecho, sino una mera suposición, que debería ser confirmada mediante la observación directa de la lengua, que es precisamente lo que falta en clasificación de Henríquez Ureña. (RONA, 1964, p.66)

Porém, não se pode dizer que o espanhol está dividido em apenas dois grandes blocos como América e Espanha, bem como se referem ao Português



Brasileiro e o Português Europeu por suas diferenças sintáticas, por exemplo, visto que os fenômenos que permeiam a diversidade do espanhol estão espalhados por todo o domínio hispânico.

Mais tarde, ao dissertar sobre o ensino de espanhol, observando as variações nas línguas portuguesa e espanhola, Fanjul (2004) propõe que as variedades geográficas de uma língua podem ser identificadas partindo tanto de critérios objetivos quanto subjetivos. Sendo estes critérios que envolvem atitudes de grupos sociais e aqueles, critérios evidentes da materialidade linguística, como a diferença presente em falas diferentes. E exemplifica:

Assim, e segundo esses critérios objetivos, poderíamos falar de um “Espanhol de X” (sendo X a Espanha, o Peru, a América, Estremadura, o planalto mexicano, ou a região que for) diferente de um “Espanhol de Y” (sendo Y qualquer outra região de fala hispânica) se encontrássemos determinados traços fonéticos, morfossintáticos, lexicais, etc., que se apresentem uniformemente em X e não se apresentem em Y, pelo menos nas áreas “comparáveis” de X e Y (por exemplo, os falantes urbanos cultos de X e os falantes urbanos cultos de Y).

Mas há também os critérios *subjetivos*, no nosso entender, tão importantes quanto os anteriores. Trata-se das atitudes dos grupos sociais diante das línguas, próprias e alheias. Essas atitudes têm sido objeto de crescente atenção e estudo por parte dos sociolinguistas e hoje praticamente ninguém questiona sua relevância para entender a vida de uma língua, dialeto ou variedade. (FANJUL, 2004, p. 168)

Entretanto, Fanjul (2004) questiona o que significaria considerar fatores subjetivos no momento de delimitar as variedades de uma língua. E conclui que o ponto máximo desta interação entre diferentes línguas vem a ser a estandardização, o ato político que estabelece, através de dicionários, manuais de estilo, gramáticas e outros documentos oficiais, o que é de fato próprio de uma língua ou variedade. Cabe ressaltar aqui que a comparação feita por Fanjul (2004) entre o português e o espanhol é questionável, por exemplo, por Pinto (2009), uma vez que o autor não apresenta dados que ilustrem a situação da língua espanhola bem como não utiliza os mesmos critérios para a comparação com o português.

As sugestões de zonas dialetais para o espanhol partiram de importantes estudos no âmbito da fonologia e do léxico, a variação gramatical entre classes sociais recebeu menos atenção, mesmo com os tantos estudos que tivemos, a exemplo de Bentivoglio (1987,1988,1989), Klein (1980), Lavandera (1975), Morales (1986), Sedano (1989), Silva-Corvalán (1979,1989) e outros. Porém, como este trabalho possui um cunho gerativista, não poderia deixar de citar uma proposta de

*zonificación* desde a Teoria de Princípios e Parâmetros. Assim como aconteceu na variação fonológica, o que predominou foi a aproximação à língua estándar encontrada na escrita literária, dando relevância ao anseio de evitar as formas populares usados no espaço hispanofalante.

No caso de uma análise partindo da Gramática Gerativa, os critérios subjetivos são descartados, ao passo que, os objetivos ficam em evidência. Para tal análise, Pinto (2009) promove uma discussão sobre a importância da gramática no momento de definir zonas dentro do citado idioma, apresentando aspectos empíricos sobre a variação sintática do espanhol. Pinto (2009) elenca as seguintes variações sintáticas do espanhol: o uso dos clíticos, a perda da propriedade *pro-drop* no Caribe; a inversão VS em interrogativas do Caribe; o sujeito não realizado em sentenças não finitas; e a clivagem. Com este levantamento, o autor mostra a existência da variação sintática na língua espanhola e ressalta que, além destes, outros fenômenos devem ser analisados, bem como nos estudos sobre o português, que é considerada uma língua de dois blocos opostos: português brasileiro e português europeu. Segundo Pinto (2009), isso é um alerta para a busca de resultados para além do nível de crenças sem comprovação empírica e dos interesses políticos e econômicos que envolvem a difusão do espanhol.

As tantas propostas de divisão dialetal, apenas corroboram a heterogeneidade da língua espanhola. De acordo com Lipski (1994), além de haver enormes distâncias geográficas na América Hispânica, a divisão político-social dos diferentes países dificulta a imitação direta da fala de outros países. O que prevalece, no final, são as aspirações internas para uma pronúncia conservadora.

## 2.5 ESPANHOL CARIBENHO

Considerando que o nosso objetivo é comparar o espanhol do Caribe com o espanhol da Espanha, se faz necessária uma breve discussão sobre o que é o espanhol caribenho. De acordo com Alba (1992), é revelador o fato de todas as tentativas de zonas dialetais sobre o espanhol da América situarem as três ilhas das Antilhas (Cuba, Porto Rico e República Dominicana) em uma mesma zona. Alguns estudiosos consideram a zona do espanhol caribenho como a mais compacta e uniforme das zonas.

O Caribe está localizado ao sudeste do Golfo do México e da América do Norte, ao Este da América Central e ao norte da América do sul. Os países que o

compõem são: Antígua e Barbuda, Aruba, Baamas, Barbados, Cuba, Domínica, Granada, Guadalupe, Haiti, Ilhas Caimão, Ilhas Turcas e Caicos, Ilhas Virgens, Jamaica, Martinica, Porto Rico, República Dominicana, Santa Lúcia, São Cristóvão e Neves, São Vicente e Granadinas, Trindade e Tobago. Além do espanhol, na região se fala francês, inglês, holandês e diversas línguas crioulas.

A zona do espanhol do Caribe é uma das zonas dialetais sugeridas por Henriquez Ureña (1921), tomando como critério o substrato indígena do tipo arahuaco. Além de outros autores, Rona (1964) também sugere essa zona linguística, com base em critérios morfológicos (voseo/tuteo verbal) e fonético (žeísmo). A zona do espanhol caribenho envolve as Antilhas, Venezuela (excluindo a Cordilheira), parte da Colômbia e da América Central. Dessa forma, o Caribe é dividido em Caribe Insular e Caribe Continental. Este trabalho pretende olhar apenas para o Caribe Insular, uma vez que é nessa região onde se observam as principais diferenças sintáticas com relação às demais variedades do espanhol.

O cômputo de pesquisas apresentado por autores ditos “caribistas”, como Henriquez Ureña (1921) e Tomás Navarro (1948), revela um interesse pela variedade local. O espanhol caribenho apresenta uma oposição ao chamado espanhol peninsular, a exemplo de algumas que elencou Moreno Fernández (2000) nos vieses da fonética, léxico e gramática: alargamento vocálico (República Dominicana); uso expresso de pronome pessoal sujeito: *¿Tú te quedas o tú te vas?*; uso de *ustedes* com valor de segunda pessoa do plural; posposição de possessivos: *el hijo mío, la casa de nosotros*; diminutivo afetivo em advérbios, gerúndios, etc: *ahorita, corriendito*; diminutivo com -ic-: *gatico, ahoritica* (Cuba); tuteo; e uso de pronome diante do verbo em interrogativas: *¿Qué tú quieres?*

No âmbito da sintaxe, os estudos dos “caribistas” apresentam maior interesse em duas características peculiares da região, a saber, o uso frequente do pronome sujeito em relação a outras variedades do idioma e a tendência a antepor o sujeito ao verbo. De acordo com o estudo de Alba (2009), na República Dominicana, o uso do pronome sujeito é um fenômeno bastante generalizado e considerado como uma característica normal da língua culta. Para muitos dominicanos não há duas opções de uso, a única opção disponível seria a expressão do sujeito pronominal.

Os estudos que marcam as separações dialetais mostram características unificadoras, seja no âmbito da fonética, léxico ou morfossintaxe. Alba (1992) comenta que em busca de explicar os fatores, linguistas e investigadores tendem a

buscar por padrões, pondo ênfase nas semelhanças entre os fenômenos. Ao passo que os falantes, os usuários da língua sabem distinguir as diferenças entre si, observando o fato individualizador, que pode estar no âmbito lexical, sintático ou ainda prosódico. Dessa maneira, a observação feita de fora por parte do pesquisador permite discriminar os detalhes e os conceitos particulares, trazendo à tona a percepção de homogeneidade e unidade. Entretanto, essa impressão de uniformidade do Caribe contrasta com as crenças dos próprios falantes caribenhos (cubanos, porto-riquenhos e dominicanos), que consideram seus respectivos dialetos como inconfundíveis. O que se revela nos meios comuns de comunicação é observado por Alba (1992, p. 526):

Se sabe que no solo el hombre de la calle sino también los medios de comunicación (la televisión, la radio) a menudo utilizan con bastante eficacia una serie de fenómenos lingüísticos como índices caracterizadores o identificadores de los nativos de cada país. Es normal, así, que un dominicano sea capaz de reconocer por su manera de hablar a un portorriqueño o a un cubano, o, por lo menos, de identificarlos como no dominicanos. Lo mismo ocurre, naturalmente, en sentido inverso.

Segundo Gutierrez Maté (2013), algumas características singulares da região chegam a gerar reprodução de estereótipos da fala caribenha entre hispanofalantes quanto à distinção do acento caribenho em relação a outras zonas da América ou Espanha.

Partindo disso, é questionável a unidade ou diversidade do Caribe Hispânico, se de fato todo o Caribe Insular representaria uma unidade dialetal ou se modalidades dialetais distintas coexistiriam naquele espaço. Por isso questionamos se a realização do sujeito pronominal se dá de maneira homogênea entre diferentes faixas etárias, dentro de um mesmo nível de escolaridade, e mesmo gênero. Embora estejamos cientes de que escolaridade e sexo/gênero sejam variáveis sociolinguísticas, optamos por não incluí-las nesta primeira análise, conforme justificamos na nossa metodologia.

É sabido que o Caribe recebeu influências indígenas e africanas na formação de seus idiomas oficiais. Para esta pesquisa deixamos de lado os indigenismos da região e, considerando os estudos de Alba (1992), Guanche (1996), Lipski (1996; 2001; 2005), Ortiz López (1998), Amparo Morales (1999), Lopez Morales (2005) e Gutiérrez Maté (2013) sobre a influência africana no espanhol caribenho, detalharemos mais este ponto, para em seguida, tratar da variedade que

analisaremos, o espanhol de Cuba, que será contrastado com o espanhol de Madri. A escolha de tratar apenas desta influência dentro de uma subseção está baseada na hipótese de que a incorporação da mão-de-obra escrava africana poder ter influenciado a marginalidade do espanhol nas Antilhas. Esta hipótese foi utilizada frequentemente para explicar a mudança linguística no sujeito nulo do espanhol caribenho, nosso objeto de observação.

### **2.5.1 Africanismos no Espanhol Caribenho**

Especialmente entre os séculos XVI a XVIII, o bilinguismo do espanhol da América com as línguas africanas teve início no infeliz comércio de escravos, que levou uma grande população negra às terras americanas. Esta população não trazia consigo uma unidade linguística usada em seu local de origem. Apesar de se espalhar por toda América Hispânica, os negros se concentraram em algumas regiões devido à necessidade de mais mão-de-obra, como foi o caso do Caribe, com suas plantações.

Entretanto, Lipski (2001, p. 215) chama a atenção para o fato do não reconhecimento da contribuição africana por parte das nações do Caribe hispanofalante, afirmando que este “está impedido por la polarización racial y el elitismo eurocéntrico que estima que el único aporte africano a la cultura caribeña es la música popular y una que otra palabra que se refiere a ceremonias religiosas africanas”. Segundo Lipski (1996), a população de origem africana domina demograficamente em grande parte do Caribe e na costa oeste da América do Sul. Ainda assim, Lipski (2001, p. 215) reitera o posicionamento dos estudiosos sobre as influências que o elemento negro possui no espanhol caribenho:

En cuanto al posible impacto del lenguaje afrohispanicos sobre el español caribeño, las opiniones giran alrededor de dos polos opuestos. La primera postura, fruto de la inseguridad afrofóbica o de la simple ignorancia, afirma que no existe NINGUNA huella africana en el español caribeño, a excepción de un puñado de palabras universalmente reconocidas. La opinión contraria, sostenida en su gran mayoría por observadores extracaribeños que desconocen la verdadera diversidad dialectal del español americano, postula que TODOS los rasgos típicamente caribeños reflejan un trasfondo afrohispanico, aunque aparezcan también en otras partes del mundo.

Havana foi umas das grandes cidades em que os elementos africanos foram absorvidos, pois ali os africanos de mesmo grupo étnico puderam organizar atividades sociais e religiosas, mantendo sua língua nativa e passando seus hábitos

culturais e linguísticos a um público numeroso. Restos de línguas africanas continuam vivas nas províncias centrais de Cuba, se trata de um bilinguismo marginal, mas não um espanhol boçal<sup>8</sup>, esses indivíduos falam espanhol cubano normal.

Porto Rico, assim como Cuba, teve grande contato linguístico afro hispânico, porém durante o século XIX chegaram poucos escravos boçais. Dessa forma, a consciência popular de espanhol africanizado de Porto Rico nunca foi comparada à situação de Cuba.

Apesar da numerosa população de origem africana e suas contribuições na música, na cultura e no vocabulário dominicano, não há vestígios de documentos do espanhol boçal na República Dominicana como há em Cuba e em Porto Rico, porém Lipski (1996) afirma que muitas características regionais refletem o fundo linguístico afro hispânico da nação dominicana.

De acordo com Alba (1992), o primeiro estudo sobre a vigência de elementos africanos nas Antilhas foi publicado em 1971, tratava de aspectos lexicais na região de Cuba e foi produzido por Lopez Morales, que duas décadas depois escreveu sobre a *mortandad de los afronegrismos*<sup>9</sup> em Porto Rico.

### 2.5.1.1 O Espanhol Cubano

Segundo Lipski (1996), na época da Guerra Hispano-americana, em 1898, quase a metade da população cubana branca tinha nascido na Espanha, fato que justificaria o espanhol de Cuba ter influência europeia mais do que os outros dialetos hispano-americanos.

Ortiz Lopez (1998, p. 62) comenta os dados dos censos populacionais realizados em Cuba entre 1775 e 1899, que mostram que “el elemento afronegroide en Cuba representó un porcentaje significativo dentro de la población general de la isla y, como grupo étnico, fue mayoría desde 1817 hasta 1860”. Lipski (2005) coaduna com a informação e mostra que entre 1820 e 1861 o número de negros boçais, negros nascidos na África, presentes em Cuba chegou a contabilizar 850.000 pessoas. Ou seja, mais da metade dos escravos levados para Cuba

<sup>8</sup> O espanhol boçal é a versão do espanhol que foi falada pelos escravos africanos nascidos na África. Este se diferencia do espanhol crioulo que é a versão falado pelos escravos de descendência africana que nasceram na América. (LÓPEZ MORALES, 1998, p.84)

<sup>9</sup> O termo *mortandad léxica* faz referência a diversos fatos, um deles é a perda ou a redução, por várias razões, de alguns dos elementos do inventário léxico empregado por uma comunidade de fala.

chegaram na primeira parte do século XIX. Assim sendo, vale observar o que diz Ortiz Lopez (1998, p. 63):

La importación esclavista a la isla de Cuba puede dividirse [...] en dos grandes periodos: el primero, correspondería a la etapa inicial de la conquista que tuvo como base la explotación y exterminación de los indígenas y la primera ola de africanos, seguida de una segunda etapa de lento desarrollo que comienza a finales del siglo XVI, [...]. El segundo periodo comenzaría en el siglo XVIII y comprendería una etapa inicial de desarrollo impetuoso de la economía y la explotación esclavista que alcanza su momento culminante hacia 1840, con la presencia de 436 mil esclavos, quienes representan más de 59 por ciento de la población de la isla, [...].

Considerando as razões históricas que contribuiram para a entrada de negros em Cuba, Guanche (1996) pontuou que o cultivo da cana-de-açúcar foi um dos produtos que mais estimulou a manutenção e expansão da escravidão africana pela América. Cuba recebeu um grande número de escravos diretamente da África e de outras ilhas caribenhas devido à eclosão nas plantações de açúcar. Ao observar os aspectos sócio históricos e econômicos da época colonial, Thorvaldar (2015) verificou que é notória a influência destes no desenvolvimento da condição social dos escravos, bem como em sua integração à sociedade cubana. Os africanos puderam se integrar na sociedade colonial, mesmo que nos níveis mais baixos e, às vezes, uma geração posterior a sua chegada.

Nestas circunstâncias, a primeira geração a chegar falaria um espanhol *pidginizado* de maneira similar a outros grupos de imigrantes recentes na região, convivendo nessa variedade características africanas unidas aos resultados de uma aprendizagem imperfeita do espanhol. Os aspectos sóciohistóricos e econômicos da época colonial podem ter sido decisivos no que tange às contribuições linguísticas africanas sobre o espanhol cubano. Com o rápido crescimento populacional evidenciou-se o uso de línguas africanas entre grupos da mesma região, unindo assim, africanos de uma mesma etnia, que compartilhavam a mesma língua, religião e práticas culturais, como exemplificado nas palavras de Lipski (2001, p.218):

La presencia de una masa crítica de *lucumíes*, de habla yoruba, conducía al sincretismo afrocubano conocido como *santería*. Asimismo los *carabalíes* del sureste nigeriano--de habla Igbo y Efik--contribuyeron a la formación de la sociedad secreta afrocubana de *Abakuá*. Los *congós*--hablantes del KiKongo y otros idiomas sejemantes--formaron el *palo mayombe*, mientras que los *ararás*, de la agrupación Fon-Gbe de Benín y Togo, aportaron algo de su música y creencias religiosas, sobre todo en Matanzas.

De acordo com Lipski (1996) entre os afros cubanos idosos, sobreviveram restos de ioruba e de quicongo, mesmo com uso limitados a crenças religiosas. Nessas comunidades surgiu rapidamente uma fala mais “africanizada”, que duraria, pelo menos, até a segunda geração. Lipski (1996) também exemplifica estereótipos afrocubanos que ainda são recordados pelos cubanos mais velhos, como: a) o *son* com cópula indiferenciada, por exemplo *¿Qué son esto?*, b) e o uso de *ta* + infinitivo para expressar verbos.

Quanto às manifestações afro hispânicas de Cuba, Lipski (1996) relata que elas aparecem com destaque nas teorias sobre a crioulização e a influência africana no espanhol da América. A presença de uma comunidade cubana nos Estados Unidos fomentou uma grande quantidade de estudos fonológicos, sociolinguísticos e léxicos, que analisaram Havana e outras cidades de grande porte.

#### **2.5.1.1.1. Características sintáticas do Espanhol Cubano**

Agora ressaltemos as características sintáticas do espanhol de Cuba, ainda que haja uma gama de especificidades no âmbito da fonética e fonologia, morfologia e léxico. Conforme Lipski (2001, p. 232),

El español popular y *bozal* en contacto con otros idiomas criollos sólo absorbía las estructuras sintácticas que coincidían en términos generales con las configuraciones romances. Por lo tanto aun en los textos *bozales* influenciados por otros idiomas criollos no se ven combinaciones ajenas a la sintaxis fundamental del español. Es difícil, pues, distinguir entre los resultados del aprendizaje defectuoso del español por parte de africanos que hablaban una variedad de lenguas tipológicamente muy distintas, y la compentración de un idioma criollo establecido, dotado de una gramática consistente y de unas reglas sintácticas sistemáticas.

Porém, Lipski (1996) apresenta três características sintáticas do espanhol de Cuba: as perguntas parciais sem inversão são a regra quando o sujeito é um pronome, por exemplo, *¿Qué tú quieres? ¿Cómo usted se llama?*; *Más* precede a palavra negativa nas combinações *más nunca, más nada, más nadie*; os sujeitos léxicos de infinitivos são comuns em Cuba, e no caso de *para* se produz com a exclusão quase total das construções em subjuntivo na fala informal, por exemplo, *¿Qué tú me recomiendas para yo entender la linguística?*. Quanto à segunda característica citada, para muitos cubanos, configura uso de tom agressivo colocar o pronome sujeito na posição pós-verbal.



Pode-se imaginar que essa mudança sintática do espanhol Caribe esteja relacionada com a perda da morfologia, a queda do morfema verbal /s/ de segunda pessoa<sup>10</sup>, além da perda de *vosotros* (generalizada em todo o espanhol americano), o que leva à configuração de três ou quatro formas verbais apenas, diferenciando-se do espanhol de Madri, que conserva as seis diferentes formas verbais para cada pessoa, mostrando menor tendência ao uso de pronome sujeito. Assim a marcação verbal do espanhol do Caribe seria como demonstrada em (1):

- (1) Yo quiero  
 Tú quiere  
 Él quiere  
 Nosotros queremos  
 Ustedes quieren  
 Ellos quieren

Podemos perceber a queda do /s/ em posição final de sílaba (afetando *nosotros, ustedes, ellos* y as formas verbais) causa indistinção entre as formas da segunda e da terceira pessoa do singular. Se forem considerados outros tempos verbais, como o pretérito imperfeito do indicativo ou os tempos do subjuntivo, as três pessoas do singular ficam indistinguidas.

São poucos os estudos que visam a observação e análise de dados gramaticais na região de Cuba, por este motivo temos poucos exemplos para expor até aqui. Também é um motivo que justifica este trabalho, uma vez que contará para os estudos gramaticais cubanos, que se veem escassos.

## 2.6 CONCLUINDO A SEÇÃO

Vimos nesta seção que o espanhol, com uma extensão territorial de 11.990.000 km<sup>2</sup>, não poderia deixar de apresentar diversidade linguística. Chamado de *español* ou de *castellano*, esta língua se faz oficial e cooficial em muitos países, para além das organizações e fóruns internacionais, o que a coloca no espaço de segunda língua materna por números de usuários.

---

<sup>10</sup> Segundo López Morales (1992) e Toribio (2000), por exemplo, a perda do morfema {s} no espanhol caribenho é decorrente de um processo fonético de apagamento do fone [s] em final de sílaba.

Alguns autores defendem o mito da homogeneidade na língua espanhola, porém são pesquisas baseadas em normas de falantes cultos, que se aproximam sempre aos escritos literários e, por sua vez tendem a se igualarem. Quando se põe em questão analisar as línguas desde seus contatos populares, observando os falantes do nível vulgar, como chama a atenção Rona (1964), este mito já não se sustenta. Isso acontece por ser a norma culta que rege e direciona a vida do indivíduo, ela é a escolhida para estudar a unidade e a diversidade da língua, por ser a que mais se aproxima da normativa e apresenta menos variações, bem como afirma Lope Blanch, 2001, p.2

[...] no cabe duda de que esa norma culta dentro de cada dialecto geográfico, es la que dirige la vida del idioma, la que da la pauta y sirve de modelo a muchas otras normas, y, sobretodo, la que más contribuye a mantener la unidad fundamental, básica, de la lengua, gracias a su proximidad con otras normas cultas de dialectos geográficamente distintos. En poco casos hay menos diferencias entre dos normas cultas de países diferentes, que entre las normas culta y popular de una misma ciudad. De ahí mi interés por estudiar – por lograr que fuera estudiada- la diversidad de “las normas cultas de las principales ciudades de Hispanoamérica”.

O que acontece é um discurso político da gramática normativa que homogeneiza o espanhol e caracteriza sua unidade. Instituições como a *Real Academia Española* e a *Asociación de las Academias de la Lengua* são responsáveis por decretar como a língua deve funcionar, deixando de ter como foco de observação a comunicação espontânea, a comunicação real dos falantes, que concretizaria de fato os estudos dialetais da língua. Porém, dados empíricos parecem mostrar que há variação, e que o espanhol é uma língua heterogênea, dada a sua imensidão geográfica. E, embora se considere a norma culta para averiguar uma língua, outras normas deveriam ser consultadas para definir o que acontece no espanhol, pois o espanhol não existe apenas na norma culta, não é uma língua apenas de manuais e dicionários.

### 3. A GRAMÁTICA GERATIVA E A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Este trabalho se baseia nos vieses da gramática gerativa e da sociolinguística variacionista, por entendermos que são duas teorias que mais possuem investigação avançada sobre o uso do pronome sujeito.

Para elucidar os conteúdos e conceitos a serem bordados nesta pesquisa, faz-se necessário, primeiramente, retomar os estudos de Chomsky (1986), que estabelece duas noções de língua, a saber, a do senso comum e a das abordagens científicas. A noção do senso comum leva em consideração os dialetos e a aprendizagem individual, ao passo que as abordagens científicas deixam de lado estes aspectos. Como se pode constatar em Chomsky (1986, p. 35)

[...] a noção de língua do senso comum tem uma dimensão sociopolítica crucial. Falamos do Chinês como «uma língua», embora os vários dialetos chineses sejam diferentes como as várias línguas românicas. Falamos do Neerlandês e do Alemão como sendo duas línguas separadas. Apesar de alguns dialetos do Alemão estarem muito próximos de dialetos a que chamamos «Neerlandês» e não serem mutuamente inteligíveis com outros a que chamamos «Alemão». Um aviso habitual em cursos de introdução à linguística é que uma língua é um dialeto com um exército e com uma marinha (atribuído a Max Weinreich). É duvidoso que se possa dar conta, de uma maneira coerente, de «língua» neste sentido. É um facto que ninguém se propôs ou tentou fazê-lo seriamente. Pelo contrário, todas as abordagens científicas abandonaram pura e simplesmente estes elementos daquilo a que se chama «língua» no uso do senso comum.

Vale ressaltar que ambas as noções estão incluídas em uma mesma língua, que no caso deste trabalho, é a língua espanhola. Ainda que a noção sociopolítica de língua seja a mesma para o espanhol do Caribe e espanhol da Espanha, as duas variedades que observaremos aqui, em termos linguísticos são diferentes.

Ao discutir concepções científicas de língua e linguagem, Chomsky (1986) propõe duas definições de língua: língua-E e língua-I. A primeira é a língua externa e comum a todas as variedades, o idioma, o fenómeno sociocultural, político e histórico que compreende um signo linguístico, como o português e o espanhol. A língua-E, então, é o conjunto de uma determinada língua, como o português do Brasil, o português de Portugal, o português Angola, etc.

Já a Língua-I é a representação mental do conhecimento de uma língua por parte de um indivíduo, a língua interna, mental e individual do sujeito. É o conhecimento linguístico de uma pessoa, tudo que está em sua mente e lhe permite produzir uma língua-E, podendo formar e compreender palavras, sintagmas e

discursos. A compreensão da definição de Língua –I abre espaço para os conceitos da modularidade da mente, da modularidade da linguagem, e logo, da interação entre os módulos.

No caso do espanhol, ao tomar para análise um texto do espanhol cubano, espanhol mexicano ou ainda espanhol madrileno, todos os textos são considerados espanhol. O ponto diferencial entre todos será a gramática interna, a representação mental. Nesse contexto, o produto final, o texto, se refere a Língua-E e o processo, a representação, se refere a Língua-I.

A noção de estrutura na mente do falante também foi uma abordagem defendida por Jespersen (1924), que considerou tal estrutura como suficientemente definida para guiar o falante na estruturação de suas próprias frases, particularmente, suas expressões livres, que podem ser novas para ele próprio e para os outros ao seu redor.

Um pouco mais tarde, Chomsky (1997) coloca que, com a Segunda Revolução Cognitiva, houve mudanças na perspectiva de estudo da linguagem. Se antes o foco estava nos produtos, ou seja, na Língua-E, passada a segunda metade do século XX, o foco passou a ser os processos que geram ditos produtos, a Língua-I. A Língua-E foi objeto de estudos na maior parte das gramáticas tradicionais ou estruturalistas. Porém, tal mudança não vem com o intuito de determinar que uma ou outra maneira seja a mais apropriada para os estudos da linguagem, apenas abre um leque de possibilidades para se fazê-lo. Melhor dizendo, não houve um abandono de perspectiva, mas sim a inserção de uma nova perspectiva para a Língua-I. A Língua-E não foi abandonada, ela continua a ser estudada pela Pragmática, pela Sociolinguística e outras áreas.

Ao estudar a Língua-I, os linguistas estão interessados em descobrir como é a natureza psicológica e neurológica da linguagem no indivíduo. O interesse deste trabalho está na Língua-I, a acepção cognitiva da espécie humana, por isso a Gramática Gerativa é uma de suas bases teóricas.

A outra base teórica que utilizaremos é a Sociolinguística. Sendo uma das subáreas da Linguística, se dedica a estudar a língua em uso no seio das comunidades de fala, direcionada a uma investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Dessa maneira, nos utilizamos desta ciência para observar como o fenômeno do sujeito nulo se apresenta na sociedade, uma vez que a sociolinguística está presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre a língua

e sociedade, focalizando os empregos linguísticos concretos, principalmente os de caráter heterogêneo e a variação existente neles.

Para além do estudo da língua como o caráter social, faz-se necessário estudá-la desde o ponto de vista individual do falante, de maneira que ambos estudos levem a uma progressão produtiva, considerando o real funcionamento da mente e seu uso na sociedade, o que justifica as bases teóricas escolhidas para direcionar este trabalho, ditas como opostas, dialogarem em prol dos estudos linguísticos.

### 3.1 A GRAMÁTICA GERATIVA

O termo “gramática” tem sido usado de maneira variada. Em seu uso convencional, uma gramática é uma descrição ou uma teoria de uma língua, um objeto construído por um linguista (Chomsky, 1986). Antes de discutir termo Gramática Gerativa, precisamos retomar duas acepções de gramática: a normativa e a descritiva.

No senso comum, o termo gramática possui um significado que remonta a um conjunto de regras contidas em um livro grande e grosso que nos limita a um sistema de falar e escrever bem, seguindo um padrão de fala e escrita binário de certo ou errado. Tais regras, de maneira geral, estão baseadas em usos literários de dado idioma e configuradas em um conceito de estética. Eis a caracterização do que vem a ser a Gramática Normativa, interessada em prescrever e determinar as formas que devem ser usadas.

Já a acepção de gramática descritiva, tem como meta descrever e sistematizar os usos linguísticos de determinada comunidade linguística sem emissão de juízo de valor. Ela tenta explicitar o conhecimento que um falante ou comunidade tem de sua língua. Tendo um cunho realmente científico, o foco descritivo deve considerar as variedades de uma língua e seus diversos registros, considerando a língua em sua plenitude, enquanto que o enfoque normativo vê a língua de maneira mais homogênea.

A perspectiva descritiva não institui maneira certa para falar, ela descreve e busca explicar os usos registrados dos falantes. Assim, não separa as orações entre corretas ou incorretas, mas como gramaticais e agramaticais. As orações gramaticais são as possíveis na língua, ao passo que as orações agramaticais são

as que não são possíveis<sup>11</sup>. Assim, orações corretas e incorretas fazem parte do conjunto de orações gramaticais.

Dentro desta abordagem, ser capaz de organizar corretamente as palavras dentro de um certo idioma não significa meramente obedecer aos conjuntos de regras normativas, mas sim obedecer a regras intuitivas, que de alguma maneira, são compartilhadas por falantes de uma mesma comunidade linguística. Pois bem, é deste conceito de gramática que vamos tratar para a análise dos dados apresentados na seção 4. Mas antes, passaremos por outros pormenores e definições dessa teoria, uma revisão bibliográfica com o intuito de facilitar o caminho a ser percorrido.

Noam Chomsky, a partir da segunda metade do século XX, retoma algumas concepções antigas sobre linguagem, reformulando o modelo da Gramática Gerativa na sua compreensão moderna. A definição de gerativa dada por Chomsky (1986) é, simplesmente, a capacidade de gerar sentenças.

A Teoria da Gramática Gerativa ressurgiu opondo-se ao então reinante Estruturalismo, que zelava pela descrição das relações entre os elementos básicos de um sistema linguístico e tinha como principais linguistas Ferdinand de Saussure e Leonard Bloomfield, respectivamente na Europa e América. No estruturalismo, a língua é um sistema homogêneo, um conjunto de signos exterior aos indivíduos que deve ser estudado separado da fala. A tendência era de a língua ser vista como um grupo de produções (palavras, frases) acompanhada de significados. Saussure (1973) apresenta para a linguagem a dicotomia *langue/parole*, respectivamente língua/fala, fundamentada na oposição social /individual. Ainda que a língua seja um sistema lexico-lógico e gramatical que existe potencialmente na consciência das pessoas que falam a mesma língua, como meio de comunicação a língua não depende do indivíduo que a fala. Ao passo que a fala é o ato pelo qual o indivíduo emprega a língua para exprimir as suas ideias. É, por conseguinte, de natureza individual; e, entre os seus elementos constitutivos, está também a emissão dos sons. Através desse conceito, Saussure estabelece o objeto de estudo da linguística, ao afirmar que esta deve se preocupar apenas com a língua, ou seja, apenas com o fator social.

---

<sup>11</sup> As orações agramaticais são invento dos linguistas para manipular os dados e poder explicar as orações possíveis existentes na língua.

No estruturalismo saussuriano, uma língua era vista como um sistema de sons associado a um sistema de conceitos. Tanto a teoria estruturalista quanto a gramática tradicional não se preocupam em como as orações se organizam, como o faz a gramática gerativa. As gramáticas tradicionais oferecem muitas informações sobre as descrições estruturais das frases, porém falham ao não formularem muitas das irregularidades básicas da língua a que se referem. De acordo com Chomsky (1965), isso fica claro no âmbito da sintaxe, quando “nenhuma gramática tradicional ou estruturalista ultrapassa a classificação de exemplos particulares para chegar à fase da formulação de regras generativas em qualquer escala significativa” (p.85).

A gramática tradicional e a generativa chegam a apresentar interesses complementares, uma vez que uma boa gramática tradicional ou pedagógica possui uma lista completa de exceções, paradigmas e exemplos de construções regulares e observações com diversos níveis de detalhes e princípios em torno da forma e o significado de suas expressões. Entretanto, não se preocupa com o quesito de como o leitor da gramática faz uso da informação adquirida a fim de atingir o conhecimento a ser usado na formação e interpretação de novas expressões, tão pouco considera as questões da natureza e dos elementos do conhecimento em questão.

Ambas as teorias estruturalistas, a de tradição americana e a europeia, ocupavam-se de processos analíticos para derivar dos dados alguns aspectos da gramática, sobretudo nas áreas da morfologia e da fonologia. Os processos sugeridos, segundo Chomsky (1986), eram inadequados, não respondiam a questões básicas sobre o conhecimento da língua e não havia esforço para determinar o que havia no âmbito da representação de uma visão clara sobre o conhecimento do falante/ouvinte.

Em um contexto em que generativa significa nada menos que explícita - fornece uma análise explícita do seu contributo sem se apoiar na inteligência do leitor compreensivo - a gramática gerativa de uma língua particular é uma teoria que trata da forma e dos significados de expressões dessa língua. De acordo com Chomsky (1986), a partir daí podem ser considerados muitos modos de resolver as questões básicas sobre a língua apresentadas mais adiante em (1) e variados pontos de vista podem ser adotados para tratá-las, entretanto, o ponto de referência é o da psicologia individual. Tal ponto de referência tem a ver com os aspectos da forma e do significado determinados pela faculdade da linguagem, um dos componentes da mente humana.

Conforme Chomsky (1986), um estudo razoável acerca da natureza, aquisição e uso de uma língua em situações da vida real, deve considerar a existência de uma determinada propriedade da mente, P, que permite a aquisição da língua por indivíduo em condições de experiência pura e uniforme, de maneira que P é posta em uso mediante as condições de aquisição. É uma abordagem natural e coerente buscar e determinar a propriedade real da mente, P, bem como questionar, em seguida, seu funcionamento nas condições complexas de diversidade linguística concreta.

Seguindo por esta abordagem, o estudo da gramática gerativa representou uma mudança significativa de perspectiva na abordagem dos problemas da linguagem. O comportamento linguístico e os produtos deste comportamento saem de foco, dando espaço aos estados da mente/cérebro que fazem parte do dito comportamento como objeto de investigação. O ponto central passa a ser a linguagem: sua natureza, origem e uso. Assim se colocam três questões basilares, que podemos retomar em (1), a seguir:

- (1) (i) O que constitui o conhecimento da língua?  
 (ii) Como é adquirido o conhecimento da língua?  
 (iii) Como é usado o conhecimento da língua? (CHOMSKY, 1986, p.17)

As respectivas respostas para as perguntas acima são: (1i) a gramática gerativa particular, que cuida do estado da mente/cérebro do indivíduo que conhece uma gramática particular; (1ii) através de uma especificação da Gramática Universal juntamente com os princípios de interação com a experiência, *o input*; (1iii) com a expressão do pensamento e a compreensão de amostras de língua, a comunicação e outros usos especiais da língua.

As questões acima abriram caminho para novos estudos, mas também permitiu que problemas e colocações antigas fossem revistas, por exemplo, a aquisição da linguagem na perspectiva do estruturalismo com a visão behaviorista, que trazia a analogia como ponto crucial. Também havia a noção de que a aquisição da linguagem era um caso de “sobre-aprendizagem”. A produção de novas formas e a interpretação eram assumida como caso de analogia e a língua como um mero sistema de hábitos, justificando-se por ser determinada pela evidência disponível. Entretanto o conteúdo em que se baseiam as questões de (1) revelam o oposto: que



a linguagem traz de maneira explícita o chamado problema de Platão, o problema em dar conta da riqueza, especificidade e complexidade do conhecimento partilhado de uma língua, considerando os limites dos dados disponíveis. Sendo assim, não há analogias, já que não é uma questão de ouvir e repetir, o que está em questão é a aquisição de um conhecimento, e o indivíduo conhece as regras.

O carácter gerativo das línguas naturais baseia-se na realidade de que em todas as línguas humanas pode-se criar um número infinito de expressões linguísticas partindo de uma quantidade finita de elementos disponíveis. Assim, deduz-se que não há limites para as possibilidades de frases que um falante-ouvinte<sup>12</sup> de toda e qualquer língua no mundo pode produzir. Então, a capacidade do sujeito falante de formar e de reconhecer frases gramaticais na infinidade das construções possíveis de uma língua inicialmente chamou-se *competência linguística*, referindo-se ao conhecimento que o falante-ouvinte possui da sua própria língua. Posteriormente o termo *competência* foi definido em contraste com o termo desempenho (performance), designando tanto o uso e os produtos desse conhecimento em situações efetivas de comunicações linguísticas, quanto mecanismo de percepção e processamento de linguagem que subjaz à competência. Essa distinção entre competência e desempenho se relaciona com a dicotomia *langue/parole* de Saussure “mas é necessário rejeitar o seu conceito de *langue* como sendo meramente um inventário sistemático de itens e regressar antes à concepção humboldtiana de competência subjacente como um sistema de processos gerativos” (CHOMSKY, 1965, p. 84). Quanto a performance, Chomsky afirma que ela é apenas um reflexo direto da competência, no caso das condições estabelecidas para o falante-ouvinte ideal vigorarem. Mas, ressalta que

Na realidade dos factos, é óbvio que ela não pode reflectir diretamente a competência. Uma gravação da fala natural mostrará numerosos arranques em falso, desvios das regras, mudanças de intenção a meio caminho, e assim por diante. Para o linguista, assim como para a criança que aprende a língua, o problema consiste em determinar, a partir dos dados da performance, o sistema subjacente de regras que foi dominado pelo falante-ouvinte e que ele põe a uso na performance efectiva. Logo, no sentido técnico, a teoria linguística é mentalista, na medida em que tem como objetivo descobrir uma realidade mental subjacente ao comportamento efectivo. O uso observado da linguagem ou as disposições possíveis de

---

<sup>12</sup> O termo falante-ouvinte se refere ao objeto ideal da teoria linguística, situado em uma comunidade linguística totalmente homogênea, que conhece a língua perfeitamente, e que, ao aplicar o seu conhecimento da língua em uma performance efetiva, não é afetado por condições gramaticalmente irrelevantes como: limitações de memória, distrações, desvios de atenção ou de interesse e erros casuais ou característicos.

resposta aos estímulos, hábitos, etc., podem fornecer informações relativas à natureza desta realidade mental [...] (CHOMSKY, 1965, p. 84)

Como este trabalho se encontra dentro da perspectiva gerativa de estudos da linguagem, pretendemos analisar aqui a maneira de falar do falante nativo, ou seja, sua Língua-I, a fim de compreender o que passa em sua mente quando realiza uma ou outra produção dentro de sua língua materna. Dessa maneira vamos dar enfoque a sua competência, deixando de lado o seu desempenho.

Nesta perspectiva linguística, da mesma maneira que sistemas complexos ou órgãos do corpo - como o córtex visual e o sistema respiratório - possuem suas propriedades exclusivas e são estudados separadamente, com suas próprias teorias, também a mente humana é organizada em diferentes sistemas cognitivos ou faculdades da mente, com seus princípios específicos, devendo ser estudadas separadamente. Como exemplo, temos a faculdade da audição, a faculdade da visão e a faculdade da linguagem, sendo esta última a capacidade do indivíduo para desenvolver a linguagem, que vamos discutir mais detalhadamente abaixo.

### **3.1.1 A faculdade da linguagem**

Ao olhar para espécie humana, se observa que todo ser humano possui a capacidade inata para adquirir uma língua. Isso leva à hipótese de que todo o ser humano possui a faculdade da linguagem, que opõe esta espécie a todas as outras do planeta. A capacidade da linguagem estaria inscrita no DNA do ser humano e parte do conceito de que a mente do indivíduo não se compara a um recipiente para ser preenchido com coisas, como uma *tabula rasa*, sem nenhuma programação prévia para a cognição ou comportamento. A mente humana é tomada com uma dotação genética que permite a aquisição e uso de, pelo menos, uma língua natural. Ou seja, é uma hipótese inatista, que considera a capacidade de aquisição da língua do ambiente ao qual o indivíduo estiver exposto, seja ele qual for, bastando, para tal, receber os estímulos linguísticos produzidos pelos falantes do ambiente em questão.

Exceto pelos casos patológicos, a faculdade da linguagem é um sistema distinto na mente/cérebro, possuindo um estado inicial  $E_0$  comum e, aparentemente, exclusivo à espécie humana no que tange os aspectos essenciais. Com a experiência apropriada, o estado inicial  $E_0$  passa a um estado relativamente estável  $E_E$ , quando sofrerá modificações periféricas, como a aquisição de um novo vocabulário. Então o estado atingido incorpora uma Língua-I, o estado em que se

conhece uma Língua-I particular. A Gramática Universal, doravante GU, é a teoria do  $E_0$ ; as gramáticas particulares são teorias das várias Línguas-I. Assim, as Línguas-I que podem ser atingidas com o  $E_0$  fixo e a experiência linguística variável são as línguas humanas atingíveis, nessa perspectiva gerativista, língua significa Língua-I.

A base empírica para o estudo da Língua-I trata-se, em sua maioria, dos juízos dos falantes nativos, que são resultados de experiências ricas em evidências. De maneira geral, tais juízos não refletem diretamente a estrutura da língua. Por exemplo, os juízos de aceitabilidade podem falhar em relação à evidência de gramaticalidade devido à intervenção de outros fatores. De igual maneira, não podemos saber se os vários tipos de evidência serão pouco ou muito informativos no que se refere à faculdade da linguagem e às suas manifestações. Chomsky (1957) relaciona aceitabilidade com o estudo do desempenho e agramaticalidade ao estudo da competência. As orações são consideradas aceitáveis se forem convenientes, apropriadas, adequadas ao propósito do momento e outros fatores que implicam na determinação deste conceito, além da gramática de competência. As orações geradas pela gramática diretamente são as orações gramaticais da língua. Em meio a elas algumas orações verdadeiras, falsas, divertidas, ininteligíveis, triviais, orações sem sentido, etc. Ou seja, as escalas de aceitabilidade e agramaticalidade não são as mesmas, e uma coisa pouco aceitável pode ser perfeitamente gramatical (porém o contrário não se verifica). Através do julgamento de gramaticalidade é possível identificar as diferenças e semelhanças na sintaxe de diferentes línguas. Entretanto, a evidência da natureza da Língua-I e do estado inicial também pode vir de outras fontes, como as relacionadas à forma e ao significado das expressões: estudo de línguas parcialmente inventadas, estudo do uso literário ou da mudança linguística, estudo da aquisição, da neurologia, etc.

Sobre o falante nativo, Chomsky (1965) problematiza que seu conhecimento é intuitivo, não é um conhecimento explícito, que muitas vezes o falante nativo não sabe o conhecimento que ele tem da língua, e quando supostamente sabe, ele pode não ter consciência realmente do que ele realmente sabe. Assim, consultar um falante nativo pode vir a ser um problema, uma vez que ele pode dizer algo que não faz parte da sua língua real. Nas palavras de Chomsky (1965, p. 89):

Obviamente, cada falante de uma língua dominou e interiorizou uma gramática generativa que exprime o seu conhecimento da sua língua. Isto não quer dizer que ele tenha consciência das regras da gramática ou sequer possa vir a ter consciência delas, ou que as suas afirmações acerca do seu conhecimento intuitivo da língua sejam necessariamente correctas. Qualquer gramática generativa interessante terá como objecto, na sua maior parte, processos mentais que estão muito para além do nível de consciência efectiva ou mesmo potencial; além disso, é por demais óbvio que as informações e os pontos de vista de um falante acerca do seu comportamento e da sua competência poderão ser errados. Portanto, a gramática generativa tenta especificar aquilo que o falante sabe efetivamente, e não aquilo que ele possa informar acerca do seu conhecimento. Do mesmo modo, uma teoria da percepção visual tentaria explicar aquilo que uma pessoa vê realmente e os mecanismos que determinam essa visão, e não as suas afirmações acerca do que ele vê e porquê; embora essas afirmações possam fornecer informações úteis ou até mesmo decisivas para uma tal teoria.

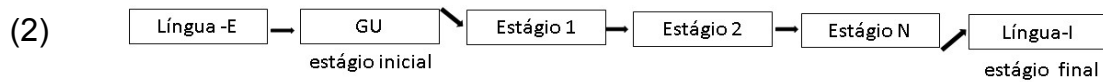
Além do carácter universal da linguagem humana, Chomsky (1986) destaca um aspecto importante na linguagem humana: a criatividade. Independente de nível de escolaridade, todo indivíduo apresenta uma capacidade de criar infinitamente frases novas, das mais simples às mais complexas. As gramáticas tradicionais eram listas de exceções, todavia o aspecto criativo da língua esteja naquilo que é universal entre as línguas. Para alcançar a competência linguística do falante deve-se não apenas olhar para as particularidades de uma determinada língua, mas também para a gramática universal.

Ainda que em outras épocas filósofos e cientistas tenham direccionado seus estudos para o uso e o funcionamento da mente e da linguagem, Chomsky foi o pioneiro a fazê-lo julgando ambas como um só conjunto. Assim, pela primeira vez, ponderou-se a conexão entre mente e linguagem como instâncias de natureza biológica, intrínsecas e possíveis de serem concebidas, juntamente, como um objeto de estudo. Considerando a faculdade mental da linguagem como objeto de estudo da Linguística, o linguista assume uma perspectiva naturalista e internalista no âmbito das discussões dessa ciência, o que culmina em implicações substanciais para o estudo do par mente-linguagem.

### **3.1.2 Teoria de Princípios e Parâmetros**

Uma das teorias que se funda na Gramática Gerativa sobre a variação é a de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981, 1993, 1995), que vem sendo reformulada ao longo dos anos. Considerando que a GU é a teoria do estado inicial e as Línguas-I são a teoria do estágio estável, notamos que as Línguas-I variam

entre si e apresentam propriedades em comum que, por sua vez, são invariáveis. A partir desses dados, faz-se necessário explicar como acontece a variação entre as línguas. O exemplo em (2) ilustra a posição da programação genética da aquisição da linguagem.



A GU é o estágio inicial de uma criança em aquisição de dada língua, ou seja, é o estado da cognição humana anterior aos estímulos da Língua-E do ambiente, é a predisposição inata do indivíduo para aquisição da linguagem em um espaço de tempo moderado e com pouco esforço.

É curioso pensar em uma teoria da aquisição da linguagem, em como as crianças adquirem a língua. A criança é exposta aos dados linguísticos primários, exemplos de desempenho linguístico compostos de frases bem-formadas, exemplos de não-frases, exemplos que refletem uma performance linguística. Partindo de um número pequeno de dados primários bem-formados a criança adquire a língua e, para isso, deve possuir uma teoria linguística que especifica a gramática de uma língua humana possível, e também uma estratégia para selecionar uma gramática da maneira apropriada que seja compatível com os dados linguísticos primários. Chomsky (1965) propõe que uma teoria linguística deve ser validada por critérios de adequação: descritiva e/ou explicativa. Uma teoria é descritivamente adequada quando descreve corretamente a competência intrínseca do falante nativo ideal. Enquanto que uma teoria explicativamente adequada oferece uma explicação de como o falante sai do estágio inicial e alcança estágio final, considerando a predisposição inata do indivíduo. Nas palavras de Chomsky:

Na medida em que uma teoria linguística consegue selecionar com êxito uma gramática descritivamente adequada com base nos dados linguísticos primários, podemos dizer que ela satisfaz a condição de adequação explicativa. Isto é, na medida em que alcança este objetivo, oferece uma explicação para a intuição do falante nativo com base numa hipótese empírica acerca da predisposição inata da criança em desenvolver um certo tipo de teoria para tratar as informações que lhe são apresentadas. (CHOMSKY, 1965, p.108).

Considerando essas distinções, duas gramáticas podem se apresentar de maneiras totalmente diferentes, aquela que for mais universalizante é melhor para uma teoria linguística.

A GU contém dois grupos de elementos relativos à sintaxe: os princípios e os parâmetros. Os princípios são as regras gerais, universais e invariáveis que todas as línguas devem obedecer e que a criança não precisa aprender. E os parâmetros são possibilidades deixadas em aberto pela GU definidas com base na experiência linguística no decorrer da aquisição da língua, são propriedades abertas à variação, fazendo com que o falante de uma língua faça uma opção ou por outra. A criança precisa selecionar/fixar/determinar os parâmetros para configurar a sua gramática.

Uma vez que os princípios são internos, rígidos e valem para todas as gramáticas, uma sentença não pode violar um princípio, visto que isso seria interferir no funcionamento mental do indivíduo, já que a faculdade da linguagem se encaixa na arquitetura maior da mente/cérebro.

Os parâmetros, através da variação, possuem dois valores opostos, a depender da gramática de cada língua, optam por um ou por outro, sendo essa a grande distinção entre as diversas línguas humanas. Uma metáfora comum para ilustrar a Teoria de Princípios e Parâmetros (doravante P&P) é comparar a mente humana com um conjunto de chaveamentos entre diversos interruptores. Os chaveamentos estabelecidos desde o início da aquisição da linguagem se referem aos princípios da GU, esses chaveamentos são os que já vêm formatados de fábrica. Os parâmetros, por sua vez, são os chaveamentos que não são especificados na fábrica, assim como os interruptores de luz, eles precisam ser especificados na posição “ligado” ou na posição “desligado” de acordo como o ambiente em que se encontram. Com essa ilustração, concluímos que os parâmetros da GU são variáveis de maneira binária e previsível, um dado Parâmetro é configurado como positivo (ligado) ou negativo (desligado) conforme os estímulos de uma dada Língua-E. Já os princípios gerais a todas as línguas não podem ser violados por nenhuma sentença.

A formatação dos parâmetros da GU consiste em gerar o conhecimento de uma língua específica, sendo a razão principal da aquisição de qualquer língua natural. Adquirir os parâmetros de uma língua é escolher dentre as opções de configurações sintáticas preexistentes na GU. Vale ressaltar que não existe a opção

de não marcar parâmetro, não existe “meio termo”, deve ser feita a escolha de um ou de outro<sup>13</sup>.

Os parâmetros formam um conjunto de propriedades que uma língua pode exibir ou não, eles são os responsáveis pelas diferenças entre as línguas. Assim sendo, uma criança exposta a um ambiente linguístico em que se fala italiano, por exemplo, vai formatar os parâmetros de sua Gramática Universal de maneira que a sintaxe terá sujeitos nulos e uma sucessão de fenômenos gramaticais variáveis entre as línguas, que aparecem na configuração desta variedade. Enquanto uma criança exposta a um ambiente em que se fala francês, formatará seus parâmetros de maneira a produzir sujeito pronominais obrigatórios e demais propriedades relacionadas.

Para ser considerado parte de um parâmetro, um fenômeno linguístico deve estar incluído em um conjunto de características que se relacionam entre si. Ainda que muitos fenômenos linguísticos tenham sido apresentados como propriedades de parâmetros entre as línguas, alguns estudos apresentam que o número existente de parâmetros deve ser reduzido, uma vez que, em situação contrária, a aquisição da língua materna por uma criança levaria a vida inteira, conforme Clark & Roberts (1993).

Com base na concepção de Línguas-I, tanto línguas diferentes, quanto variedades de uma mesma língua podem se caracterizar como opções paramétricas distintas, a exemplo do que fez Toríbio (2000) para o espanhol dominicano.

O padrão de organização sintática linear entre os constituintes frasais de uma língua parece ser algo que também provem da GU, uma vez que é mantido por todas as línguas humanas: sujeito (S), verbo (V) e objeto (O). Tal padrão vem a constituir uma harmonia estrutural na língua específica, porém, está longe de ser aleatório. Há uma relação hierárquica entre cada constituinte que é fruto de uma opção paramétrica, por exemplo, o princípio de que sintagma como SN, SAdj, SV e SAdv são endocêntricos, ou seja, possuem núcleos, como afirmam Hernanz- Brucart (1987). O parâmetro para este princípio é a ordem das palavras, como a eleição das posições para núcleo e complemento, conforme veremos a seguir.

---

<sup>13</sup> No caso, deve ser assumido que a criança já nasce com uma das opções pré-configuradas, devendo encontrar evidências para sua alteração na aquisição ou não. No caso de encontrar evidências, altera valor do parâmetro, a opção marcada é selecionada. Em caso contrário, permanece com a opção default.

O Parâmetro do Núcleo é um exemplo de que certas propriedades foram escolhidas. Por exemplo, uma língua que possui o Parâmetro do Núcleo marcado como [-final], sem dúvidas, o núcleo estará antes de seu respectivo objeto, como se pode observar no exemplo da língua portuguesa em (3a). Nesse caso, a opção de ordem é SVO, apresentando a sequência SUJEITO → VERBO → OBJETO. Por outro lado, uma língua que marca o Parâmetro do Núcleo marcado como [+final], apresentará o núcleo depois de seu respectivo objeto, o que vem a ser o caso do japonês, exemplificado em (3b). Dessa maneira, a opção de ordem é SOV, fazendo uso da sequência SUJEITO → OBJETO → VERBO.

(3) a. [S [subj.Pedro] [pred. comeu sushi]]

b. [S [subj.Taro-ga] [pred. shusi-o tabeta]]<sup>14</sup>

Taro-NOM sushi-ACU comeu

‘Taro comeu sushi’

(MODESTO, 2015, p. 2)

Tendo em vista a discussão realizada até aqui, o gerativismo é um modelo que está preocupado com as propriedades biológicas do ser humano. Este modelo trouxe consigo uma mudança significativa de perspectiva na abordagem dos problemas da linguagem, passando a considerar como objeto de investigação os estados da mente/cérebro que fazem parte do comportamento linguístico. O ponto central passa a ser a linguagem: sua natureza, origem e uso. Com a hipótese inatista da faculdade da linguagem, a mente humana é vista com uma dotação genética que permite a aquisição e uso de, ao menos, uma língua natural. A P&P assume, então, que a GU possui ativos os princípios da linguagem desde o começo da vida do indivíduo, enquanto que os parâmetros precisam ser ativados ao longo do tempo, de acordo com a língua do ambiente da criança, sendo escolhidos dentre as opções de configurações sintáticas preexistentes na GU. É nesse processo de aquisição, em seu ambiente linguístico, que a criança descobre se a língua possui núcleos sintáticos finais ou iniciais, sujeitos nulos ou preenchidos, concordância morfossintática, entre outros aspectos que os parâmetros formatam como “positivo” ou “negativo”, com o intuito de formar as relações gramaticais fundamentais ao conhecimento sintático dessa língua.

<sup>14</sup> No japonês, o sujeito e o objeto vêm marcados por partículas que, anexadas à palavra, indicam sua função sintática, como aparece na frase de (2b).



### 3.2 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A Sociolinguística Variacionista (doravante Sociolinguística) é uma disciplina independente, que se estabeleceu enquanto área de pesquisa na década de 1960, a partir de estudos desenvolvidos por Labov, Gumperz, Hymes e Bright, principalmente nos Estados Unidos e no Canadá. Propõe-se a estudar a língua em uso, considerando que a variação é inerente à mesma, em situações naturais, nas quais os falantes se preocupariam, a princípio, mais com o que é dito do que com o como é dito. Esta perspectiva concebe a língua como instituição social, não podendo ser desmembrada do contexto sociohistórico e cultural do indivíduo.

A pesquisa na área é desenvolvida para estudar a variação e a mudança linguística, ou seja, o “caos” na língua desconsiderado pelos estruturalistas e gerativistas. A análise é feita a partir do modelo teórico-metodológico da Teoria da Variação Linguística, na qual observam-se as variantes concorrentes “em seu campo natural de batalha”<sup>15</sup> e as variáveis que as influenciam. Segundo Tarallo (2007, p. 18), “o modelo teórico-metodológico da sociolinguística parte do objeto bruto, não-polido, não-aromatizado artificialmente”. O que significa que o fato linguístico é ponto de partida desta área de pesquisa, “é o porto ao qual o modelo espera que retornemos, sempre que encontrarmos dificuldades de análise” (TARALLO, 2007, p. 18).

Os estudos sociolinguísticos podem ser qualitativos e/ou quantitativos e evidenciam a lógica e a sistematicidade do funcionamento da língua, rompendo com a noção de que a língua falada é um “caos”.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2014), a sociolinguística adere ao conceito de competência comunicativa de Hymes (1966), que se seguiu à teoria linguística hegemônica introduzida por Chomsky (1957), com o modelo de competência do gerativismo. Conforme vimos na seção anterior, para Chomsky, o conhecimento que os falantes possuem da língua é a competência, materializada no que ele chamou de desempenho ou performance. A partir daí, Hymes (1966) reinterpreto o conceito chomskyano de competência, incluindo a noção de adequação na produção linguística, ou seja, o mesmo conhecimento que permite ao falante produzir infinitas sentenças, de acordo com o sistema da língua, engloba também a capacidade que o

---

<sup>15</sup> Referência feita por Tarallo (2007, p.6-7) acerca da pesquisa sociolinguística para tratar da coexistência de variantes e a possibilidade de uma das formas ser adotada e a outra deixar de ser utilizada pelos falantes.

falante tem de adequar seu discurso ao interlocutor e às circunstâncias que presidem à sua enunciação. Dita reinterpretação foi adotada pelos princípios sociolinguísticos, uma vez que valorizava as condições de produção da fala e trazia proporções sociais para o estudo da linguagem.

### **3.2.1 Língua e sociedade**

Para Labov (1975), o termo sociolinguística é uma redundância, visto que não há como imaginar uma linguística separada do social. De igual opinião estão autores como Alkmim (2001), Camacho (2001), Lucchesi (2004) e outros pesquisadores, que assumem os pressupostos teóricos de William Labov e acentuam que a ligação entre língua e sociedade se produz de maneira inquestionável, não somente como recurso interdisciplinar, já que não se pode pensar em estrutura linguística desconsiderando os fatores sociais, históricos e culturais envolvidos no processo. Para Camacho (2001), a Sociolinguística visa a um exame da linguagem no contexto social para a solução de problemas próprios da teoria da linguagem, que é a relação entre língua e sociedade. Como a linguagem é um fenômeno social, é necessário recorrer às variações derivadas do contexto social.

De acordo com Tarallo (2007), este modelo de análise proposto por Labov, mostra-se como reação à ausência do componente social no modelo gerativo. Por conta disso, William Labov insistiu, veementemente, na relação entre língua e sociedade, bem como na possibilidade virtual e real de sistematização da variação existente e particular da língua falada. De acordo com Labov (2000), todos os sociolinguistas concordam que produções e interpretações de um falante não são o lugar primário da investigação linguística nem as unidades finais da análise, mas os componentes usados para construir modelos de nosso objeto primário de interesse, a comunidade de fala.

Ao considerar que a função da Sociolinguística é o estudo de situações reais de uso, Alkmin (2001) coloca que o ponto de partida da Sociolinguística é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas referentes aos usos linguísticos. Em outras palavras, uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam por meio de redes comunicativas diversas, sendo orientados pelo mesmo comportamento verbal e conjunto de regras. Visto que as comunidades organizam-se em

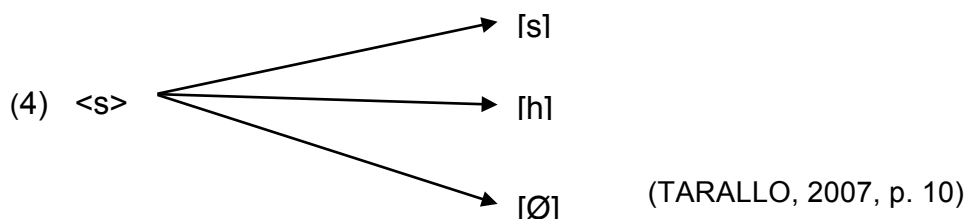
agrupamentos de indivíduos constituídos por traços comuns (religião, lazer, trabalho, faixa etária, escolaridade, profissão, sexo, etc.), a depender do número de traços compartilhados e da convivência, podem constituir-se subcomunidades linguísticas.

### 3.2.2 Variedade, variável e variantes e linguísticas

Conforme já apresentado na seção anterior, o termo variedade se refere às diferentes formas de manifestação da fala em uma língua, como vimos que acontece dentro da língua espanhola. Variante linguística é o nome dado às formas em variação de uma língua. Tarallo (2007, p. 08) afirma que "variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. Por conseguinte, chamamos de *variável linguística* ou grupo de fatores o conjunto de variantes.

Uma variável pode ser binária (com duas variantes) ou eneária (com três ou mais variantes). Uma variável linguística sob análise é chamada de dependente e as variáveis linguísticas associadas à variável dependente são chamadas de independentes. As variáveis também são classificadas por critérios linguísticos e extralinguísticos, veremos na seção seguinte mais detalhes sobre tais critérios.

Um exemplo de variável linguística é a marcação de plural no sintagma nominal (doravante SN) do espanhol falado na cidade do Panamá e pelos porto-riquenhos residentes na Filadélfia ilustrado por Tarallo (2007). A essa variável correspondem três variantes linguísticas que competem no campo de batalha da variação: a variante que contém a presença do segmento fônico /s/, a variante referente à ausência desse segmento, isto é, sua forma "zero" e uma variante fricativa aspirada. Esta última, apesar de não-padrão, mantém a marca de pluralidade no SN. Como ilustração, usaremos parênteses angulares < > ao redor da variável, seguindo a convenção do modelo para indicar a variação do item linguístico analisado. E para as variantes usaremos colchetes, como pode ser observado em (4):



Com base no exemplo de (4), podemos imaginar as combinações usadas pelo falante do espanhol panamenho ou do porto-riquenho apresentadas em (5):

(5) a. laS cosaS bonitas  
laH cosaH bonitaH

b. laS cosas bonitaØ  
laH cosaH bonitaØ

c. laS cosaØ bonitaØ  
laH cosaØ bonitaØ

(TARALLO, 2007, p. 10)

Este exemplo de variação de (5) pode ser sistematizado através dos cinco problemas colocados para a Teoria da Variação e da Mudança: os fatores condicionantes, a transição, o encaixamento, a avaliação e a implementação. De acordo com Tarallo (2007, p. 11):

Uma vez feita a análise segundo o modelo proposto, o aparente “caos” desaparecerá e a língua falada avultará como um sistema devidamente estruturado. Os resultados finais da análise propiciarão a formulação de regras gramaticais. Estas, no entanto, devido à própria essência e natureza da fala, não poderão ser categóricas, optativas ou obrigatórias. Serão conseqüentemente, regras variáveis pois o favorecimento de uma variante não de outra decorre de circunstâncias linguísticas (condicionamento das variantes por fatores internos) e não-linguísticas (condicionamento das variantes por fatores externos, tais como: faixa etária, classe social etc.) apropriadas à aplicação de uma regra específica. Trata-se, portanto, de um sistema linguístico de probabilidades.

Percebe-se, assim, que a sistematicidade da linguagem é buscada através do estudo da variação. As variantes, entendidas como modos diferentes de dizer a mesma coisa, são concebidas como estando em competição na língua, sendo que o favorecimento de uma sobre a outra ocorre devido a critérios linguísticos e não-linguísticos.

### 3.2.3 Critérios linguísticos e extralinguísticos

Até aqui, já entendemos que a variação linguística é uma das características universais das línguas naturais. Pode parecer um processo aleatório e desordenado, mas há regularidade na heterogeneidade da língua, tudo acontece de maneira

sistemática e previsível, uma vez que seus usos são controlados pelas variáveis estruturais (linguísticas) e sociais (extralinguísticas). Considerando que a realidade da variação está dentro da comunidade, Paredes da Silva (2015) recorda que os membros dessa comunidade são falantes homens e mulheres de idades e estratos sociais diferentes e que desenvolvem atividades variadas, o que favorece a existência de diferenças sociais ou externas, atuando em sua expressão linguística.

As variáveis internas ao sistema linguístico se referem a critérios fonológicos, morfofonológicos, sintáticos, semânticos, etc. Ao passo que as variáveis externas equivalem aos critérios extralinguísticos, referindo-se assim às interferências de idade, classe socioeconômica, nível de escolaridade, sexo, etnia, profissão etc. Ambos os tipos de variáveis não agem isoladamente, elas operam em um conjunto complexo de correlações a fim de coibir ou favorecer o uso de formas variantes com significados equivalentes.

De maneira geral, o estudo dos processos de variação e mudança se dá a partir de três critérios básicos de variação linguística: a) a variação diacrônica, correlata ao tempo; b) a variação social ou diastrática, correlata aos grupos sociais; e c) a variação geográfica ou diatópica, correlata aos lugares.

A variação diacrônica é aquela que se estabelece de acordo com o passar do tempo. Apresenta uma mudança linguística quando determinadas expressões e palavras deixam de ser usadas dando lugar a novas formas. Também chamada de variação histórica, ela ocorre de maneira lenta e gradual e muitas vezes há uma etapa de transição até que se consagre a nova forma linguística. Como exemplo podemos comparar o castelhano atual com o que era utilizado na Idade Média ou no Século de Ouro.

A variação diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores que tem a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. Aqui as variantes revelam a posição social e econômica do falante, bem como sua formação cultural. A maioria dos falantes compartilha de uma variedade estandar, porém existem variantes em função de fatores como idade, sexo, crenças, profissão, dentre outros. No que tange à variável sexo, Moreno Fernández (2015) coloca que uma das primeiras obras que a linguística europeia produziu com esta variável foi publicada em 1952, tratando-se de um volume que a revista *Orbis* preparou a fim de oferecer informações sobre o alcance mundial sobre a língua das mulheres. De acordo com esta publicação, na Romênia apareceram

estudos de Piscariu, Capidan, Pop, Récatas, Merlo, Piccito, etc., todos desenvolvidos ao redor de dos temas: a conveniência de utilizar as mulheres como informantes na dialetologia e o caráter arcaizante ou inovador de sua maneira de falar.

Paiva (2015) apresenta resultados de um estudo intitulado *Influências sociais na escolha de variantes linguísticas*, que analisa a variação na pronúncia do sufixo inglês *-ing*, formador de gerúndio (*speaking, eating*) e verifica maior frequência da pronúncia velar para as mulheres. Foi considerado neste estudo a diferença entre a pronúncia velar e dental do sufixo corresponde a uma diferença de valorização social, opondo a forma prestigiada à forma não prestigiada, respectivamente. Predominando a forma de prestígio na fala feminina. De acordo com Paiva (2015, p.34), outros estudos de orientação sociovariacionista corroboraram os resultados constatados no referido estudo, revelando que sexo/gênero pode ser um grupo de fatores significativo para processos variáveis de diferentes níveis (fonológico, morfossintático, semântico), além de apresentar um padrão bastante regular em que as mulheres demonstraram maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente. Entretanto, faz-se necessário ter cautela ao analisar e explicar as ocorrências da variável gênero/sexo, por exemplo, ao cruzar os dados com outras variáveis sociais, como idade, e culturais, a exemplo dos conceitos de *status* feminino e masculino da tradição ocidental, como ressalta Paiva (2015, p. 41):

Evidentemente, qualquer explicação acerca do efeito da variável gênero/sexo requer uma certa cautela, vistas as peculiaridades na organização social de cada comunidade linguística e as transformações sofridas por diversas sociedades no que se refere à definição dos papéis feminino e masculino. A esse respeito a interação entre gênero/sexo e a variável idade fornece alguns elementos de reflexão. Se nos situamos no contexto cultural das sociedades ocidentais, a predominância de variantes padrão para mulheres mais velhas reflete uma forma de organização mais rígida em que ao homem cabe desempenhar seu papel de homem e à mulher seu papel de mulher. Dentre as boas atitudes que se espera de uma mulher está o uso de uma linguagem mais correta, condizente com a sua condição feminina.

Paiva (2015) elucida que sendo a análise feita em uma faixa etária mais jovem da população, pode ser percebida uma reconfiguração na atuação de homens e mulheres na sociedade, diluindo assim as fronteiras entre seus respectivos papéis (de homem e de mulher). O que leva a crer que *transformações na organização social podem estar subjacentes à neutralidade do efeito da variável gênero/sexo nas*

*faixas mais jovens da população* (PAIVA 2015 p. 41). Atividades domésticas, trabalho e lazer são compartilhados de maneira a desfazer os estereótipos atrelados aos papéis masculino e feminino na sociedade, o que pode ser refletido no uso linguístico alterando os padrões estatísticos ou ainda anulando o efeito da variável.

Quanto à relevância do fator social escolaridade, Votre (2015) mostra que uma observação diária confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas, mas também constata que a escola preserva as formas de prestígio em relação às mudanças em curso na comunidade. Sendo um veículo de familiarização com a literatura nacional, a escola sugere gostos e padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever. Nesse contexto, Votre (2015) sugere a influência da variável escolaridade nos mecanismos de promoção ou resistência à mudança linguística.

Como exemplo de variações que envolvem o social e o cultural, Calvet (2002) apresenta as gangues de jovens adolescentes que estavam pelos subúrbios parisienses, lioneses e marseheses, no início do nos anos 1990. Bem como ilustra Calvet:

[...] se caracterizam ao mesmo tempo por uma faixa etária, uma situação social (meios sociais desfavorecidos, fracasso escolar), uma origem étnica (principalmente “blacks” e “beurs”) e, sobretudo, pela busca de uma cultura “intersticial” (termo emprestado à Escola de Chicago), traduzindo-se por seu modo de falar, é claro, mas também por seu modo de se vestir, por suas produções musicais (*o rap, o ragamuffin*) e gráficos (as legendas, os grafites nos muros e paredes) etc. (CALVET, 2002, p.102)

Percebe-se assim a adequação de todas essas variações através do tempo, do espaço e de estratos sociais, formando o que chamou-se de comunidade linguística, ou seja, na definição de Bloomfield (1970), um grupo de pessoas que age por meio do discurso.

Já a variação diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, trata-se de uma diversidade linguística regional ou geográfica, apresentada por pessoas de diferentes regiões que falam a mesma língua. As variações diatópicas são responsáveis pelos regionalismos ou falares locais. A título de exemplificação, podemos citar os vocábulos do espanhol *polera*, *remera* e *franela* que significam camisa respectivamente em Chile, Argentina e Venezuela.

No contexto de variação diatópica, faz-se necessário não confundir os conceitos de região linguística e região geográfica, pois eles não coincidem

necessariamente. Um geoletto<sup>16</sup> pode coincidir com uma região ou divisão política, porém, uma região linguística costuma ser diferente de uma região geográfica. Isso acontece pela dificuldade de impor fronteiras aos fenômenos linguísticos. Podemos ilustrar com o espanhol da Argentina: ao noroeste se fala um espanhol que se relaciona muito mais com o espanhol falado na Bolívia e no Peru do que com o da capital Buenos Aires. Ou seja, territorial e politicamente, todo o espaço é chamado de Argentina porém, linguisticamente, há diferenças dentro do país e semelhanças com outros países do Altiplano<sup>17</sup>.

É muito comum que os dialetos regionais tenham subdialetos, e estes, por sua vez, outros subdialetos. Assim, desde uma perspectiva diatópica, se fala de língua geral, comum a todos os habitantes; línguas regionais, próprias de comunidades linguísticas; e línguas locais, que são as equivalentes aos subdialetos geográficos.

### **3.2.4 Variedade Padrão**

De acordo com Alkmim (2001), podemos observar em qualquer comunidade de fala a coexistência de um conjunto de variedades linguísticas, que aparece nas relações sociais estabelecidas pela estrutura sociopolítica de cada comunidade. Dentro desta realidade social há sempre uma ordenação valorativa das variedades linguísticas em uso, que reflete a hierarquia dos grupos sociais, favorecendo a distinção entre variedades consideradas superiores e outras inferiores, sendo estas variedades não prestigiadas e aquelas variedades de prestígio. Alkmim (2001) destaca que as sociedades de tradição ocidental possuem um caso especial de variedade prestigiada chamada de variedade padrão. Também conhecida como língua culta ou norma culta, a variedade padrão se configura em uma variedade linguística socialmente mais valorizada dentro da comunidade e requerida por seus membros para situações formais. Ainda que a língua padrão seja extremamente importante em uma sociedade como a nossa, faz-se necessário alguns esclarecimentos para além do senso comum, pois, nas palavras de Alkmim:

A variedade padrão de uma comunidade - também chamada de norma culta ou língua culta - não é, como o senso comum faz crer, a língua por excelência, a língua original, posta em circulação, da qual os falantes se

<sup>16</sup> É o nome dado às variantes de uma língua associadas a circunstâncias diatópicas.

<sup>17</sup> O Altiplano andino a parte do Planalto dos Andes, no centro-oeste da América do Sul. A Argentina também faz parte desta região, porém, a maior parte do Altiplano está na Bolívia e partes ao norte estão no Peru.



apropriam como podem ou são capazes. O que chamamos de variedade padrão é o resultado de uma atitude social ante a língua, que se traduz, de um lado, pela seleção de um dos modos de falar entre vários existentes na comunidade e, de outro, pelo estabelecimento de um conjunto de normas que definem o modo “correto” de falar. Tradicionalmente, o melhor modo de falar e as regras do bom uso correspondem aos hábitos linguísticos dos grupos socialmente dominantes. Em nossas sociedades de tradição ocidental, a variedade padrão, historicamente, coincide com a variedade falada pelas classes sociais altas, de determinadas regiões geográficas. Ou melhor, coincide com a variedade linguística falada pela nobreza, pela burguesia pelo habitante de núcleos urbanos, que são centros do poder econômico e do sistema cultural predominante. (ALKMIM, 2001, p. 40)

Além disso, a padronização é sempre historicamente definida, cada época determina o que considera como forma padrão. O que é padrão hoje pode tornar-se não padrão amanhã, e o que é considerado não padrão pode ser estabelecido como padrão futuramente. Outro ponto interessante sobre as variedades mais e menos prestigiadas é a situação do preconceito linguístico que pode ocorrer, a não aceitação da diferença linguística. Este é um comportamento social facilmente observável, que se caracteriza com a rejeição a certas variedades, concretizada na desqualificação de pronúncias, de construções gramaticais e de usos vocabulares, ela é compartilhada sem conflito pelo senso comum.

De acordo com Bortoni- Ricardo (2014), uma vez que o processo de padronização é conduzido pelos governos nacionais, ele implica na elaboração de gramáticas e dicionários, na definição de regras de ortografia e de ortoepia<sup>18</sup>, bem como na criação de academias de belas letras. A autora elenca exemplos de algumas línguas de prestígio culminadas na Europa a partir da constituição de um governo unificado, após a idade Média, entre elas o francês padrão da França, baseado na variedade falada pela corte real em Paris e o castelhano na Espanha, após a unificação dos reinos de Aragão e Castela.

### **3.2.5 Teoria da Variação e da Mudança Linguística**

A sociolinguística parte do princípio de que a variação e a mudança são inerentes às línguas e que, por isso, devem sempre ser levadas em conta na análise linguística. No caso da mudança linguística, seus processos teóricos referem-se aos processos de encaixamento, avaliação e implementação. Cabe ao linguista compreender como se dá a caracterização de uma determinada variação de acordo

---

<sup>18</sup> O termo ortoepia significa, no âmbito da morfologia, a correta produção oral das palavras.

com as propriedades da língua, verificar se seu *status* social é positivo ou negativo, entender o grau de comprometimento do fenômeno variável no sistema e determinar se as variantes em competição encontram-se em processo de mudança, seja no sentido de avanço, seja no de recuo da inovação. Em última análise, deve definir se o caso é de variação estável ou de mudança em curso. Variação estável é a coexistência de duas variantes, ao passo que a mudança em curso apresenta a competição entre as variantes com o aumento de uso de uma delas. Para verificar se se trata de mudança em curso, o linguista pode realizar estudos em tempo aparente ou em tempo real<sup>19</sup>.

Segundo Moreno Fernández (2015), as propostas mais recentes para as explicações de mudança linguística estão vinculadas aos estudos sobre variação linguística, entretanto não se deve interpretar variação e mudança como fenômenos dependentes e vinculados entre si. Consoante Labov, a mudança é variação, por isso, toda mudança implica na existência de variação, porém nem toda variação se configura uma mudança linguística.

A mudança linguística é um processo muito complexo que implica fatores diversos como sociais, geográficos, psicológicos e pragmáticos. Há cinco problemas que se colocam para a Teoria da Variação e da Mudança, apresentados por Weinreich, Labov e Herzog (1968): a) os fatores condicionantes; b) a transição; c) o encaixamento; d) a avaliação; e e) a implementação. O problema dos fatores condicionantes corresponde à necessidade de levantamento das condições possíveis para que ocorra a mudança. Isso é feito a partir do estudo minucioso de mudanças em progresso. O problema da transição diz respeito à coexistência de formas, antes que a nova forma seja adotada e a outra se torne obsoleta. Nesse processo, há a distribuição contínua de uma forma através das faixas etárias, quando ocorre a transferência de traços de um falante para outro. Geralmente ocorre a partir de falantes bidialetais. O encaixamento corresponde à motivação das hipóteses, dos grupos de fatores, e é classificado em encaixamento na estrutura linguística e na estrutura social. Fatores linguísticos e sociais contribuem para o encaixamento da mudança linguística, isto é, diz respeito a um sistema de relação, de um fenômeno linguístico ou social que se encaixa em outro para que a língua

---

<sup>19</sup> Estudos em tempo aparente e em tempo real são recursos metodológicos utilizados para estudar a mudança linguística. No método de pesquisa em tempo aparente, entrevistam-se pessoas de diferentes faixas etárias numa sincronia; o método em tempo real é realizado em duas ou mais épocas com a diferença de tempo entre doze e cinquenta anos.

funcione. A avaliação corresponde à consciência social dos membros de uma comunidade linguística acerca da adoção de uma nova variante linguística. A adoção depende da avaliação feita pelos falantes e o uso implicará, além da mudança linguística, uma mudança no comportamento social. O problema da implementação está relacionado ao grande número de fatores que influenciam a mudança linguística, pois, enquanto estudo do comportamento humano, não se pode analisar a partir de hipóteses preditivas.

### 3.3 VARIAÇÃO PARAMÉTRICA OU SOCIOLINGUÍSTICA PARAMÉTRICA

Há uma suposta incompatibilidade entre a Sociolinguística e o Gerativismo, uma vez que este não considera o componente social em suas análises e aquela o tem como ponto de partida para estudos da linguagem, considerando, acima de tudo uma relação entre língua e sociedade. Entretanto a associação do gerativismo com variacionismo foi adotada por alguns autores como Tarallo (1987), Tarallo e Kato (1989), Ramos (1992,1999) e outros, que a denominam de Sociolinguística Paramétrica. De acordo com Duarte (2016), esse acercamento consiste no modelo da Teoria da Variação e Mudança utilizar alguns pressupostos da Teoria de P&P como componente gramatical.

De acordo com Soares da Silva (2013, p. 49) a Sociolinguística Paramétrica foi criticada devido à suposta incompatibilidade de ambas correntes teóricas:

Críticas à Sociolinguística Paramétrica emergiram, apontando a utilização simultânea de duas correntes teóricas opostas – cf., por exemplo, os ensaios de Borges Neto (2004). Acontece que a Sociolinguística é um modelo de estudo da variação e da mudança, e não prescinde de uma teoria linguística, como a da Gramática Gerativa, o que permite a utilização da Sociolinguística Paramétrica, como nos trabalhos de Kato (2000), Duarte (2004), Barbosa, Duarte e Kato (2005), Kato e Duarte (2005) e Soares da Silva (2006,2011) – que mostram que pressupostos gerativistas ajudam a estabelecer hipóteses e grupos de fatores para a análise variacionista, ao mesmo tempo em que os resultados dessas análises ajudam a atualizar assunções da teoria gerativa e a definir as propriedades dos parâmetros estudados.

Ainda assim, novos estudos vieram a somar resultados na área, reafirmando a necessária associação da Teoria da Variação e Mudança com a Teoria de Princípios e Parâmetros enfatizada por Weinreich, Labov e Herzog (1986), mostrando que análises empíricas, próprias da sociolinguística, são capazes de conduzir a sistematizações teóricas importantes. Concluindo assim, como aceitável e

compatível a combinação entre o empirismo da Sociolinguística e o formalismo da Teoria de P&P.

Ao abordar sobre a noção de parâmetros em sintaxe, Tarallo (1987) já enumerava estudos que apresentaram propostas de um modelo sintático paramétrico:

[...] algumas células desse novo modelo já haviam sido lançadas em Kean (1975) em seu estudo sobre sistemas fonológicos marcados e não-marcados, mas o modelo começa a tomar forma somente a partir da década de 80: em um longo artigo de Kayne (1975) em que o francês e o inglês são parametrizados em função da possibilidade de marcação de caso e de *stranding* de preposição nos dois sistemas; em Rizzi (1982) em que se propõe que a seleção de nós cíclicos pode ser parametrizada a fim de dar conta da variação lingüística inter-sistêmica; em Safir (1982) em que se postula um sistema paramétrico, explanatório da distribuição de fenômenos *pro-drop* e dos efeitos de "definição"/indefinição" nas posições pós-verbais [...] (Tarallo, 1987, p. 52)

Além destes, outros estudos e análises seguiram por este viés, o que levou Borer (1983 *apud* TARALLO, 1987) a refletir que os referidos estudos ainda não ofereciam um modelo paramétrico geral. Por outro lado, ponderou serem valiosas contribuições para compreensão da variação da linguagem e almejou que futuras pesquisas pudessem incorporar resultados significativos a um modelo de sintaxe paramétrica. Ao citar a obra de Borer, Tarallo (1987) considera que desde seu título (*Parametric Syntax. Case Studies in Semitic and Romance Languages*)<sup>20</sup>, a obra carrega a responsabilidade “de estabelecer, sistematizar e viabilizar um modelo que seja ao mesmo tempo geral/generalizante e restrito/restritivo, e que dê conta da variação lingüística inter-sistêmica” (TARALLO 1987 p. 52). A obra livro é norteada conceitualmente pelos seguintes eixos: a teoria restritiva de variação inter-lingüística via sintaxe paramétrica e a força descritiva e explanatória do modelo, partindo de uma análise de construções com clíticos nas línguas estudadas. Borer (1983) também questionou qual seria a fonte da variação paramétrica, qual componente da gramática assumiria o ônus de delimitar os princípios universais de modo a gerar a ampla variedade de gramáticas existentes e o que determinaria o alcance paramétrico. Tais questionamentos foram considerados por Tarallo (1987, p. 55) ao aclarar o trabalho em conjunto de ambas teorias:

<sup>20</sup> Sintaxe Paramétrica: Estudos de Caso em línguas semíticas e românicas. (tradução nossa)

Evidentemente, os pressupostos teóricos e os procedimentos metodológicos de um e de outro modelo são radicalmente opostos: não se trata, pois, de romper fronteiras e confundir domínios no sentido de "parametrizar" (ou de eliminar) diferenças, mas, sobretudo, de enfatizar a complementaridade entre os modelos naquilo que eles permitem (ou permitirem) compatibilizar resultados em relação àquelas questões levantadas por Borer de um lado, e por Wejnreich, Labov e Uerzog, de outro, resultados esses que estão muito mais próximos do que normalmente se pensa, se aceita e/ou se pensa aceitar.

Aos olhares duvidosos em relação à junção do racionalismo do modelo sintático paramétrico com o empirismo da teoria da variação e da mudança, Tarallo (1987, p. 55) argumenta que:

[...] apesar de a teoria da variação (e da mudança) lingüística se ater quase que exclusivamente a variação intralingüística, uma leitura e análise criteriosa de dados translingüísticos e/ou diacrônicos, cujos resultados tenham sido obtidos a partir do exame de vários sistemas lingüísticos via teoria da variação e da mudança (do grupo romântico ocidental, por exemplo), podem produzir generalizações, menos "indutivas" e mais "dedutivas" e mais "ao sabor" dos princípios previstos era um modelo paramétrico de sintaxe.

Na obra citada, o autor apresenta sua argumentação baseada em análises sobre o francês canadense o espanhol das Américas e o português brasileiro, de vertente variacionista, mostrando resultados através do exame detalhado de variáveis fonológicas nas três línguas.

### **3.3.1 Discussões sobre Variação**

Desde as perspectivas da Teoria da Variação e Mudança e da Teoria de P&P elencamos alguns conceitos de variação dados por autores distintos a fim de dialogar entre ambas teorias a partir de seus principais pesquisadores.

Na visão de Chomsky (1986) a variação interna encontrada no indivíduo pode ser comparada a uma troca de códigos entre duas gramáticas internas, ou seja, duas Línguas-I. Sendo assim, o indivíduo que passa de um registro formal para um informal e vice-versa alterna entre gramáticas diferentes. Conforme vimos nesta seção, a variação interlingüística é o objeto de estudo da Teoria de P&P. Já para Labov, a variabilidade é inerente à gramática e a fala é sistematicamente heterogênea. As variantes são necessariamente idênticas, não diferem em referência e valor de verdade, mas em significado social ou estilístico.

Kroch (2001, p. 30) entende que “a variação em sintaxe que corresponde à fixação de oposições para parâmetros sintáticos deve refletir a co-presença num falante ou numa comunidade de fala de gramáticas mutuamente incompatíveis”, ou seja, há um caso de competição de gramáticas. Na circunstância de uma perspectiva diacrônica, uma das gramáticas expressa o vernáculo, as formas inovadoras, e a outra pode estar expressando resíduos de gramáticas anteriores. De acordo com Ramos (1999), a questão da variação passou a ser foco de grande interesse na gramática gerativa com o desenvolvimento dos estudos de mudança e aquisição. A noção de parâmetros é a de que eles são o *locus* possível da variação gramatical ou das gramáticas individuais.

### 3.4 CONCLUINDO A SEÇÃO

Nesta seção vimos pormenores de duas grandes teorias da linguagem através de suas principais referências e precursores. Concluimos, pois, que existem várias maneiras de estudar a linguagem e que elas não são incompatíveis, pelo contrário, podem ser complementárias, como é o caso da Teoria da Variação e Mudança e da Teoria de P&P. Tarallo (1991) faz uma discussão de como conciliar sociolinguística com teoria gerativa no estudo da variação sintática. E assim, a junção de ambas vertentes, que outrora, foi tomada por uma suposta incompatibilidade, torna-se plausível e é chamada de Sociolinguística Paramétrica.

Buscamos na gramática gerativa as hipóteses gramaticais que orientaram a seleção de quais aspectos sintáticos observar, com o objetivo de delinear, baseado neles, um perfil mais detalhado da expressão/omissão do sujeito pronominal em variantes distintas do espanhol. A opção pela gramática gerativa se justifica também pelo avanço que esta teoria tem alcançado, resultando na formulação de um conceito de variação capaz de descrever a variação sincrônica interlinguística e a variação diacrônica intralinguística como alterações decorrentes dos mesmos princípios gerais.

Na Sociolinguística, buscamos verificar como o nosso objeto de estudo, o sujeito pronominal se dá na sociedade, a fim de descrever causas que favoreçam ou não o apagamento/presença do mesmo. Para tal análise, também nos baseamos nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança para fazer um estudo em tempo aparente, verificando entre as variáveis sociais de gênero, idade e escolaridade as ocorrências do fenômeno. Consideramos também que a sociolinguística não

trabalha com a ideia de separar sincronia e diacronia. Ao analisar determinado momento, é possível verificar aspectos relativos à mudança da língua quando, por exemplo, se compara a fala de jovens e adultos de mais de 40 anos.

## 4 O PRONOME PESSOAL E O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO NO ESPANHOL

A primeira parte desta seção trata de apresentar o conceito de pronome pessoal, seu funcionamento e classificações na língua espanhola. Na segunda parte, abordamos o parâmetro do sujeito com base na Teoria de Princípios e Parâmetros apresentada na seção anterior. Veremos como se dá a constituição deste parâmetro no espanhol geral e suas características no espanhol caribenho. Esta revisão de literatura e esclarecimento de conceitos teóricos nos ajudará a observar os dados na seção seguinte.

### 4.1 OS PRONOMES PESSOAIS NO ESPANHOL

Tradicionalmente os pronomes pessoais são definidos como palavras que servem para fazer referências a distintas pessoas gramaticais. Nas palavras de Matte Bon (2009, p. 241) “los pronombres personales se definen en relación con el acto de la enunciación”, uma vez que correspondem a “los papeles de enunciador, destinatario del mensaje y tercera persona”. Ou seja, no ato de fala, a primeira pessoa do singular desempenha o papel do emissor e a segunda pessoa do singular possui a função de destinatário da mensagem. Já a terceira pessoa, não está diretamente envolvida na interação comunicativa, não é nem emissor e nem destinatário. E pelo fato de não ser inserido no discurso, por vezes, a terceira pessoa é considerada como “no-persona” (ENRÍQUEZ, 1984, p. 65).

Em termos gramaticais, na definição dada por Fernández Soriano (1999, p. 1211),

El pronombre pertenece a la clase del sustantivo al menos en un sentido: tiene propiedades comunes con los nombres adjetivos, así como el artículo, categorías estas que conforman la expansión máxima canónica de las expresiones nominales. El pronombre personal desempeña, de hecho, las mismas funciones sintácticas que el sustantivo (que los sintagmas nominales). Se distingue del nombre común en que este posee rasgos semánticos inherentes, de modo que se le puede atribuir un significado léxico constante. Ese significado, por otro lado, puede ser restringido mediante complementos de distinto tipo, que constriñen su denotación (*la mesa redonda*). Una propiedad fundamental del pronombre es, por el contrario, la de carecer de contenido semántico: se trata de elementos ‘vacíos’, que adquieren significado de modo ocasional, dependiendo de las circunstancias del discurso. El pronombre, además, denota de modo inequívoco, de ahí que no pueda llevar determinantes, modificadores ni complementos: constituye por sí solo una expansión máxima nominal.



De acordo com Fernandez Soriano (1999), ao longo da tradição gramatical o pronome foi uma categoria que levantou polêmica quanto a sua definição e inserção em uma determinada classe, visto que entre os gramáticos, alguns reconhecem os pronomes como uma parte independente da oração e outros não. A RAE, por exemplo, faz parte dos que sustentam a ideia generalizada de agrupar o pronome junto com o nome. Já entre os autores que defendem a existência do pronome como categoria independente, se fala de substituição, considerando o pronome como a unidade linguística que substitui o nome a fim de evitar repetições<sup>21</sup>. Fernandez Soriano (1999) ressalta que este foi um conceito criticado por alguns autores (ALONSO e HENRÍQUEZ UREÑA, 1975; RAE, 1973), que o fizeram partindo de pontos de vista distintos.

Na tabela abaixo estão apresentadas as formas de pronomes pessoais em uso na língua espanhola:

	Pessoa	Sujeito	Complemento da Preposição	Complemento Indireto	Complemento Direto
Singular	1ª pessoa	yo	mí	me	
	2ª pessoa	tú, vos <sup>22</sup>	ti, vos	te	
	2ª pessoa	usted	usted	le/se <sup>23</sup>	le
	3ª pessoa	el	el		lo/le
	3ª pessoa	ella	ella		la
Plural	1ª pessoa	nosotros nosotras	nosotros nosotras	nos	
	2ª pessoa	vosotros vosotras	vosotros vosotras	os	
	2ª pessoa	ustedes	ustedes	les/se	ustedes
	3ª pessoa	ellos	ellos		los
	3ª pessoa	ellas	ellas		las

**Tabela 1.** Pronomes Pessoais do Espanhol

<sup>21</sup> Embora a definição diga que o pronome substitua o nome, ele é usado para substituir todo o sintagma nominal.

<sup>22</sup> A forma *vos* é referente ao fenômeno linguístico *voseo*, que consiste em usar pronome **vos** em vez do pronome **tú** na segunda pessoa do singular, ambas de maneira informal.

<sup>23</sup> Na ocorrência complemento direto em terceira pessoa (*lo/la/los/la*), os pronomes *le/les* são substituídos por *se*.

Em espanhol, os pronomes pessoais podem expressar pessoa, gênero, número e caso. São as palavras usadas para se referir a qualquer uma das três pessoas gramaticais sem usar um substantivo. Eles podem desempenhar o papel de sujeito, de complemento direto ou de complemento indireto. Como pode ser observado em (1):

- (1) a. Tú tienes razón.  
 b. ¡Ojalá pudiera decidir yo!  
 c. *La* reservé hace una semana. (mesa)  
 d. El director *le* envió un aviso. (a él/ella)

No exemplo em (1a) a forma *tú* cumpre a função gramatical de sujeito da oração e concorda em pessoa e número com o verbo conjugado. O exemplo em (1b) possui o pronome pessoal *yo* também em função de sujeito, ainda que posicionado no final da oração. Em (1c) o pronome *la* substitui o antecedente *mesa* não citado na sentença, porém conhecido pelo interlocutor, cumprindo a função de objeto direto. E a função de complemento indireto é executada por *le* em (1d), referindo-se a *él* ou a *ella*.

Para a análise apresentada neste trabalho, vamos nos ater aos sujeitos pronominais, vide tabela 2, deixando de lado as outras possíveis funções gramaticais e outros tipos de pronomes.

	Singular	Plural
Primeira Pessoa	yo	nosotras (fem.) nosotros (masc.)
Segunda Pessoa <sup>24</sup>	tú / vos	vosotras (fem.) vosotros (masc.)
	usted <sup>25</sup>	ustedes (uds.)
Terceira Pessoa	él (masc.) ella (fem.)	ellos(masc.) ellas (fem.)

**Tabela 2.** Sujeitos Pronominais

<sup>24</sup> Fontanella de Weinberg (1999) destaca o uso de duas formas para a 2ª do singular: *tú*, como uma forma que esboça confiança e informalidade e *usted*, em geral, aparece como marca de formalidade.

<sup>25</sup> A forma *usted* é comumente usada como pronome de segunda, porém, gramaticalmente se comporta como de 3ª pessoa, fazendo concordância com verbos em 3ª pessoa.

#### 4.1.2 Contraste, ênfase e ambiguidade

As gramáticas tradicionais consideram o uso explícito do sujeito pronominal como um caso de contraste, ênfase ou ambiguidade. Ainda que, segundo Peskova (2015), os estudos empíricos demonstrem que o uso do pronome sujeito é um fenômeno variável ligado a outros fatores, como a pessoa gramatical ou a semântica verbal.

De acordo com Luján (1999), o uso explícito de um pronome pessoal tônico em uma posição normal de omissão obedece às razões de distinção feita pela gramática tradicional entre ênfase e contraste. Observem-se os exemplos de (2):

- (2) a. Nunca me verás (a mí) haciendo eso.  
 b. Prometió que (ella) vendría a la reunión.  
 c. Esa tarea la terminas (tú) cuando puedas. (LUJÁN, 1999, p. 1277)

Os exemplos em (2) marcam ênfase ou contraste por serem comumente não explícitos nas sentenças. Em (2a) a sentença seria gramatical sem a informação apresentada entre parênteses, porém o falante deseja enfatizar a pessoa do discurso ou contrastar, querendo deixar claro que *a mí no verás* e não *a ella*, por exemplo. O mesmo acontece em (2b) e (2c).

Por outro lado, o pronome não é reconhecido como enfático se está em uma posição de impossível omissão. Segundo Luján (1999), isso não acontece por motivar uma sentença agramatical, como apresentam os exemplos de (3):

- (3) a. A mis vecinos no les gusta que se hable de \*(ellos).  
 b. Tus empleados trabajan menos que \*(tú). (LUJÁN, 1999, p. 1278)

Em (3a) o pronome pessoal *ellos* é complemento de preposição e na sentença de (3b) *tú* é complemento de subordinada. O asterisco fora dos parênteses indica que o pronome não pode ser omitido sem prejudicar a gramaticalidade da sentença.

A omissão do sujeito pronominal pode apresentar ambiguidade na forma verbal quando a primeira e terceira pessoa do singular são iguais, como acontece nos tempos verbais *pretérito imperfecto*, *condicional*, *presente de subjuntivo* e *imperfecto*

*de subjuntivo* (SORIANO, 1999). Isto explicaria o uso do sujeito pessoal como mostrado em (4):

(4) Mercedes y yo estábamos allí, y cuando tocaba las maracas llegaron los invitados.

Na sentença de (4), o verbo *tocaba* apresenta ambiguidade por ser possível de referência a *Mercedes* e a *yo*, terceira e primeira pessoa do singular, respectivamente. O uso do pronome seria necessário para esclarecer quem tocava as maracas.

Concluindo, de acordo com Peskova (2015) a temática da omissão dos sujeitos pronominais desperta várias restrições associadas à expressão e/ou omissão do sujeito pronominal e à posição dos sujeitos pronominais na oração, como também desperta uma gama de variações intralinguísticas que obriga o investigador a buscar múltiplos contextos, inclusive aquele em que o sujeito pronominal pode ocorrer sem ser obrigatório.

#### **4.1.3 Redundância**

Apesar de a presença pronominal em língua espanhola ter sido estritamente associada a fatores discursivos como ênfase, contraste e ambiguidade, alguns autores também associam a expressão do sujeito pronominal a um uso pleonástico, redundante. De acordo com a Real Academia Española (doravante, RAE) (1973, *apud* ENRÍQUEZ, 1984) a presença dos pronomes pessoais sujeito é redundante pois consiste em uma repetição desnecessária; exceto nos contextos em que i) pretende-se enfatizar ou dar relevância ao sujeito da oração – que já foi expresso por outros meios – e ii) quando o sujeito não pode ser identificado através das desinências quando estas resultam ambíguas. A RAE também sustenta que os usos enfáticos ocorrem mais na primeira e segunda pessoa e seu uso desambiguador é mais favorecido pela terceira pessoa. Coadunam no tema da redundância também Barrenechea e Alonso (1973, *apud* ENRÍQUEZ, 1984) ao pontuarem que o pronome é redundante quando o contexto é capaz de resolver a possível ambiguidade.

## 4.2 O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO

### 4.2.1 Parâmetro do Sujeito Nulo

Na seção anterior, vimos que os parâmetros são possibilidades deixadas em aberto pela GU, definidas com base na experiência linguística no decorrer da aquisição da língua. Desde a inserção da discussão sobre o parâmetro do sujeito nulo (ou parâmetro *pro-drop*<sup>26</sup>) feita por Chomsky (1981), os estudos sobre a omissão/expressão do sujeito nas línguas naturais tem sido um dos tópicos mais discutidos na literatura gerativista, o que permitiu descobertas com vários rumos.

Uma modificação nesta teoria a ser apreciada se refere ao conceito binário que era dado ao parâmetro do sujeito nulo, que o caracterizava com as possibilidades de marcação negativa ou positiva apenas, bem como se fazia para todos os parâmetros. Porém, estudos mais recentes como (RODRIGUES, 2002; HOLMBERG, 2005; 2010; ROBERTS, 2010) passam a considerar uma nova acepção que vem com o avanço da teoria: o sujeito nulo parcial. Dessa maneira, o parâmetro passa a ser configurado de três formas, a saber, línguas *pro-drop*; línguas não *pro-drop*; e línguas parcialmente *pro-drop*<sup>27</sup>. Essa proposta diz respeito a línguas que ainda licenciam o sujeito nulo, porém o fazem com restrição de contextos, a exemplo do português brasileiro.

Para fins de nossa análise, consideraremos analisar apenas a expressão/omissão do sujeito nulo, ou seja, o caráter binário do parâmetro, uma vez que partimos do uso quase obrigatório de pronomes pessoais em função de sujeito na sintaxe do espanhol caribenho atual, fato que poderia levar esta variedade regional a perder o padrão de língua *pro-drop* da tradição gerativista encontrada em outras variedades do espanhol conforme aponta Pérez Leroux (1999).

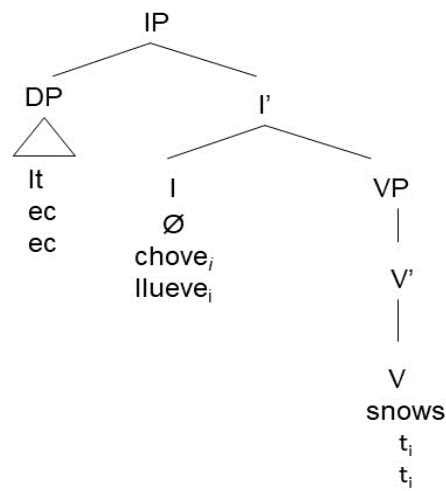
Para cada parâmetro há um Princípio universal que não deve ser violado dentro da Teoria de P&P, portanto, veremos um pouco sobre o Princípio da Projeção Estendida, ao qual está associado o Parâmetro do Sujeito Nulo.

---

<sup>26</sup> O termo *pro-drop* é uma redução do termo em inglês *pronominal dropping*, que significa queda do pronome.

<sup>27</sup> Esta visão pode ser pensada de outra maneira, sem que o parâmetro perca suas propriedades binárias. Neste caso teríamos um Macroparâmetro com as opções de sujeito obrigatório e sujeito nulo disponíveis; e dentro da opção de sujeito nulo, teríamos Microparâmetros comportando duas outras possibilidades, deixar o sujeito nulo ou marcá-lo em contextos restritos, justificando as línguas de sujeito parcialmente nulo.

O Princípio de Projeção Estendido (EPP) é um dos Princípios mais estudados do modelo P&P no que concerne à estrutura argumental. Ele estabelece sujeitos sintáticos, vinculados a seus respectivos predicados, para todas as frases de todas as línguas humanas. Ou seja, independente das informações do léxico, um item deve ser licenciado como sujeito da sentença. Segundo Chomsky (1998), a regra geral deste princípio é que a posição de Spec-IP deve ser sempre preenchida por alguma categoria. Conforme exemplificado na figura abaixo.



**Figura 1.** Representação do EPP<sup>28</sup>.

Desse modo, a satisfação do EPP, segundo Butchers (2009), pode ocorrer de várias maneiras, a saber: a) pelo movimento de um DP temático; b) pela inserção de um XP expletivo; c) por pronomes clítics; ou, ainda, por meio de afixos de concordância que se adjungem ao núcleo T<sup>029</sup>.

Em regra, os parâmetros são sempre binários e previsíveis, marcando positivo ou negativo. O Parâmetro do Sujeito Nulo apresenta opção variável da GU, que abre a possibilidade de um sujeito estar nulo ou realizado em uma frase. Considerando que em relação à realização do sujeito as línguas podem ser [+ *pro-drop*], como o espanhol e o italiano, que admitem o sujeito nulo, ou [-*pro-drop*], como o inglês e o

<sup>28</sup> Verbos que indicam fenômenos meteorológicos não selecionam nenhum argumento, como é o caso de *chove* (português), *llueve* (espanhol) e *snows* (inglês). Nesse caso, o sistema computacional licencia um sujeito no caso nominativo, o sujeito expletivo, que possui uma função puramente funcional, como o *it* do inglês e as *ec* (categorias vazias *pro*) no português e o espanhol. Além disso, o verbo não se move para IP no inglês, permanecendo no VP, enquanto no português e no espanhol o verbo sobe para alguma posição no IP.

<sup>29</sup> Cf.: Holmberg (2000); Butchers (2009).

francês, em que, de maneira geral, o sujeito nulo é agramatical. Observem-se os exemplos em (5) e (6) a seguir, do espanhol e do inglês respectivamente:

- (5) a. Pablo dijo que Juan bebe jugo de frutas.  
 b. Pablo dijo que él bebe jugo de frutas.  
 c. Pablo dijo que \_\_\_\_ bebe jugo de frutas.
- (6) a. Paul said that Jonh drinks fruit juice.  
 b. Paul said that he drinks fruit juice.  
 c. \*Paul said that \_\_ drinks fruit juice.

Em (5b), espera-se que em uma língua *prodrop*, o pronome *él* só possa se referir a *Pablo* se for um acaso de ênfase<sup>30</sup>, a língua não permitindo que se refira a uma terceira pessoa. Em (6b) *he* pode se referir a *Paul*, mesmo em um contexto não enfático, é uma exigência do idioma que o pronome esteja colocado. Não estando o pronome colocado, como exposto em (6c), essa ausência deixa a oração agramatical no inglês. O pronome deve aparecer para fazer a referência a Paul, o indivíduo que bebe o suco. Porém, o mesmo não acontece no exemplo (5c), em espanhol, pois a ausência do pronome não interfere na gramaticalidade da oração, já que a língua possui a ausência e há a compreensão de que quem bebe o suco é Pablo. Assim, os pronomes na função de sujeito de (5b) e (6b) apresentam diferentes valores discursivos e os exemplos de (5c) e (6c) apresentam contraste entre as estruturas. Elucidando o que afirma Luján (1999), sobre a expressão do sujeito ser uma opção marcada, funcional, usada em situações de ênfase e contraste ou para desfazer ambiguidade em línguas que possuem as duas opções.

Para a satisfação do EPP, as línguas de sujeito explícito obrigatório fazem uso dos pronomes expletivos, sem significado e sem referência, como acontece no francês e no inglês. Tal uso é apenas com a finalidade de preencher a posição sintática do sujeito, como é possível observar em (7a) e (8a).

---

<sup>30</sup> Samara Ruas, em comunicação pessoal feita na banca de defesa desta Dissertação, em 17 de agosto de 2018, informou que no espanhol do México as pessoas mais jovens selecionam como primeira leitura a correferência anafórica intrassentencial. As evidências da autora mostram que as gramáticas do espanhol não são iguais, devendo cada variedade do espanhol ser analisada de maneira independente, uma vez que não se comportam de igual maneira.

- (7a) It is necessary to do    (7b) \* is necessary to do  
 (8a) Il faut faire            (8b) \* faut faire

Em (7a) e (8a) aparecem os "pronomes expletivos" *it* e *il* que não possuem um referente real, são semanticamente vazios. Ao passo que as formas de (7b) e (8b) são agramaticais por aparecerem sem os respectivos expletivos.

A partir de alguns estudos (RIZZI 1982, 1986; CHOMSKY, 1981) está demonstrado que há uma gama de características identificadas nas línguas de sujeito nulo não reveladas em línguas de realização obrigatória do sujeito. Tais características aparecem abaixo listadas e seguidas por sentenças que as exemplificam. Para melhor comparação, aparecem em pares com orações de espanhol e inglês, de acordo com a característica citada:

- (9) sujeito referencial nulo  
 a. He dormido tarde/Yo he dormido tarde  
 b. \*Slept late/ I slept late

Em (9a) estão apresentadas as duas possibilidades para o espanhol, com ou sem o sujeito referencial. No caso de sujeito nulo, através da morfologia do verbo conjugado, podemos perceber que a referência está sendo feita a primeira pessoa do singular. Entretanto, o exemplo (9b) mostra que se o sujeito referencial for nulo, a oração é agramatical.

- (10) ausência de sujeito expletivo  
 a. Nieva /(\*Ello) nieva  
 b. It snows / \*Snows

Através do exemplo de (10a), podemos observar que o espanhol não possui o uso de sujeito expletivo para verbos de fenômenos meteorológicos, se o colocamos a oração torna-se agramatical. No caso do inglês, em (10b), a agramaticalidade está na oração que não apresenta um sujeito pronominal, dada a obrigatoriedade de sujeito da língua.

- (11) ausência de efeito *que-vestígio* (*that-trace effects*)



- a. La mujer que no sabemos cómo t baila.
- b. \*The woman that we do not know how t dances.

No exemplo de (11a) o pronome relativo *que* se refere ao sujeito de *baila*. No espanhol é possível extrair o pronome quando a frase é uma subordinada com “que”, gerando uma oração relativa de sujeito. Já em (11b), no inglês, tal extração é agramatical, pois não pode ser feita a longa distância.

(12) movimento longo de sujeito-wh

- a. Quien dijo Pablo que Ø había comprado un libro?
- b. \*Who did Paul say that Ø has bought a book?

Em (12a) há ausência de efeitos *wh*-vestígio com o movimento longo do sujeito-wh, que sai da posição de sujeito da subordinada para a sentença matriz. Rizzi (1982) e Jaeggli (1984) atribuem essa assimetria ao fato de o sujeito nas línguas de sujeito nulo ser extraído diretamente da posição pós-verbal e não da posição pré-verbal. O mesmo movimento, quando feito em (12b), no inglês, deixa a sentença agramatical.

(13) inversão livre do sujeito com o verbo

- a. Ha salido Pablo/ Pablo ha salido
- b. Paul left / \*left Paul

O exemplo de (13a) apresenta a possibilidade de inverter a ordem do sujeito com o verbo sem comprometer a gramaticalidade da oração. Nas orações de (13b) só é gramatical a ordem SV.

#### 4.2.2 Teoria da Ligação

Observando as situações conversacionais, os falantes recorrem a vários mecanismos de recuperação de informações dadas a fim de garantir o desenvolvimento do discurso sem repetições. Um dos mecanismos que permite estabelecer relações significativas entre os elementos situacionais e discursivos, dentro do quadro da linguística textual, é a referência anafórica. Uma relação anafórica ocorre quando um termo presente na frase faz referência a outro citado

anteriormente, aumentando assim, a potência expressiva da mensagem passada. Vejamos o exposto em (14):

(14) a. **A cantora<sub>i</sub>** esteve em Cuba na última terça-feira. **A cantora<sub>i</sub>** estava muito animada com a turnê.

b. **O rapaz<sub>i</sub>** capturou **a cobra<sub>j</sub>** que invadiu a casa. **Ele<sub>i</sub>** usou uma armadilha para capturá-la<sub>j</sub>.

Em ambos os exemplos de (14) acontece o processo anafórico. Em (14a) acontece a repetição do mesmo vocábulo *a cantora*. Em (14b), a pronominalização evita a repetição de um mesmo vocábulo. O pronome *ele* retoma *o rapaz* e *a cobra* é retomada pelo clítico *la*. Observe as letras subscritas aos nomes e pronomes, são os índices, que marcam as relações de referência entre os termos, assim, índices iguais subscritos significam que o referente é o mesmo e índices diferentes sinalizam distintos referentes. Portanto, os elementos com mesmo índice estão semântica e sintaticamente ligados pelo fenômeno da anáfora.

Entretanto, nos interessa aqui analisar as relações anafóricas desde a ótica da Gramática Gerativa. Segundo Kenedy (2013), os gerativistas assumem que a ligação é a fração da cognição linguística responsável pela referenciação das expressões nominais e pronominais.

Com o intuito de garantir a interpretação adequada dos elementos anafóricos em relação aos sintagmas nominais com os quais são correferentes<sup>31</sup>, Chomsky (1981; 1986), a partir da Teoria da Regência e Ligação, formula princípios que regulam a ocorrência das relações anafóricas e pronominais. Assim, no modelo gerativista, o conceito de anáfora da linguística textual é refinado em duas categorias: anáfora e pronome. Exploramos estas informações com os exemplos de (15) e (16), a fim de compreender melhor como se dá a ligação entre anáforas e pronomes.

(15) a. Maria<sub>i</sub> se<sub>i</sub> vió en el espejo.

b. \*Maria<sub>i</sub> la<sub>i</sub> vió en el espejo.

<sup>31</sup> A relação de correferência acontece quando duas ou mais expressões possuem a mesma referência, como: *Pablo dijo que él ya ha comprado las frutas para la fiesta*. Neste caso queremos significar que *Pablo* e *él* são correferentes, significando a mesma pessoa e possuindo a mesma referência, ou seja, quem comprou as frutas para a festa foi próprio Pablo.

- (16) a. \*Juana<sub>i</sub> dijo que María se<sub>i</sub> vio en el espejo.  
 b. Juana<sub>i</sub> dijo que María la<sub>i</sub> vio en el espejo.

Em (15a) o pronome *se* é um pronome reflexivo e seu referente é *María*. Já em (15b) a frase é agramatical devido a relação de referência marcada entre *María* e o pronome pessoal *la*. Para que a frase seja gramatical, o pronome deve ter como referência uma outra pessoa que não seja *María*. Em (16a) a sentença é agramatical pois o pronome reflexivo *se* tem relação anafórica com *Juana*, que está em outra oração, como sugerem os índices subscritos. Já na sentença de (16b), o pronome *la* faz referência a *Juana*.

Observem-se, agora, os exemplos em (17):

- (17) a. \*María<sub>i</sub> vió a María<sub>i</sub> en el espejo.  
 b. \*Juana dijo que María<sub>i</sub> vio a María<sub>i</sub> en el espejo.  
 c. \*Juana<sub>i</sub> dijo que María vio a Juana<sub>i</sub> en el espejo.

Em (17) reunimos sentenças para mostrar a diferença entre anáfora, pronome e expressão-R dentro da teoria gerativa. Em (17a) para dizer que *María* viu a si própria no espelho, deve ser feito o uso do reflexivo *se*, logo a sentença gramatical é *María<sub>i</sub> se<sub>i</sub> vió en el espejo*. Essa é uma das exigências da anáfora, que não pode aparecer sem o seu antecedente ou com um antecedente que não tenha c-comando<sup>32</sup> sobre ela. A sentença em (17b) é agramatical, pois não pode haver correferência, devendo ser mulheres diferentes e não a mesma pessoa. O mesmo acontece em (17c) com *Juana*, que devem ser pessoas diferentes. Logo, uma expressão referencial não pode ser vinculada.

Considerando a diferença de comportamento, foi estabelecido em termos sintáticos a diferença entre elementos pronominais e elementos anafóricos. Os exemplos expostos em (17) estão baseados nos princípios que explicam a

<sup>32</sup>O c-comando acontece quando um constituinte c-comandante qualquer ( $\alpha$ ) ramifica-se imediatamente de um nó na árvore sintática do qual o constituinte c-comandado ( $\beta$ ) também se ramifica, seja direta ou indiretamente. Assim, o c-comando entre  $\alpha$  e  $\beta$  acontece se e somente se

- (i)  $\alpha$  é um constituinte diferente de  $\beta$ ;
- (ii)  $\alpha$  não domina  $\beta$ ;
- (iii)  $\beta$  não domina  $\alpha$ ;
- (iv) todo nó sintático que domina  $\alpha$  também domina  $\beta$ .

vinculação de expressões linguísticas e a distribuição dos elementos nominais listados em (18):

(18) Princípios de Vinculação

A – Uma anáfora tem que estar vinculada<sup>33</sup> em seu domínio de vinculação<sup>34</sup>;

B - Um pronome tem que estar livre em seu domínio de vinculação;

C- Uma expressão-R tem que estar livre. (MIOTO; SILVA E LOPES, 2007, p. 229)

Nessa seção vimos que relações estruturais determinam quais são as possibilidades ou de um elemento estabelecer uma relação de ligação com seu antecedente e quais relações de correferência podem acontecer num dado contexto. A possibilidade de se estabelecer uma relação de ligação entre um DP e um elemento que o recupere (anáfora ou pronome) depende basicamente de que o DP c-comande o pronome ou anáfora e de que a relação aconteça dentro ou fora de um determinado domínio.

#### 4.2.3 Classes de Categorias Vazias

As categorias vazias (ec – *empty category*) são um tipo especial de constituinte sintático dentro da Teoria de P&P. Elas são elementos idênticos a um Sintagma Nominal, configurando-se em categorias que não manifestam nenhum conteúdo fonético. Dito isso, é preciso entender como as categorias vazias se comportam uma vez que nosso foco está também na omissão do pronome pessoal. Esta seção traz informações sobre o modo e a tipologia das categorias vazias, para que possamos ver quais diferenças elas apresentam entre si no comportamento.

Começamos mostrando os diferentes tipos de DPs<sup>35</sup> não realizados foneticamente através do exemplo de (19):

<sup>33</sup> “Estar vinculada” significa ser c-comandada por um elemento que porte o mesmo índice referencial, considerando que esta é uma condição dupla, o elemento dever ser c-comandado por algum DP e, além disso, deve portar o mesmo índice que este DP. Já “estar livre” quer dizer não estar vinculado, não ser c-comandado por um elemento que porte o mesmo índice referencial. Portanto, para estar livre, basta que o elemento desrespeite uma das condições: se há um DP com o mesmo índice que ele na construção, não pode haver c-comando; ou, se um certo DP o c-comanda, este DP não deve portar o mesmo índice referencial. (MIOTO; SILVA; LOPES 2007, p. 229)

<sup>34</sup> O domínio da vinculação de  $\alpha$  é o XP mínimo que contém  $\alpha$ , o regente de  $\alpha$  e

(i) um sujeito que é distinto de  $\alpha$  e que não contém  $\alpha$ ; ou

(ii) a flexão que atribui Caso Nominativo para  $\alpha$ . (Mioto; Silva e Lopes, 2007, p. 230)

<sup>35</sup> DP é a sigla para o termo em inglês *Determiner Phrase*. Refere-se a um sintagma formado por um nome e um determinante, um Sintagma Nominal.

- (19) a. Ana<sub>i</sub> desapareció **ec**<sub>i</sub>.  
 b. Ana dijo que **ec** viajó.  
 c. ¿A quién dijo Ana que besó Pablo **ec** en la fiesta?  
 d. Compré marisco para **ec** hacer paella.

De acordo com Mito; Silva e Lopes (2007), **ec** é uma entidade necessária na estrutura e não um procedimento arbitrário. Portanto, as **ecs** são postuladas nas sentenças de (19) pelo fato de sua ausência consistir na violação de um ou outro princípio da gramática, por exemplo, a violação do Critério  $\theta$ , que estabelece que cada categoria lexical (predicados) atribui papéis temáticos aos itens que seleciona (argumentos) sendo que não poderia ser descarregado se não existisse um argumento para recebê-lo. A violação do Critério  $\theta$  consequentemente acarretaria na violação do Princípio da Projeção, uma vez que existiria alguma categoria que não seria bem formada em algum nível de projeção.

Na sentença de (19a) é apresentada uma estrutura inacusativa, que ressalta as propriedades de anáfora de **ec**. Temos na posição de objeto<sup>36</sup> do verbo *desaparecer* uma **ec** e na posição de sujeito o seu antecedente *Ana*. Se um DP anafórico vazio e um foneticamente realizado estão em distribuição complementar, atribuímos este comportamento a razões independentes das relativas à Teoria da Vinculação, como

<sup>36</sup> Os verbos intransitivos (monoargumentais) podem ser classificados em inergativos e inacusativos. Os inergativos são aqueles cujo sujeito é argumento externo (agente). Os verbos inacusativos são aqueles cujo sujeito é, na verdade, argumento interno (tema/paciente), ou seja, aquele que sofre algum processo. Observem-se as sentenças abaixo:

- (i) Juan trabajó.  
 (ii) Juan llegó.  
 (iii) Juan comió la manzana.

Em (i) *Juan* é agente, ele executa a ação de *trabajar*. Em (ii) *Juan* é o tema, ele sofre o processo de *llegar*. E em (iii) *Juan* é agente e *la manzana* é o tema, *Juan* executa a ação e *la manzana* sofre o processo de ser comida. As orações abaixo mostram claramente que *Juan* em (ii) se comporta como paciente e não como agente:

- (iv) \*Trabajado Juan  
 (v) Llegado Juan  
 (vi) Comido la manzana  
 (vii) \*Comido Juan la manzana.

Na sentença em (iv), *Juan* não pode ser o sujeito de uma oração reduzida de particípio. Em (v), *Juan* pode ser sujeito da oração reduzida particípio. O contraste temático entre (iv), no qual *Juan* é agente, e (v), no qual *Juan* é paciente, fica ilustrado entre o contraste de (vi) e (vii): em (vi), *la manzana* é claramente o paciente e pode ser o sujeito da oração reduzida, e em (vii), *Juan* é claramente agente e não pode ser sujeito da oração reduzida.

o fato de um DP realizado foneticamente precisar receber Caso<sup>37</sup>. Identifica-se então a **ec** resultante do movimento de DPs como anáfora e a esta **ec** chamamos de **vestigio**.

A sentença de (19b) pode ser explicada a partir da teoria temática, pois *dijo* seleciona o argumento externo *Ana* e como completo interno *que viajó*. *Viajó*, por sua vez, seleciona um argumento externo, ou seja, há alguém que viaja, um agente. Sendo assim, como *Ana* já é selecionado por *dijo*, a categoria vazia não pode ser resultado de um movimento feito pela **ec** para o sujeito da oração matriz, como acontece em (19a). Portanto, essa **ec** é uma categoria pronominal, denominada **pro**.

De acordo com Mito; Silva; Lopes (2007), no exemplo de (19c), para a **ec** ser uma anáfora deveria estar vinculada a *Pablo*, sujeito da sentença encaixada. Para ser um pronome, deveria estar vinculada a *Ana*, sujeito da sentença matriz. Ambos os casos são impossíveis. Sendo assim, esta **ec** só pode ser vinculada por *a quién*. *A quién* está em uma posição A-barrá e os princípios de vinculação se aplicam quando os antecedentes estão em posição A, devido à noção de Domínio da Vinculação. A **ec** de (19c) tem propriedades derivadas do fato de elas ser imune aos Princípios A e B de (18). A **ec** de (19c) é chamada de **variável**.

A sentença de (19d) é ambígua, possuindo duas leituras: a **ec** pode se referir a *yo* ou a qualquer pessoa. Quando a referência é o *yo* ela é uma anáfora, e quando se refere a qualquer outra pessoa é arbitrário, é pronominal. Esse tipo de **ec** não pode se referir a uma pessoa específica, ela pode ser uma anáfora ou um pronome, a chamamos de **PRO** (prozão).

O *pro* pode aparecer outros contextos sintáticos, contextos que, em línguas como o espanhol e português brasileiro, por exemplo, permite recuperar ou identificar a referência de um sujeito elíptico (nulo), é possível que o pronome seja omitido em uma oração, como demonstrado em (20a) e (20b):

- (20) a. *pro* Llueve  
 b. *pro* Choveu  
 c. *pro* Parece que a Ana chegou.

<sup>37</sup> Sobre a Teoria de Caso cf.: CHOMSKY, 1988.

O mesmo não acontece em línguas como o inglês e o francês, que têm como obrigatória a presença de um pronome como matriz fonética, conforme vimos na seção 3.2.1 e exemplificamos de outra maneira em (21)

(21) a. **It** seems that Mary arrived.

‘expl parece que a Maria chegou’

b. **It** rained

‘expletivo choveu’

(MIOTO; SILVA; LOPES, 2007, p. 239)

O verbo *parecer* não seleciona argumento externo e por isso não há papel temático para atribuir para a posição Spec VP, que por sua vez, nem será projetada. De acordo com os exemplos vistos até aqui, Miotto, Silva e Lopes (2007) concluem então que *pro* em (20c) assim como o pronome lexicalmente realizado em *it* em (21a), só pode ser um expletivo, ou seja, não pode jamais ter papel temático. Miotto; Silva e Lopes (2007) também concluem que tanto *pro* quanto *it* estão inseridos nessas construções a fim de satisfazer o Princípio de Projeção Estendido, que garante que toda sentença tenha um sujeito, bem como vimos no final da seção 3.2.1.

Para os verbos meteorológicos como em (20a) e (20b) o raciocínio pode ser o mesmo, visto que este tipo de verbo não seleciona nenhum argumento e sua posição de argumento externo não será projetada. Assim, o pronome foneticamente realizado em (21b) ou vazio como os de (20a) e (20b) também são projetados apenas para satisfazer o Princípio de Projeção Estendido, porém, em nenhuma hipótese possuem valor referencial. Assim, devemos entender *pro* como um pronome nulo, uma forma de zero fonético de valor pronominal.

Comparando os exemplos entre (20) e (21) fechamos um ciclo ao perceber que os exemplos sugerem a questão paramétrica na colocação dos sujeitos pronominais: há línguas que admitem o sujeito nulo e outras que não o admitem.

Vimos então, que existem quatro tipos de categorias vazias, duas delas presentes no léxico e duas produzidas pelo Movimento A<sup>38</sup>: *vestigio*, *variável*, *PRO* (prozão) e *pro* (prozinho). Quanto aos antecedentes potenciais das quatro categorias vazias citadas, o esquema da tabela 3 os descreve claramente:

<sup>38</sup> Cf.: MIOTO; SILVA; LOPES (2007, p. 249)

	DP nulo	DP realizado
[+anafóricos] [-pronominais]	cópia	recíprocos e reflexivos
<b>[-anafóricos] [+pronominais]</b>	<b><i>pro</i></b>	<b><i>pronomes pessoais</i></b>
[-anafóricos] [-pronominais]	variável	nomes próprios ou comuns
[+anafóricos] [+pronominais]	<i>PRO</i>	*

**Tabela 3.** Tipologia das Categorias Vazias

Para fins de análise neste trabalho, salientamos que o sujeito nulo abordado aqui se refere à categoria vazia *pro*, os sujeitos referenciais e expletivos das orações finitas, deixando de lado os sujeitos referenciais das orações infinitas *PRO*.

É válido considerar o que pontua Mugica e Solana (1989), sobre o modelo da Regência e Ligação postular o parâmetro *pro-drop* ou parâmetro sujeito nulo, que prevê a possibilidade de algumas línguas, como espanhol, omitir sujeito. Como o Princípio da Projeção Estendido mostra que todas as sentenças devem possuir, temos que supor que a oração *Desayunamos pan con huevos* tem o sujeito *nosotros* que não aparece na FF, o que não acontece em inglês, língua de sujeito obrigatório. Na teoria de Regência e Ligação apresenta-se o elemento CONC de INF como regente do sujeito, o qual tem, entre outras, as características de pessoa e número. Seria esse elemento regente que daria "conteúdo" a um sujeito omitido em espanhol e sua possível omissão poderia ser explicada pela morfologia do idioma. Essa postulação nos permite contabilizar a categoria vazia *pro* que surgiu para explicar a ausência do sujeito FF das cláusulas temporalizadas, como na frase '*pro Dormí mucho*'.

#### 4.2.4 Estruturas Pragmaticamente Marcadas

Além do plano sintático, base de análise deste trabalho, e contexto linguístico até aqui observado, há outros níveis que análise da oração, e um deles a vincula ao conhecimento de mundo do falante e à situação discursiva. Neste caso, nos referimos ao plano pragmático, encontrado em um contexto não linguístico. Segundo Correa (2010, p. 84):

La pragmática, entre otras posibles definiciones, trata de las relaciones del hablante con el mundo, con los entes a los que hace referencia por medio del lenguaje y de su y de su relación con el/los interlocutor/es. Del mismo modo, vincula el enunciado a la estructura superior donde está insertado, el



discurso. Esto hace que las intenciones de un enunciador y las estrategias de las que se vale estén dentro de su ámbito de estudio.

Observe-se o diálogo em (22) para compreender melhor de que trata a pragmática.

(22) A – ¿Estuviste con Pablo últimamente?

B – A Pablo lo vi anoche en el concierto.

– CON JUAN he estado últimamente.

Percebemos que na primeira resposta o interlocutor retoma uma expressão mencionada anteriormente e na segunda destaca um constituinte a fim de contrastá-lo com outro que aparece na pergunta de A. De acordo com Di Tullio (2010), ao contextualizar uma oração em um discurso, frequentemente o falante a conecta a um discurso prévio de acordo com dois tipos de relações: tópico ou tema e foco.

O tópico ou tema é o constituinte que funciona como ponto de partida, ele traz o que o falante apresenta como informação já conhecida e estabelece sobre o que tratará o resto da oração, conforme a primeira resposta de B em (22).

Já de acordo com Zubizarreta (1999, p. 4224):

[...] el foco es la parte no-presupuesta de la oración. La parte presupuesta de la oración es la información compartida por el hablante y el oyente en el momento en que se emite tal oración en un discurso dado. El discurso es un proceso dinámico y un acto de comunicación crea, típicamente, una incrementación o modificación en la información compartida. De un modo más preciso, las presuposiciones, en un momento dado del discurso, están constituidas por un grupo de proposiciones que el hablante y el oyente consideran verdaderas, y estas pueden ser modificadas o incrementadas subsecuentemente.

Dessa maneira, foco é o constituinte com valor não pressuposto, afirma algo ou corrige/enfatiza uma informação dada. O foco aparece marcado por recursos fonológicos, como a entonação enfática, e sintáticos, como a ordem de palavras e/ou estruturas sintáticas de destaque, como mostra a segunda resposta de B em (22).

Considerando que o foco é a informação mais importante do contexto, não pode ser omitido. Observem-se os exemplos de respostas para a pergunta de (23):

(23) - ¿Quién va a hacer la tarea?

- Yo.
- La hago \*(yo).

A resposta sem o pronome *yo* é agramatical porque omite a informação necessária para responder à pergunta, ou seja o foco, que deve ser realizado obrigatoriamente. Os sujeitos focalizados sempre são realizados sem terem a possibilidade de omissão.

#### 4.2.5 Concordância e sujeito nulo

De acordo com Chomsky (1981) e Rizzi (1988), no Parâmetro do Sujeito Nulo o apagamento é autorizado pela marca de concordância (AGR) entre o sujeito e o verbo, uma concordância forte atuando como controladora do sujeito suprimido. Por isso, costuma-se considerar que os sujeitos de tais línguas estão expressos nos verbos, embora não estejam explícitos<sup>39</sup>. A exclusividade desse critério para o estabelecimento do parâmetro, entretanto, foi abandonada com a publicação de Huang (1984), que demonstrava como o Chinês, língua sem flexões verbais, exibia o sujeito nulo.

Já os estudos de Jaeggli & Safir (1987) mostraram que não é um paradigma rico ou forte que licencia o apagamento do sujeito, mas sim um paradigma uniforme, composto de formas derivadas (as que possuem desinências) ou não derivadas (as que possuem só o radical), concluindo que a simultaneidade de ambos os tipos de formas não sustenta a hipótese de licenciar o sujeito nulo.

#### 4.2.6 O sujeito nulo no Espanhol do Caribe

Tradicionalmente, a variação intralinguística ficou a cargo da dialetologia, porém a teoria da gramática também pode olhar para as variedades de uma língua, pensando em diferentes marcações paramétricas.

Considerando as variações do domínio hispânico e suas diferenças estruturais, cabe suspeitar que o espanhol peninsular mantém características associadas a línguas [+sujeito nulo] ao passo que o espanhol caribenho pode tê-las substituído pelas línguas [-sujeito nulo]. Toríbio (2000) questiona os limites da variação dialetal dentro do espanhol e apresenta que a mudança no tipo de parametrização passa

---

<sup>39</sup> A gramática hispânica tradicional interpreta a flexão verbal como o verdadeiro sujeito da oração. (Cf.: Alarcos Llorach 1994; seção 2.1)

por uma etapa de coexistência de variantes, surgindo uma espécie de bilinguismo, ou seja, duas linguas-l concomitantes na mente do falante, duas gramáticas. A autora verifica que há um contraste marcante entre a norma dominicana e o espanhol da América Latina, pois neste os pronomes sujeitos são normalmente expressos apenas para fins enfáticos, como discutido acima, e na República Dominicana os sujeitos tendem a ser empregados livremente, sem força pragmática adicionada, como observado em (24):

(24) **Ellos** me dijeron que **yo** tenía anemia...Si **ellos** me diceb que **yo** estoy en peligro cuando **ellos** me entren la aguja por el ombligo, **yo** me voy a ver en una situación de estrés. (TORÍBIO, 2000, p.321)

Uma série de variações aparece no espanhol caribenho quando comparado às demais variedades do espanhol. Em (25), a seguir, é possível verificar propriedades do sujeito pronominal no espanhol dominicano, que contrastam com o espanhol geral:

- (25) a. **Yo** no lo vi, **él** estaba en Massachusetts, acababa de llegar, pero muy probable para el domingo pasado, que fue Día de la Madres, él esperaba en Nueva York...**Él** estaba donde Eugenia, y yo creo que **él** se va a quedar allá...
- b. **Ello** llegan guaguas hasta allá.
- c. Ellos querían renovar el centro para el turismo y ello hay mucha gente que se opone.
- d. Papi ¿qué **ese letrado** dice?
- e. Ven acá para **nosotros** verte.
- f. A la cisterna mía ya no le falta agua. **Ella** tiene agua.

(TORIBIO, 2000, p.321)

O exemplo de (25a) apresenta o uso excessivo de sujeitos pronominais através da repetição de *él*. Em (25b) e (25c) pronome *ello* funciona como expletivo. Em (25d) percebe-se o posicionamento pré-verbal sujeito *ese letrado* na oração interrogativa. Em (25e) a oração não finita possui o sujeito pronominal nominativo *nosotros* em posição pré-verbal. E em (25f) temos o uso de pronome sujeito *ella* com referência não humana, referindo-se ao substantivo *agua*.

Todos esses dados são agramaticais em outras variedades não caribenhas do espanhol, o que sugere uma diferença paramétrica entre as variedades caribenhas e as não caribenhas.

#### 4.3 CONCLUINDO A SEÇÃO

Nesta seção, vimos a organização dos pronomes, de maneira geral, na língua espanhola e mais especificamente com são classificados os pronomes pessoais passando por dentro da Teoria de P&P que veio a explicar o fenômeno da omissão e/ou expressão do sujeito pronominal.

A língua espanhola é considerada uma língua que atende às propriedades de língua *prodrop*, porém, a variedade caribenha se mostra de maneira diferente podendo vir a perder as características que compõem uma língua de sujeito nulo. Pudemos conhecer sobre o funcionamento das categorias vazias e entender que o sujeito nulo ao qual nos referimos e que será analisado na seção a seguir é uma categoria vazia nomeada de *pro* (prozinho), que pode ter valor referencial ou expletivo.

## 5. COMPARANDO O SUJEITO NULO ENTRE MADRI E HAVANA

### 5.1 A VARIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA

Conforme vimos na seção 2, a Sociolinguística tem como objetivo desenvolver uma nova concepção para os estudos linguísticos, investigando sua dimensão sócio-histórica. Então, ela objetiva observar casos referentes à variação da língua, mudanças linguísticas na interação entre língua e sociedade, estando língua e sociedade intrinsecamente relacionadas entre si, visto que toda comunidade se caracteriza por suas diferentes maneiras de falar. A variação linguística ocorre em todos os campos da linguagem: no léxico, no sintático, no morfológico, no fonológico e no pragmático.

Ao considerar que a língua é variável, bem como sua manifestação é dada de maneira variável, podemos observar dois tipos de uso, a saber, a possibilidade de usar diferentes elementos linguísticos para dizer coisas distintas e a possibilidade de usar diferentes elementos linguísticos para dizer uma mesma coisa, sem alterações semânticas. Podemos ilustrar ambas as possibilidades através do espanhol. A primeira situação pode ser exemplificada através do uso de *z* e *s* (*caza* e *casa*); dos verbos *ser* e *estar* (*ser listo*, *estar listo*); ou ainda da presença ou ausência de um determinante no sintagma verbal (*comí chocolate*, *comí un chocolate*). Já a segunda possibilidade pode ser elucidada pelo uso dos morfemas *-ra* ou *-se* para o modo *imperfecto de subjuntivo* (*saliera*, *saliese*); o *leísmo*, *laísmo* ou *loísmo*; a presença ou ausência de um sujeito pronominal; as realizações [s, h, Ø] do fonema /s/ (*casas*, *casah*); o uso do *seseo*, do *ceceo* ou a distinção de *s* e *z*. Todos estes últimos são casos que os linguistas denominam de variação linguística.

Como vimos na seção 2, uma variável linguística é um conjunto de manifestações de um mesmo elemento, ou seja, diferentes maneiras de dizer a mesma coisa. Cada uma dessas manifestações ou maneiras é chamada de variante linguística. Vimos também que a ocorrência de uma ou outra variante não acontece de maneira aleatória, e sim condicionada por fatores linguísticos e extra linguísticos, que por sua vez apresentam um padrão elevado de sistematicidade, passível de quantificação e conseqüente previsão em relação à história da língua.

A definição de comunidade de fala como objeto de estudo da Sociolinguística Variacionista está baseada em uma decisão teórico-metodológica crucial: focalizar os padrões coletivos de comportamento linguístico observáveis no uso concreto da

língua. Assim, o programa de pesquisa da Sociolinguística tem como objetivo central integrar os fatores sociais na análise de um estágio do desenvolvimento histórico de uma língua. De acordo com Labov (1982, p.18) “o objeto da descrição linguística é a gramática da comunidade de fala: o sistema de comunicação usado na interação social”.

Para dar conta de estudar todas as variações inerentes à fala, segundo Orlandi (2007, p. 51), surge a Sociolinguística, que toma a sociedade como causa e vê na linguagem os reflexos das estruturas sociais. Seu objetivo é sistematizar a variação existente na linguagem, considerando que a língua é um sistema não homogêneo, mas heterogêneo e dinâmico, portanto as regras deverão abranger toda a variação das formas. Assim o falante real é que vai ser analisado, pelo uso das formas linguísticas, em sua comunidade.

### **5.1.2 A seleção da variável**

No exemplo de (1) estão algumas exigências enumeradas por Labov (1972) que devem ser atendidas para que duas formas linguísticas sejam consideradas como variantes:

- (1) a. as formas devem ser frequentes em contextos não estruturados e em entrevistas breves;
- b. o item deve ser integrado no sistema mais amplo de unidades funcionais;
- c. a distribuição das formas tem de ser estratificada por idade e grupo social.

Na opinião de Possenti (1996, p. 35) existem diferenças em uma língua que não são casuais. Um dos tipos de fatores que produz diferenças na fala das pessoas são externos à língua, os principais deles são os fatores geográficos, de classe, de idade, de sexo, de etnia, de profissão, etc. Ou seja, pessoas que moram em lugares diferentes acabam por falar de uma maneira diferente em relação a um outro grupo que mora em outro lugar. O mesmo vale para diferentes idades, sexos, etnias e profissões. Cada grupo assume e usa o seu dialeto, a sua forma de falar de grupo.

Além dos fatores externos, também há fatores internos à língua que condicionam a variação, ou seja, a variação é de alguma forma regrada por uma gramática interior da língua, como pronúncias alternativas de uma mesma palavra. As variações ligadas à localização social e espacial dos falantes já estão codificadas

de forma razoável na Linguística. Tem-se distinção entre as características do idioleto (forma de falar própria de cada indivíduo) das do dialeto (formas do falar regional) e as da língua nacional (forma de falar própria à língua de um país). De acordo com Orlandi (2007, p. 51), para os sociolinguistas, o falante é real e é importante analisar as formas usadas por ele em sua comunidade. Por isso, a Sociolinguística centra a sua análise nos dados e empenha-se metodologicamente para construir procedimentos sofisticados, adequados e precisos para a coleta e tratamento dos dados.

Retomamos aqui os conceitos de variável dependente e de variáveis independentes já apresentados na seção 2 e exemplificado com a marcação de plural no sintagma nominal da cidade do Panamá. Vimos que uma variável linguística ou grupo de fatores é o nome dado a uma das formas de falar determinado termo. Assim, a variável linguística sob análise é chamada de dependente, ao passo que os critérios linguísticos e/ou extralinguísticos associados à variável dependente são chamadas de variáveis independentes.

Embora estejamos cientes de que gênero/sexo configura uma variável sociolinguística, este trabalho só se deteve a analisar os homens para verificar como se dá o uso do sujeito pronominal. Um possível trabalho futuro poderá verificar como as mulheres se comportam diante do mesmo objeto linguístico e, podendo ser feito, a partir daí, uma análise entre gêneros/sexos desde a variável sociolinguística.

Para fins de nossa análise, a variável dependente observada é a expressão ou omissão do sujeito pronominal, ou seja, o sujeito explícito *versus* o sujeito nulo como exemplificado em (2), com sentenças retiradas dos dados analisados da capital Havana, informante H31:

- (2) a. Cuando **yo vine**, no estaba tan poblado como ahora, indudablemente.  
 b. Los vecinos que \_\_\_ **tengo** adyacentes ahí son bastante tranquilos.

Em (2a) o verbo *venir* aparece conjugado em 1ª pessoa e antecedido pelo sujeito pronominal *yo*, que está expresso. Por sua vez, o exemplo de (2b) apresenta o verbo *tener* também conjugado em primeira pessoa, porém neste caso, temos a omissão do sujeito pronominal (*yo*).

As variáveis independentes desta análise são os critérios linguísticos e extralinguísticos. Abaixo elencamos cada critério linguístico com seus respectivos

exemplos recolhidos em nosso levantamento, para elucidar de que maneira foi realizada a observação. Em todos os exemplos apresentamos primeiro a variável marcada, contrapondo com a variável de sujeito nulo na segunda frase, destacando os sujeitos pronominais quando aparecem e os verbos conjugados quando há omissão de pronomes.

(3) Tipo de pessoa

a. 1ª pessoa singular

Cuando **yo era** niño y joven aquí.

Realmente \_\_\_ no **he observado** tampoco unos cambios climáticos.

(Informante H31)

b. 1ª pessoa plural

**Nosotros** estamos satisfechos de nuestra familia.

Antes \_\_\_ no **teníamos** reja en el balcón ni puerta.

(Informante H31)

c. 2ª pessoa singular

Luego lo **puedes tú** ir probando.

Dicen que \_\_\_ **vas** ya siendo mayor.

(Informante M31)

d. 2ª pessoa plural

**Vosotros** vais a seguir con vuestras carreras funcionando

Si te parece que \_\_\_ **sois** más golosos pues le pones un poco más de azúcar.

(Informante M31)

e. 3ª pessoa singular

Al parque José Martí // **él** monta algún aparato ahí.

Cuando \_\_\_ **era** chiquitico \_\_\_ **tenía** instrumentos para muchachos los niños.

(Informante H11)

f. 3ª pessoa plural

Quizás **ellos** van, a lo mejor un día se van a un partido de baloncesto

\_\_\_ **Tienen** que hacer sus tareas / los hombres las ayudan mucho más.

(Informante M31)



## (4) Tipo de oração

## a. Orações matrizes

**Yo preferiría** algo más tranquilo.

\_\_\_ **Dejé** todas las condiciones preparadas

(Informante H31)

## b. Orações subordinadas

Solo me hice eso en principio así que **yo notara** todo.

Porque \_\_\_ le **conozco** de toda la vida.

(Informante H11)

## c. Orações coordenadas

Soy bebedor y **yo les he dado** un punto como para iniciar una situación de confianza.

\_\_\_ No soy comilón ni **soy** bebedor.

(Informante M31)

## (5) Tipo de referência

## a. + Humano

Salías por la tarde y por la noche lo mismo

## b. – Humano

Cambiará bastante porque es mucho tiempo. (sobre a contaminação atmosférica)

(Informante H11)

Quanto às previsões, espera-se que as orações coordenadas desfavoreçam o preenchimento pronominal, e que as orações subordinadas e as orações matrizes favoreçam esse preenchimento.

Para delimitar os critérios extralinguísticos, consideramos Labov (2008), que defende que o indivíduo é um ser estratificado, isto é, um tipo social caracterizado por um conjunto de fatores: sexo, idade, escolaridade, profissão etc. Assim, analisamos um total de quatro informantes, formando as seguintes células:

Informante	Gênero	Idade	Escolaridade	Localidade
H11	Homem	20 anos	Baixo nível de estudos	Havana

M11	Homem	20 anos	Baixo nível de estudos	Madri
H31	Homem	81 anos	Baixo nível de estudos	Havana
M31	Homem	71 anos	Baixo nível de estudos	Madri

## 5.2 SOBRE O *CORPUS* PRESEEA

O *corpus* da nossa pesquisa foi composto por um conjunto de entrevistas retiradas do PRESEEA (Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América).

A decisão de iniciar um projeto para o estudo sociolingüístico dos núcleos urbanos da Ibero América e da Península Ibérica aconteceu em uma reunião da Comissão de Sociolingüística da *Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina* (ALFAL) durante o X congresso internacional desta associação, em abril de 1993.

O PRESEEA possui cerca de 40 grupos de pesquisa sociolingüística, sendo fruto de um trabalho de pesquisadores comprometidos com uma metodologia comum para criar materiais coerentes que possibilitem sua aplicação em fins educativos e tecnológicos.

Os materiais do PRESEEA atendem à diversidade sociolingüística das comunidades de fala hispânica e podem ser consultados sem nenhum custo, estando disponíveis na internet para o uso exclusivo de pesquisas, o que justifica a eleição deste para nossa análise.

As entrevistas disponíveis no período de desenvolvimento de nossa pesquisa (2016-2018) abrangiam as seguintes cidades hispano falantes: Alcalá de Henares, Cidade da Guatemala, Granada, Guadalajara, Havana, Lima, Madri, Málaga, Medelim, Cidade do México, Monterrei, Montevideo, Pereira, Santiago, Santiago de Compostela e Valencia.

Além da busca por cidades, as entrevistas podem ser selecionadas por sexo entre as opções: qualquer sexo, homem ou mulher. A seleção por idade pode ser: qualquer grupo, grupo 1, grupo 2 e grupo 3. Já no nível de escolaridade pode ser: qualquer nível, nível alto, nível médio e nível baixo.

Para a composição do *corpus de* língua falada foram propostas entrevistas semi-estruturadas ou semidirigidas, que focam em temas específicos. Essa metodologia permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, porém quando

se desvia do tema original o entrevistador deve se esforçar para sua retomada. Todas as entrevistas foram gravadas com um magnetofone que estava sempre à vista do informante. A estrutura da entrevista é formada por módulos temáticos, podendo variar em sua ordem de acordo com as circunstâncias de cada entrevista: a) Saudações; b) O tempo; c) Lugar onde vive; d) Família e amizade; e) Costumes; f) Perigo de morte; g) Anedotas importante na vida; h) Desejo de melhora econômica; i) Final.

A duração mínima de conversa com cada informante é de 45 minutos, com mínimo de interrupções possíveis feitas por parte do entrevistador. E, sempre que possível, o entrevistador devia fazer parte da mesma comunidade que o informante. Após a gravação da entrevista, o entrevistador conferia se a qualidade da gravação era adequada e recolhia os dados pessoais do informante através de um questionário que o classificava de acordo com as variáveis sociais já estabelecidas.

A transcrição das entrevistas foi feita em ortografia ordinária, utilizando um processador de textos de um computador, como o *word*, seguindo as convenções da TEI<sup>40</sup> (*Text Encoding Initiative*), um sistema internacional, previsto e aceito nos meios industriais e de investigação de muitos países.

No que tange a análise e interpretação de dados linguísticos, o PRESEEA permite aos pesquisadores liberdade absoluta para que estes possam atuar de maneira livre a ampliar seus objetivos e técnicas de estudo, sempre que respeitem as diretrizes comuns.

### 5.3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

#### 5.3.1 Metodologia

Para fins metodológicos desta pesquisa, dividimos nossos critérios em linguísticos e sociolinguísticos. Considerando os critérios linguísticos, a análise

---

<sup>40</sup> O TEI foi criado em 1987 por um consórcio das associações acadêmicas *Association for Computers and the Humanities* (ACH), *Association for Computational Linguistics* (ACL) e *Association for Literary and Linguistic Computing* (ALLC), que o propuseram como o resultado da pesquisa efetuada para desenvolver um esquema de metadados que desse uma resposta aprimorada à colocação em linha de textos digitais, nos seus múltiplos formatos. Este esquema de meta informação foi um dos primeiros formatos a ser desenvolvido neste âmbito e continua a ser utilizado atualmente.

foifeita apenas com as orações finitas<sup>41</sup>, com sujeitos pronominais referenciais realizados ou nulos.

Excluimos da análise todas as orações não finitas, visto que apenas orações finitas permitem a colocação do sujeito pronominal no espanhol; todas as orações relativas de sujeito, por fazerem referência a um sujeito através de um pronome relativo, que se move e passa para ocupar a posição de especificador do sintagma complementador, deixando sempre, em espanhol, a posição do sujeito vazia, não servindo para identificar o sujeito da oração; todas as orações impessoais/passivas com “se”, por serem orações, que geralmente possuem sujeito pós-verbal; todas as orações com sujeitos nominais, uma vez que queremos observar apenas os sujeitos expressos através de pronomes; bem como todos os demonstrativos, por serem indicadores de locação e não de sujeito propriamente dito.

Já pelos critérios sociolinguísticos observamos: um informante homem, jovem e de baixa escolaridade para cada variedade; um informante informante homem, idoso e de escolaridade baixa para cada variedade.

Para a análise dos dados separamos a orações elegíveis do *corpus*, em seguida separamos por comportamento do sujeito, se realizado ou nulo; identificamos o tipo de oração, se matriz, subordinada ou coordenada; verificamos o tipo de pessoa, 1ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural, 2ª pessoa do singular, 2ª pessoa do plural, 3ª pessoa do singular e 3ª pessoa do plural; e a referência do sujeito, se +humano ou –humano.

Por se tratar de um estudo preliminar e considerando o tempo destinado ao desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado, optamos por analisar apenas o comportamento dos homens. A partir dos resultados obtidos, este trabalho serve de base para um estudo mais expansivo, que pode vir a observar o comportamento das mulheres e cruzar os resultados que apresentamos.

### **5.3.2 Apresentação dos dados**

O cômputo geral das orações finitas analisadas entre os jovens e idosos das capitais Madri e Havana soma um total de 1.468 (mil quatrocentos e sessenta e oito) orações, que se dividem conforme tabela 4, abaixo:

---

<sup>41</sup> A eleição de analisar apenas as orações finitas vem do fato de, categoricamente, não haver oração infinitivas no espanhol europeu, sendo assim, não faria sentido a comparação. Além disso, por demonstrar funcionamento diferenciado, as orações infinitivas mereceriam um trabalho à parte.

Jovem	Idoso
Madri – 424 orações	Madri – 258 orações
Havana – 290 orações	Havana – 496 orações

**Tabela 4.** Cômputo Geral das orações<sup>42</sup>

Analizamos então, 682 orações produzidas por informantes de Madri e 786 orações dos informantes de Havana. Os dados em (6) foram encontrados em nossa pesquisa:

(6)

[Contexto: Sobre os jovens]

- a. **Yo no sé** si es la juventud o hay veces en que se vive muy deprimida. (M31)
- b. No \_\_\_ **podemos** decir a veces que la juventud es mala. (H31)

[Contexto: ¿Y tú dónde vives?]

- c. **Yo vivo** en Calzada / entre 10 y 12 / aquí mismo en el Vedado. (H31)
- d. \_\_\_ **Vivo** en Obrapía 311 entre Habana y Aguiar. (H11)

[Contexto: O calor humano em Cuba]

- e. Yo no **sé** si en otro país será así. (H31)
- f. Porque \_\_\_ **vivimos** más en sí mismos. (H31)

[Contexto: ¿Hacía más frío antes o ahora?]

- g. Nevaba en Madrid algunas veces cuando **yo era** pequeño. (M31)

[Contexto: ¿Dónde vivías antes?]

- h. \_\_\_ **Vivía** en lo que era la Playa de Marianao // un lugar muy bonito. (H31)

<sup>42</sup> O cômputo geral das orações se refere a análise de todos os informantes jovens e idosos do sexo masculino que possuíam nível baixo de escolaridade disponíveis no *corpus* do PRESEA para as cidades de Havana e Madri. Ainda que o número total de orações pareça baixo, vale ressaltar que só foram analisadas as orações finitas. Dentre todos os tipos de orações encontradas, selecionamos e analisamos apenas as orações que apresentavam pronomes e as orações de sujeito nulo. Este recorte levou a redução do *corpus*, uma vez que não houve como controlar o total de orações analisáveis, a menos que determinássemos um total de orações para cada informante.

[Contexto: ¿Cómo te sientes en tu casa?]

- i. **Yo me siento** muy feliz en mi casa. (M11)

[Contexto: ¿Qué haces desde que te levantas hasta que te acuestas?]

- j. **Yo me levanto** por la mañana // hago café / cuando tengo/ y voy para el patio y le hecho comida a los animales. (H31)

Na visão geral da realização do sujeito percebemos que a tendência é a não realização do sujeito em informantes de ambas capitais e em todos os informantes analisados, conforme apresenta a tabela 5:

Jovem				Idoso			
Madri		Havana		Madri		Havana	
Realizado	Nulo	Realizado	Nulo	Realizado	Nulo	Realizado	Nulo
52	372	43	247	70	188	72	424
12,26%	87,74%	14,83%	85,18%	24,14%	72,86%	14,52%	85,48%

**Tabela 5.** Visão geral da realização do sujeito

O jovem de Madri realiza 12,26% e deixa nulo 87,74%, enquanto o jovem de Havana realiza um total de 14,83% e deixa o sujeito nulo 85,18% de suas produções. Em relação ao idoso de Madri, sua realização equivale a 24,14%, somando um percentual de 72,86% para o sujeito nulo, ao passo que o idoso de Havana tem o sujeito pronominal realizado num percentual de 14,52% e de nulo 85,48%, sendo esta a grande diferença entre os perfis de cada cidade, o contrário da tendência esperada.

Desde uma visão geral da realização do sujeito nas orações que coletamos parece não haver variação no preenchimento do sujeito entre o jovem de Madri (12,62%) e o jovem de Havana (14,83%). Entretanto no grupo de idosos aparece uma diferença entre o idoso de Madri (24,14%) e o idoso de Havana (14,52%), mostrando que aquele realiza mais o sujeito pronominal que este, o que é um resultado bastante curioso, considerando que se diz que o espanhol caribenho é a

variedade que tende a preencher o sujeito. Contudo, a análise das variáveis independentes parece esclarecer o que acontece.

Nas variáveis independentes, ao observar apenas as orações matrizes, notamos que entre os jovens a ausência do sujeito pronominal prevalece. Os dados em (7) apresentam exemplos desta evidência:

(7)

[Contexto: ¿Qué haces tú cuando sales?]

a. No, \_\_ no **salgo** mucho. (M31)

[Contexto: A casa onde mora]

b. Bueno en este momento \_\_ **vivo** con mi abuelo. (H11)

c. \_\_ **Tengo** un jardín donde converso todos los días con mis matas. (M31)

[Contexto: Sobre Amizades]

d. No, \_\_ **tengo** varios amigos hoy en día. (H11)

e. \_\_ **Tengo** amigos de mi edificio / tengo amigos en otro edificio. (H11)

[Contexto: Sobre seu trabalho no exército]

f. \_\_ **Pensé** que ahí había algo de futuro. (M11)

A tabela 6 expõe o resumo dos resultados obtidos para as orações matrizes:

Jovem				Idoso			
Madri (244)		Havana (166)		Madri (142)		Havana (236)	
Realizado	Nulo	Realizado	Nulo	Realizado	Nulo	Realizado	Nulo
35	208	19	146	45	97	41	195
14,34%	85,25%	11,45%	87,95%	31,69%	68,30%	17,37%	82,63%

**Tabela 6.** Resumo do resultado nas orações matrizes

Tanto nos dados do jovem de Madri (85,25%) quanto do jovem de Havana (87,95%) é maior a ausência do sujeito pronominal. Já na análise dos idosos,

aparece uma diferença significativa entre o sujeito nulo no idoso de Madri (68,30%) e o idoso de Havana (82,63%).

Em (8) apresentamos dados de orações subordinadas encontradas no *corpus*:

(8)

[Contexto: ¿Qué haces tú cuando sales?]

a. Salgo cuando tengo tiempo porque \_\_ **trabajo**/ estudio. (M11)

[Contexto: Sobre visitas]

b. Lo que pasa es que ahora \_\_ **llevo** un poco sin venir. (H11)

[Contexto: Sobre a casa onde nasceu]

c. Cuando **yo** nací en esta casa, la casa no estaba muy bien reparada. (M31)

[Contexto: Sobre os estrangeiros]

d. Piensan que **somos nosotros** racistas si le decimos algo. (M31)

[Contexto: Como gostaria de ser tratado durante a entrevista]

e. Como **tú** lo **preferas** / pero me gusta siempre el respeto. (H31)

[Contexto: Sobre os jovens de sua família]

f. Yo me preocupo más porque \_\_ **tengo** un poco más de edad. (M31)

Ao observar as variáveis independentes apenas nas orações subordinadas, percebemos que a ausência do sujeito pronominal ainda prevalece em relação à realização do mesmo:

Jovem				Idoso			
Madri (118)		Havana (71)		Madri (57)		Havana (195)	
Realizado	Nulo	Realizado	Nulo	Realizado	Nulo	Realizado	Nulo
8	110	14	54	17	40	59	136
6,78%	93,22%	19,72%	76,06%	29,82%	70,18%	30,26%	69,74%

**Tabela 7.** Resumo do resultado nas orações subordinadas



No grupo de jovens, o percentual é de 93,22% para o de Madri e de 76,06% para o de Havana, contrapondo com a realização de 6,78% e 19,72% respectivamente. Na observação dos idosos, percebemos sujeito nulo em aproximadamente em 70,18% dos dados do idoso de Madri frente a aproximadamente 69,74% do idoso de Havana.

Nas orações subordinadas, o jovem de Madri é o que menos preenche quando comparado ao jovem de Havana e também com o idoso de Madri e de Havana, pois os três últimos parecem preencher mais a posição do sujeito pronominal. Com isso percebemos que as orações subordinadas favorecem a realização do sujeito pronominal entre os idosos.

Em relação às orações matrizes é interessante como o contexto de subordinadas altera a situação: nos jovens, os nulos sobem no falante de Madri e caem no falante de Havana; nos idosos, não há mais disparidade de nulos com maior quantidade em Havana, mas quase empate percentual, com o idoso de Madri tendo 70,18% contra 69,74% no idoso de Havana.

Os dados de (9) exemplificam o funcionamento do sujeito pronominal nas orações coordenadas produzidas pelos informantes:

(9) a. Salgo para acá a Francisco Silvela y \_\_\_ **giro** a la izquierda sentido Manuel Becerra. (M31)

b. Me rompí un incisivo y \_\_\_ **tengo** un poco desviada / me tienen que operar la nariz. (M11)

c. **Di** vueltas y \_\_\_ me **caí** de boca al suelo. (M11)

d. Fui a hablar y noté que había perdido los dientes. (M11)

e. Yo esperaba que mi vida fuera mejor, pero \_\_\_ **espero** que el día de mañana tenga esas condiciones (H11)

f. O sea que trabajo un día en un lugar / un día trabajo en otro. (H11)

Na observação das variáveis independentes inseridas em orações coordenadas, encontramos um percentual semelhante para a ausência do sujeito pronominal em ambas as cidades e grupos de informantes. Observem-se na tabela 8 um resumo dos dados:

Jovem				Idoso			
Madri (62)		Havana (53)		Madri (59)		Havana (65)	
Realizado	Nulo	Realizado	Nulo	Realizado	Nulo	Realizado	Nulo
9	53	11	42	8	51	9	56
14,52%	85,48%	20,75%	79,25%	13,55%	86,44%	13,85%	86,15%

**Tabela 8.** Resumo do resultado nas orações coordenadas

O jovem de Madri deixa nulo em aproximadamente 85,48% dos casos e o de Havana aproximadamente 79,25%. No outro grupo, o idoso de Madri deixa nulo em aproximadamente 86,44% dos casos frente a ausência de sujeito de 86,15% do idoso de Havana.

Quanto às orações coordenadas, parece que elas tendem a favorecer o apagamento do sujeito pronominal na fala dos mais velhos. Porém, a tendência parece ser diferente nos jovens. Para melhor visualização e comparação dos resultados, alocamos na tabela 9 todos os tipos de orações já detalhadas até aqui com seus respectivos resumo de dados.

Variável Independente	Informantes			
Tipo de Oração	Jovem		Idoso	
Orações Matrizes	Madri (total 244)	Havana (total 166)	Madri (total 142)	Havana (total 236)
	Sujeito Nulo			
	208	146	97	195
	82,25%	87,95%	68,30%	82,63%
Orações Subordinadas	Jovem		Idoso	
	Madri (total 118)	Havana (total 71)	Madri (total 57)	Havana (total 195)
	Sujeito Nulo			
	110	54	40	136
	93,22%	76,06%	70,18%	69,74%
Orações Coordenadas	Jovem		Idoso	
	Madri (total 62)	Havana (total 53)	Madri (total 59)	Havana (total 65)
	Sujeito Nulo			
	53	42	51	56
	85,48%	79,25%	86,44%	86,15%

**Tabela 9.** Comparativo Expressão/Omissão do Sujeito entre os Tipos de Orações

Quanto às coordenadas, há também uma queda no sujeito nulo no jovem de Havana (79,25) em relação aos dados da visão geral (tabela 5) (85,18%) e aos dados de matrizes (87,95%), mas um valor semelhante aos dados de subordinadas (76,06%). Nos idosos, não há queda percentual no idoso de Havana (86,15%) em relação aos dados da visão geral (85,48%) e os matrizes (82,25%), mas há empate com Madri, ou seja, o idoso de Madri aumenta o nulo nas coordenadas. Fato interessante que poderia estar relacionado às funções pragmáticas como a ênfase e o contraste. Uma análise mais profunda poderia verificar tais fatores.

Para além da observação entre os tipos de orações, verificamos também as ocorrências entre 1ª e 3ª pessoa, contrastando-as. Com esta comparação contabilizamos 264 orações do jovem de Madri, sendo 83,72% de sujeito nulo e 16,28% de sujeito realizado, ambos na 1ª pessoa. Já nas ocorrências de sujeito em 3ª pessoa, no mesmo grupo, constatamos um total de 114 orações, das quais 92,99% se apresentam como nulo e apenas 7,01% são realizados. A tabela 10 traz o comparativo de 1ª, 2ª e 3ª pessoa, afim de ilustrar a observação:

Variável Independente	Informantes			
Tipo de Pessoa	Jovem		Idoso	
1ª pessoa	Madri (total 264)	Havana (total 177)	Madri (total 145)	Havana (total 282)
	Sujeito Nulo			
	221	149	104	227
	83,72%	84,19%	71,73%	80,49%
2ª pessoa	Jovem		Idoso	
	Madri (total 46)	Havana (total 19)	Madri (total 53)	Havana (total 40)
	Sujeito Nulo			
	45	15	30	33
	97,83	78,95%	56,60%	82,50%
3ª pessoa	Jovem		Idoso	
	Madri (total 114)	Havana (total 94)	Madri (total 60)	Havana (total 174)
	Sujeito Nulo			
	106	81	54	164
	92,99%	86,18%	90%	94,25%

**Tabela 10.** Comparativo da Expressão/Omissão do Sujeito Pronominal entre os Tipos de Pessoas

Nos dados do jovem de Havana o total de orações com sujeito em 1ª pessoa totalizou 177 orações, das quais 84,19% apresentou sujeito nulo e 15,81% com sujeito realizado. Nas ocorrências de sujeito em 3ª pessoa, obtivemos um total de 94 orações, sendo 86,18% nulo e 13,82% realizado.

No grupo de idosos, das 145 orações computadas nos dados do idoso de Madri, 71,73% possuem sujeito nulo e 28,27% possuem sujeito realizado quando se refere a 1ª pessoa. O idoso de Havana deixa nulo um percentual de 80,49% e realiza 19,51% do total de 282 orações quando se refere a 1ª pessoa. No que tange à 3ª pessoa, o idoso de Madri deixa nulo 90% e realizam 10% do total de 60 orações. Já o idoso de Havana, deixa nulo 94,25% e realiza 5,75% do total de 174 orações.

Já no resumo de resultado em relação à 2ª pessoa, encontramos 97,83% de sujeitos nulos e 2,7% de sujeito realizados entre os jovens de Madri. Entre os jovens de Havana o percentual de sujeito nulo foi de 78,95% e o de realizado foi de 21,05%. No grupo de idosos, o de Madri deixam nulo em 56,60% dos casos e realizam o sujeito em 43,40% das ocorrências. O idoso de Havana deixa nulo em 82,50% dos casos, frente a 17,50% de realização do sujeito.

Observando o comparativo, nota-se que a 3ª pessoa parece influenciar mais o sujeito nulo que a 1ª pessoa, em todos os informantes. Já a 2ª pessoa apresenta variação na aplicação de sujeito nulo entre os informantes, sugerindo que o jovem de Madri seja o que mais deixa nulo (97,83%) em relação aos outros informantes.

Após separar as ocorrências de 1ª e 3ª pessoa, verificamos o funcionamento em relação ao número dos sujeitos realizados, classificando as referências a 1ª pessoa em singular ou plural. Apresentamos na tabela 11 o comparativo entre singular e plural na 1ª pessoa.

Variável Independente	Sujeito Realizado			
	Informantes			
	Jovem		Idoso	
Tipo de pessoa				
1ª pessoa	Madri (total 43)	Havana (total 28)	Madri (total 41)	Havana (total 227)
Singular	42	26	6	37
	97,67%	92,86%	14,63%	67,27%
Plural	1	2	35	18
	2,33%	7,14%	85,37%	14,55%

**Tabela 11.** Comparativo de 1ª pessoa entre singular e plural

Nestes dados a referência de singular é maior entre o jovem de Madri (97,67%), o jovem de Havana (92,86%) e o idoso de Havana (67,27%), enquanto o idoso de Madri (14,63%) destoa dos outros informantes. No que tange às referências de 3ª pessoa, verificamos quando esta é feita para [+humano] ou [-humano], buscando perceber quando se refere a pessoas. Na tabela 12, abaixo, é possível verificar o resumo das informações sobre tal ocorrência:

Sujeito Realizado em 3ª pessoa				
Variável Independente	Informantes			
Tipo de Referência	Jovem		Idoso	
	Madri (total 8)	Havana (total 13)	Madri (total 6)	Havana (total 10)
+HUM	7	13	6	10
-HUM	1	0	0	0

**Tabela 12.** Comparativo de 3ª pessoa classificados em [+/-Humano]

Em quase todos os informantes verificamos 100% de realização se sujeito pronominal de terceira pessoa com referente +humano, com apenas uma incidência de referência [-humano] nos dados do jovem de Madri.

#### 5.4 CONCLUINDO A SEÇÃO

No início desta seção, retomamos conceitos vistos anteriormente sobre sociolinguística, a fim de melhorar a observação dos dados que expusemos e discutimos. Em seguida, apresentamos o *corpus* do PRESEEA, explicando como se dá sua metodologia, expondo a maneira como as entrevistas foram realizadas, transcritas e conservadas.

Nesta seção também expusemos os resumos de dados analisados partindo do *corpus* do PRESEEA. Verificamos a variável dependente expressão ou omissão do sujeito pronominal nas capitais Madri e Havana, através das variáveis independentes de tipo de oração, tipo de pessoa e referência.

Comparando os resultados dos pronomes sujeito da amostra peninsular com os do Caribe, percebemos que ambas apresentam percentuais semelhantes para os pronomes, prevalecendo o sujeito nulo. Nossos resultados vão de encontro a

estudos que sugerem o Caribe como uma zona que se opõe a outras regiões hispano-falantes por sua expressão de sujeito pronominal, sugerindo que a variedade possa perder características do sujeito *prodrop*. Embora tenhamos alcançado estes resultados, abrimos sugestões para análise mais aprofundada, que verifique outros níveis de escolaridade, o outro sexo e classifique os valores discursivos de cada sujeito marcado.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho apresentamos e analisamos o fenômeno da expressão/omissão do sujeito pronominal no espanhol falado em Cuba e Madri.

Na seção 1 introduzimos nosso tema, apresentando os objetivos geral e específicos, bem como nossas hipóteses para esta análise.

Na seção 2 vimos opiniões de alguns autores sobre a diversidade na unidade atual da língua espanhola, considerando que esta é uma língua falada em 21 países que se dividem entre Europa, América do Sul e América Central e que possui, de acordo com Andión Herrero (2008), uma superfície geográfica que alcança 11.990.000 km<sup>2</sup>. Vimos também na seção 1 que questões políticas fazem com que algumas regiões hispânicas optem pelo uso do termo *español* e outras pelo termo *castellano*, ainda que ambos se refiram à mesma língua.

Ao considerar a extensa área de uso do espanhol, nos referimos aos estudos dialetais que atentam para as diferenças regionais (diatópicas) e sociais numa variedade de sexo (diassexuais), idade (diageracionais) e nível sociocultural (diastráticas) de uma língua com base em Cardoso (2016) e outros. Ainda que autores como Andión Herrero (2008) e Moreno Fernandez e Otero (1998) tenham defendido que o espanhol desfruta de uma louvável homogeneidade, Rona (1964), há mais tempo, já havia observado que esse conceito de homogeneidade fora adotado por quase todos autores que escreveram sobre o tema, sendo baseados apenas em contatos de falantes cultos de regiões distintas, e não algo observado entre os falantes da norma popular hispânica. O que fez Rona (1964) considerar que o conceito de homogeneidade é como um dos maiores mitos sobre o espanhol na América, um lugar comum, e talvez, um motivo pelo qual começamos a falar e escrever sobre o espanhol americano antes mesmo de conhecer sobre o espanhol americano. A diversidade do espanhol também é afirmada por Lope Blanch (1989) e Pinto (2009). Este último nos leva a refletir que, não podemos cair no lugar comum de dizer que todo o domínio hispânico desfruta de uma mesma língua e que seus falantes se compreendem perfeitamente, bem como não se pode confundir diversidade linguística com comunicabilidade linguística. Pinto (2009) destaca ainda que por mais que caribenhos e os demais hispânicos se compreendam bem, não é o mesmo, em termos de representação mental, dizer “¿Qué quieres tú?” e “¿Qué quieres?”, “tú, ¿Qué quieres?” ou “¿Qué quieres tú?”.

O que nos leva a propor estudos mais profundos sobre a gramática do espanhol, a fim de ampliar o leque de compreensões sobre a unidade e a diversidade do idioma, para além das distinções políticas e econômicas que difundem o espanhol mundo a fora.

Na seção 3 esclarecemos sobre as bases teóricas que adotamos para esta análise: a Teoria Gerativa, a partir da Teoria de Princípios e Parâmetros reformulada por (CHOMSKY, 1981, 1993, 1995) e a Sociolinguística Variacionista. A associação entre ambas teorias já foi adotada por Tarallo (1987), Tarallo e Kato (1989), Ramos (1992,1999) e outros, que a denominam de Sociolinguística Paramétrica. Na gramática gerativa buscamos as hipóteses gramaticais que orientaram a seleção de quais aspectos sintáticos observar, com o objetivo de delinear, baseado neles, um perfil mais detalhado da expressão/omissão do sujeito pronominal em variantes distintas do espanhol, neste caso as variantes de Cuba e Madri. E com a Sociolinguística, buscamos verificar como o nosso objeto de estudo, o sujeito pronominal se dá na sociedade, a fim de descrever causas que favoreçam ou não o apagamento/presença do mesmo.

Na seção 4, vimos como se dá a organização dos pronomes no espanhol e também como são classificados os pronomes pessoais neste idioma. Através da Teoria de P&P explicamos o funcionamento do fenômeno da omissão e/ou expressão do sujeito pronominal. Observamos a possibilidade de o espanhol não expressar o sujeito pronominal ter sido associada ao seu paradigma flexional, que permite identificar as marcas de pessoa e número, motivo pelo qual alguns autores consideram que a flexão verbal tem características pronominais e contém em si o sujeito, dispensando a presença do pronome sujeito em determinados casos, conforme Fernández Soriano (1999). Nesse sentido, a teoria gerativa postula a existência de pronomes foneticamente nulos, denominados de *pro*, que é uma das categorias vazias existentes nas línguas (Chomsky, 1981) e a que observamos nesta análise. Apesar de a língua espanhola ser considerada uma língua que atende às propriedades de língua *prodrop*, partimos da hipótese que a variedade caribenha se mostra de maneira diferente podendo vir a perder as características que compõem uma língua de sujeito nulo. Assim, verificamos a expressão/omissão do sujeito pronominal analisando amostras de fala referentes a dois países hispano-falantes: Cuba e Madri.



A seção 5 traz os dados que coletamos e o resumo percentual de nossas conclusões até aqui. Verificamos a variável dependente expressão ou omissão do sujeito pronominal nas capitais Madri e Havana através das variáveis independentes de tipo de oração, tipo de pessoa e referência, deixando como sugestão para um estudo mais aprofundado a variável independente de valor discursivo, separando os sujeitos expressos que se apresentam como tópico ou foco na sentença. Observamos o fenômeno em quatro informantes, dois de cada cidade, um jovem e um idoso de cada cidade, sendo todos de baixa escolaridade, de acordo com a disponibilidade que encontramos no *corpus* PRESEEA.

Concluimos com esta análise preliminar que, o sujeito nulo prevaleceu em todas as idades e faixas etárias, inclusive em ambas as cidades, o que não confirma a nossa hipótese de que Cuba teria um comportamento diferente do espanhol estándar, considerando suas influências indígenas e africanas que viriam a interferir na produção do falante atual. Resultado curioso, uma vez que informantes de baixa escolaridade mostram resultados semelhantes, sendo estes os que deveriam estar mais distantes do modelo estándar e mostrar diferenças no uso do sujeito considerando o que Lope Blanch (2002) diz no sentido de que haveria casos em que a norma culta estaria mais distante da norma popular da mesma cidade do que da norma culta de cidades diferentes.

Por outro lado, Toribio (2000) aponta que o espanhol dominicano apresenta sujeito expletivo, o que, contrastando com os dados aqui apresentados, poderia apontar para uma microvariação no Caribe. Seria interessante compor uma análise com diferentes variedades do Caribe, a fim de verificar se todo ele se comporta de maneira igual, respondendo a uma zona dialetal única e compacta, ou se seria uma zona com subzonas linguísticas, considerando a questão da variação microparamétrica, uma vez que nossos dados de Cuba, mesmo em análise preliminar, já mostram resultados que vão de encontro aos encontrados em Santo Domingo, considerando que ambas capitais tiveram povoamento prematuro por parte dos colonizadores espanhóis em relação a outras cidades da América Hispânica.

Podemos retomar o que vimos na seção 2 sobre quase a metade da população cubana branca ter nascido na Espanha na época da Guerra Hispano-americana, em 1898 (LIPSKI, 1996). Fontanela de Weinberg (1993) trata de diferentes tipos de relação que a América manteve com a metrópole durante o período de conquista e

colonização, compartilhando a história de uma língua transplantada. Regiões como as Antilhas, Panamá e México foram povoadas mais cedo, enquanto outras regiões como Uruguai e Rio a Plata foram povoadas mais tarde. Além disso, Fontanella de Weinberg (1993) relata que os diferentes tipos de contato com a metrópole tiveram um papel decisivo na caracterização de cada variedade. Esses fatos poderiam justificar o comportamento do espanhol de Havana semelhante ao espanhol de Madrid, por Cuba ter recebido influência europeia mais do que os outros dialetos hispano-americanos devido à longa permanência dos espanhóis em território cubano.

Outro ponto que deve ser observado para a análise dos dados é que, embora o *corpus* do PRESEEA seja uma excelente opção para trabalhos sociolinguísticos, consideramos que talvez não seja melhor opção para desenvolver uma pesquisa cujo foco seja a sintaxe, especialmente quando a progressão discursiva tiver uma grande importância na análise. Isso se dá pela maneira controlada como são coletados os dados, através de entrevistas e não do diálogo espontâneo entre os falantes. Como vimos na seção 5, as entrevistas do PRESEEA são estruturadas para seguir módulos temáticos específicos, que podem variar em sua ordem de acordo com as circunstâncias de cada entrevista. Uma sugestão seria fazer uso de outro tipo de *corpus* para esta mesma análise, como filme ou peça teatral, a fim de encontrar falas mais espontâneas, nas quais não se percebe um informante preso a respostas que se fecham, na maioria das vezes em 1ª e 3ª pessoa.

Sendo assim, apesar de tratarmos de considerações finais, não consideramos que esta pesquisa se encerra aqui, sugerindo também que para uma posterior análise seja verificado o valor discursivo de cada realização de sujeito pronominal, além da ampliação de verificação de fatores sociolinguísticos como escolaridade e gênero. A maior contribuição desse estudo foi ampliar os estudos sobre a gramática do espanhol do Caribe, que ainda se encontram escassos.

## REFERENCIAS

ADGER, D. **Core Syntax: A minimalist approach**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

ALARCOS LLORACH, Emilio. **Gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa Calpe, 1994.

ALBA, O. **El español del caribe: unidad frente a diversidad dialectal**. Revista de Filología Española, 1992. Tomo LXXII. p. 525-540

\_\_\_\_\_. **La Identidad Lingüística de los Dominicanos**. Books 4, 2009.

ALKMIM, T. M. Sociolinguística Parte I. In: BENTES, A. C.; MUSSALIN, F. (Org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1. p. 21-47.

AMADO ALONSO, G. **Castellano, español, idioma nacional**. Buenos Aires: Losada, 1979.

ANDIÓN HERRERO, M. A. La diversidad lingüística del español: la compleja relación entre estándar, norma y variedad. In: **El valor de la diversidad (meta) lingüística: Actas del VIII congreso de Lingüística General / coord. por Antonio Moreno Sandoval**, 2008, ISBN 978-84-691-4124-3, p. 11.

ANTUNES, I. **Muito além da gramática: Por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola, 2003.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

BUTHERS, C.M. **Emergência da ordem [XP V (DP)] no PB contemporâneo e o parâmetro do sujeito nulo: uma abordagem minimalista**. Originalmente apresentada como dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística Parte II. In: MUSSALIM, F. ; BENTES, A. C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, v. 1. p. 49-75.

CARDOSO, S. A. *Dialetologia*. In: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JUNIOR, C. (org.) **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo, Editora Contexto, 2016.

CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. The Hague: Mouton, 1957.

CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge: MIT Press, 1965.

\_\_\_\_\_. **O Conhecimento da Língua: sua natureza, origem e uso.** Lisboa, Editora Caminho, 1986.

CLARK, R.; ROBERTS, I. **A computational model of language learnability and language change.** Delta, 8: Especial: 53-103. 1993

CORREA, P. A. P. **Dimensiones sintácticas del español: su interacción con el discurso y el aprendizaje por hablantes de portugués.** Maringá: Eduem, 2010.

DI TULLIO, A. **Manual de gramática del español.** 1ª ed. Buenos Aires: Waldhuter Editores, 2010.

DUARTE, M. Sociolinguística “Paramétrica”. In: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JUNIOR, C. (org.) **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução.** São Paulo, Editora Contexto, 2016.

ENRÍQUEZ, E. V. **El pronombre personal sujeto en la lengua española hablada en Madrid.** Madrid: C.S.I.C. (Consejo Superior de Investigaciones Científicas Instituto Miguel de Cervantes), 1984.

FERNÁNDEZ SORIANO, O. El pronombre personal. Formas y distribuciones. Pronombres átonos y tónicos. In: BOSQUE, I. e DEMONTE, V. **Gramática descriptiva de la lengua española.** Madrid: Espasa-Calpe, 1999, vol. 3, p.1208-1253.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1994.

FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. **El español de América.** Madrid, Mapfre, 1992.

FREITAS, N. L. **Mente e linguagem: a perspectiva Chomskyana e sua repercussão nas discussões de Putnan, Fodor e Searle.** Percursos Linguísticos, 2015. v. 5. p. 30-48.

GRAVINA, A. P. **Sujeito nulo e ordem VS no português brasileiro: um estudo diacrônico-comparativo baseado em corpus.** Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: 2014.

GUTIÉRREZ MATÉ, M. Génesis de los pronombres sujetos obligatorios del español del Caribe: la hipótesis del contacto afro-hispánico sometida a revisión. In: (COMPS.), M<sup>a</sup>. T. E. M. et.al. **Ars longa. Diez años de AJHLE.** 1. ed. Buenos Aires: Voces del Sur, 2010. v. 2.

GUTIÉRREZ MATÉ, M. **Pronombres personales sujetos en el español del Caribe.** Variación e historia. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia e Letras, Universidad de Valladolid, Valladolid. Institut Für. Romanistik, 2013.

HENRÍQUEZ UREÑA, P. Observaciones sobre el español de América. **Revista de Filología Española**, n 8, p. 357-390, 1921.

HOLMBERG, A. Scandinavian Stylistic Fronting: How Any Category Can Become an Expletive. **Linguistic Inquiry**, v. 31, n. 3, 2000.

HUANG, C. T. James. On the distribution and reference of the empty categories. **Linguistic Inquiry**, n 15, p. 531-74, 1984.

HYMES, D. Oncommunicative competence. In.: PUGH, A. K.; LEE, V. J.; SWANN, J. (orgs.). **Language and language use**. London: Heinemann, 1966, p 89-104.

GUANCHE, J., **Componentes Étnicos de la Nación Cubana**. Ciudad de la Habana: Fundación Fernando Ortiz y Ediciones Unión, 1996.

JAEGGLI, O.; SAFIR, K. J. The Null Subject Parameter and Parametric Theory. In: \_\_\_\_\_ (orgs.) **The Null Subject Parameter**. Dordrecht: Kluwer, 1989. p. 1-44.

JESPERSEN, O. **The Philosophy of Grammar**. Londres: Allen & Unwin, 1924.

KATO, M. A. Os frutos de um projeto herético: parâmetros na variação. In: HORA, D. da & CHRISTIANO, E. (orgs.). **Estudos Linguísticos: Realidade Brasileira**. João Pessoa: Idéia, 1999. p. 95-106.

LABOV, W. **Sociolinguistics Patterns**. University of Pennsylvania Press, Filadélfia, 1972.

LABOV, W. The Study of Language in its social context. In: \_\_\_\_\_ **Sociolinguistic Patterns**. 3. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1975.

LAPESA, R. **História de la lengua española**. 9 ed. Madrid: Gredos, 1981.

LIPSKI, J. M. **El Español de América**. Madrid: Cátedra, 1996.

\_\_\_\_\_. **A History of Afro-Hispanic Language: five centuries, five continents**. Cambridge University Press: Cambridge, 2005.

LUCCHESI, D. **Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

LOPE BLANCH, J. M. La falsa imagen del español americano. In: **Revista de Filología Española**, v. 72, n ¾, 1992.

LOPÉZ MORALES, Humberto. **La aventura del español en América**. Madrid: Espasa, 1998.

MALMBERG, B. L. L'espagnol dans le Nouveau Monde. Lund: [s.n.], 1948. In: RONA, P. J. El problema de la división del español americano en zonas dialectales, 1964. In: MORENO FERNANDEZ, F. **La división dialectal del español de América**. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá de Henares, 1993. p. 63-75.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria C. F.; LOPES, Ruth E. V. **Novo Manual de Sintaxe**. 3ª ed. Florianópolis: Insular, 2007.

MOLLICA, M. C. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, Maria C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística variacionista: o tratamento da variação**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 27-31.

Morales, A. **La hipótesis funcional y la aparición de sujeto no nominal: el español de Puerto Rico**. Hispania 80, 153-167, 1997.

MORALES, A. **Anteposición de sujeto en el español del Caribe**. L. A. Ortiz López (ed.), 77-98, 1999.

MORENO FERNÁNDEZ, F.; OTERO, J. Demografía de la lengua española In: **El Español en el Mundo: Anuario del Instituto Cervantes**. Madrid: Instituto Cervantes, Arco Libros, 1998. 415 p.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **¿Qué español enseñar?** Madrid: Arco/Libros, 2000.

\_\_\_\_\_. **Principios de sociolinguística: sociología del lenguaje**. 4 ed. Barcelona: Ariel Letras, 2015.

MUGICA, N.; SOLANA, Z. **La gramática modular**. Buenos Aires: Hachette, 1989.

MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras v. 1**. – São Paulo: Cortez, 2001

ORTIZ LÓPEZ, L. A. **Huellas etno-sociolingüísticas bozales y afrocubanas**. Iberoamericana, Madrid, 1998.

ORTIZ LÓPEZ, L. A. El sistema pronominal (afro)cubano: pervivencia de vestigios lingüísticos del bozal afrocaribeño. **Anuario de lingüística hispánica** 14, 413-430, 1998.

PAIVA, M. da C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística variacionista: o tratamento da variação**. 4 ed., 3ª reimpressão São Paulo: Contexto, 2015. p. 33-42.

PAREDES DA SILVA, V. L. Relevância das variáveis linguísticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). 4 ed., 3ª reimpressão. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 67-71.

PÉREZ LEROUX, A. T. **Innovación sintáctica en el español del Caribe y los principios de la gramática universal**. Luis A. Ortiz López (ed.), 99-118, 1999.

PESKOVA, A. **Sujetos pronominales en el español porteño: Implicaciones pragmáticas en la interfaz sintáctico-fonológica**. Berlín: De Gruyter Mouton, 2015.

PINTO, C. F. Los critérios sintácticos em la división del español. In: PINTO, C. F. ; IRALA, V. B. (Orgs.) **Um dossiê de estudos linguísticos hispânicos**. São Paulo: Casa do Novo Autor, 2009. p. 61-97.

POLLOCK, J. Y. **Verb movement, universal grammar, and the structure of IP**. Linguistic Inquiry, [S.l.], 1989. V. 20, n. 3, p. 365-424.

RAMOS, J. **Marcação de Caso e mudança sintática no português do Brasil**. 1992. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 1992.

\_\_\_\_\_, J. “Sociolinguística Paramétrica” ou “Variação Paramétrica”? In: HORA, D.; CHRISTIANO, E. **Estudos linguísticos: realidade brasileira**. João Pessoa: Ideia, 1999. p. 83-94.

RIZZI, L. **The new comparative syntax: principles and parameters of universal grammar**. 1988.

RIZZI, L. **A Parametric Approach to Comparative Syntax: Properties on the Pronominal System**. HAEGEMAN, Liliane (ed.). *The New Comparative Syntax*. London, New York : Longman, 1997.

ROBERTS, I. **Verbs and Diachronic Syntax**. Dordrecht: Kluwer, 1993.

RONA, J. P. El problema de la división del español americano en zonas dialectales. [S.l.: s.n.], 1964. In: MORENO FERNANDEZ, F. (Ed.). **La división dialectal del español de América**. Alcala de Henares: Universidad de Alcala de Henares, 1993. p. 63-75.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

SIEGEL, J. koinés and koineization, **Languages in Society**, v. 14, p. 357-378, 1985.

STANLEY, S. P. **El problema de las variedades del español americano en la quinta zona lingüística según la clasificación de Henríquez Ureña**. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

TARALLO, F. Por uma Sociolinguística Românica “Paramétrica”: Fonologia e Sintaxe. **Ensaio de Linguística**, UFMG, v. 13, p. 51-84, 1987.

TARALLO, F.; KAT O, M. A. Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intralingüística. In: **Preedição 5**. Campinas, Unicamp. p. 315-353, 1989.

TARALLO, F. **A Pesquisa sociolinguística**. 8ª edição. São Paulo: Ática, 2007.

Thorvaldar, T. T. **La vida es como un cachumbambé: Voces africanas en el español cubano**. Dissertação (Mestrado em Linguística Espanhola) - Departamento de Humanidades - Universidade da Islândia, Reiquiavique, 2015

TOMAS NAVARRO, **El español en Puerto Rico**: Contribución a la geografía lingüística hispanoamericana. Río Piedras, Editorial de la Universidad de Puerto Rico, 1948.

VALVERDE, M. de la C. P. Terra das Fronteiras: a Espanha do Século XI ao Século XIII. In: **V.V.A.A. Mudanças e Rumos**: o ocidente medieval. Séculos XI-XIII. Cotia: Ibis, 1997.

WEINREICH, U.; LABOV, W. e HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ZAGONA, K. **Sintaxis generativa del español**. Tradução Heles Contreras e Conxita Lleó. Madrid: Visor Libros, 2006.

ZUBIZARRETA, M. L. Las funciones informativas: tema y foco. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (eds.): **Gramática descriptiva de la lengua española**. vol. 3. Madrid: Real Academia Española - Espasa Calpe, 1999.

Sites:

Instituto Cervantes

[http://www.cervantes.es/sobre\\_instituto\\_cervantes/prensa/2017/noticias/Presentaci%C3%B3n-Anuario-2017.htm](http://www.cervantes.es/sobre_instituto_cervantes/prensa/2017/noticias/Presentaci%C3%B3n-Anuario-2017.htm) Acesso em 01 de maio de 2018. 16:37

PRESEEA (2014): **Corpus del Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América**. Alcalá de Henares: Universida de Alcalá. [HTTP://preseea.linguas.net].

SELLANES, Rosana Beatriz Garrasini. **A Língua Espanhola no Mundo; Brasil Escola**. Disponível em <https://brasilescola.uol.com.br/espanhol/predominancia-da-lingua-espanhola.htm>>. Acesso em 01 de maio de 2018. 16:00